

Diário de Lisboa

DIRECTOR - NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO - MARIO NEVES

TELEF.: 320271 e 320273, 321154 e 321155
END. TEL.: D I B O A - TELEX.: 363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 - LISBOA

ADMINISTRAÇÃO - RUA DA ROSA, 57, 2.
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

EDITOR - J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

GOLPE DE ESTADO MILITAR NO CONGO EX-BELGA

COMENTÁRIO
INTERNACIONAL
de CARLOS FERRÃO

O chanceler em Washington

A visita a Washington do chanceler Erhard foi antecipada a seu pedido. A eleição presidencial francesa justifica essa antecipação. Se de Gaulle for, como espera, eleito, impor-se-á em Bonn uma reviravolta profunda da política externa do Governo federal, paralelamente com o da Aliança Atlântica. Vinte anos decorridos sobre o fim da guerra, a Alemanha continua a ser um país politicamente dividido e militarmente ocupado, estando a ser governada, em Bonn e Pankow, por governos minoritários em relação ao conjunto da população. Uma tal situação ameaça prolongar-se com riscos para o futuro do povo alemão e para a paz da Europa. Não haverá construção europeia enquanto não for resolvido o problema alemão, isto é, enquanto não se encontrar uma fórmula que permita fazer a reunificação sem desencadear um novo conflito.

Na fase actual do problema, essa fórmula é impossível. A União Soviética não abandonará a Alemanha Oriental sem garantias que se resumem nesta expressão: neutralização militar. A reunificação segundo a fórmula Dulles-Adenauer foi sempre uma utopia. A «fusão» gradual das duas Alemanhas, e a neutralização da Alemanha reunificada é a solução que a União Soviética preconiza. Facilmente se calculam as repercussões que dela resultariam. Ao chanceler Erhard cabe a difícil tarefa de presidir à transição da era simbolizada pelo seu antecessor para uma concepção que permita realizar negociações que envolverão a responsabilidade das quatro nações vencedoras. Só estas estão em condições de preparar o tratado de paz, sem o qual a reunificação é um mito.

Alterações ao tráfego ferroviário espanhol

(Ler na pág. 10)

O GENERAL MOBUTU DESTITUIU O PRESIDENTE KASAVUBU E ASSUMIU A CHEFIA DO ESTADO

LEOPOLDVILLE, 25—(ANI, F. P. e R.) — O comandante do Exército congolês, general Joseph Mobutu, depôs hoje o presidente Joseph Kasavubu e o primeiro-ministro designado, Evariste Kimba, num golpe de Estado sem derramamento de sangue, e constituiu um Governo militar, sob a sua chefia.

AS PRIMEIRAS NOMEAÇÕES

O general Mobutu nomeou um dos seus mais íntimos colaboradores, o coronel Leonardo Mulamba, para o cargo de primeiro-ministro.



O GENERAL MOBUTU, novo «homem forte» do Congo ex-belga

ba, como primeiro-ministro para formar um «Governo de união nacional», no qual todas as províncias congoleesas estejam representadas.

Designou, também, o general Louis Bobozo para comandante-em-chefe do Exército, cargo que Mobutu ocupou até ontem.

O general Bobozo e o coronel

Mulamba tinham-se deslocado ontem a esta cidade para o que se afirmou ser uma reunião de rotina do Alto Comando Militar. Segundo círculos geralmente

(Continua na 15.ª página)

QUEM É MOBUTU

(Ler na pág. 10)

A POSIÇÃO DE PORTUGAL NA O. N. U. RELATIVA À RODÉSIA E ÀS NOSSAS PROVÍNCIAS DO ULTRAMAR ESCLARECIDA HOJE PELO MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

O sr. dr. Franco Nogueira, na conferência de imprensa que concedeu esta manhã no Palácio das

O Ghana prepara a mobilização geral por causa da crise rodesiana

ACCRA, 25 — (R.) — O Ghana cancelou hoje todas as licenças militares em virtude da situação na Rodésia e o Governo está a procurar conseguir poderes para uma mobilização geral — anunciou o presidente Nkrumah. Vai ser estabelecida uma milícia de voluntários, cujo alistamento se iniciará na segunda-feira.

Estas comunicações foram feitas pelo presidente durante uma

(Continua na última página)

CLAROS-ESCUROS

por VASCO DA GAMA FERNANDES

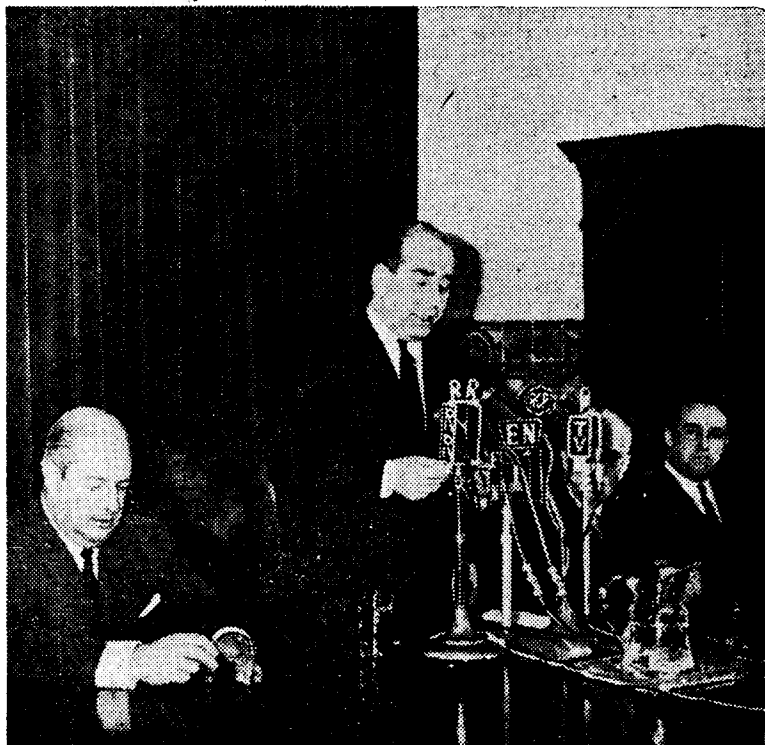
Sai de novo, deslumbrado do Museu de Amsterdão que guarda nas suas salas, entre outros, os claros-escuros de Rembrandt.

Mais do que uma vez tenho escrito que o genial pintor holandês é daqueles que mais toca na profundidade do meu ser. Vi sempre nele a luz viva da esperança e os crepúsculos dos desalentos. Na «Ronda da Noite» ou na «Ronda do Dia», como se quiser, o con-

traste é, ainda, mais evidente: a doçura do amanhecer ou o sol coado pelas frestas a par da escuridão dos recantos e dos pormenores. Creio que é essa a vida, este intervalo entre «o ser» e «o não ser», que vale a pena viver, a despeito dos negrimes da existência por si já precária.

... E para melhor entender Rem-

(Continua na 3.ª página)



Ladeado pelos srs. dr. Moreira Baptista e dr. Luis Archer, o dr. Franco Nogueira faz a sua declaração

Necessidades, fez uma importante declaração, na qual deu amplas explicações sobre as posições ultimamente assumidas por Portugal na O.N.U. Respondendo a críticas, vindas quer do exterior quer do interior, o ministro dos Negócios Estrangeiros explicou os motivos que determinaram as posições da delegação portuguesa durante os últimos debates do Conselho de Segurança relativos às províncias ultramarinas e à Rodésia.

Disse o ministro dr. Franco Nogueira: «No decurso da Assembleia da O. N. U. actualmente reunida, fo-

ram duas as oportunidades em que me desloquei a Nova York. Em primeiro lugar, para assistir à sessão especial em que esteve presente o Papa Paulo VI e escutar as palavras que o Santo Padre então ali pronunciou; e ainda para, na altura que na lista dos delegados inscritos competia à delegação portuguesa, tomar parte no debate geral e expor perante o plenário da Assembleia um certo numero de considerações sobre alguns problemas de ordem genérica mas a que atribuímos importância particular,

(Continua na 8.ª página)

Nova resposta do Ministério da Saúde ao «Diário de Lisboa»

Por intermédio do S. N. I., recebemos do Ministério da Saúde e Assistência a seguinte nota, acerca do nosso comentário à resposta daquele departamento ao nosso artigo sobre «A protecção sanitária»:

«Em artigo do passado dia 15, o «Diário de Lisboa» comenta a nota do Ministério da Saúde e Assis-

cia publicada a 27 do mês findo, em resposta a outro artigo seu, intitulado «A protecção sanitária». Este comentário deseja manter válidas as afirmações anteriores e começa por «reconhecer que o comunicado sob as roupagens de uma argumentação especiosa a que procuraremos contrapor as razões que nos assistem com a imparcialidade que está nas tradições deste jornal, confirma no essencial o ponto de vista defendido que é o da «desfavorável situação médico-assistencial em que nos encontramos» e da necessidade da sua correcção...».

Houve oportunidade de observar, na nota anterior, que as questões apresentadas pelo articulista

(Continua na 14.ª página)

32 PÁGINAS

VIDA LITERÁRIA
E ARTÍSTICA

VISADO PELA CENSURA

De ontem para hoje

TRIBUNAL DE CONTAS

O subsecretário de Estado do Tesouro, dr. Ricardo Faria Blanc, deu ontem posse aos novos presidente e vice-presidente do Tribunal de Contas, respectivamente, os juizes-conselheiros drs. Abílio Celso Lousada e Manuel de Abranches Martins. Na cerimónia, que se revestiu aliás de simplicidade, foram salientados os méritos de cada um dos empossados, aliás, conhecidos ambos na magistratura. Natural de Moncorvo e juiz de Direito, distinto, o dr. Celso Lousada, foi, de Junho de 1937 a Julho de 1938, auditor administrativo do Ministério das Finanças e, depois, chefe de gabinete do ministro da Justiça prof. Vaz Serra. Secretário do Conselho Superior Judiciário, em 1943, foi depois juiz-presidente do Tribunal Especial dos Bêns Alemães e secretário da comissão incumbida de elaborar o novo Código Administrativo. Foi, em Janeiro de 1952, nomeado Inspector-geral do Crédito e Seguros, regressando, em Julho de 1953, de novo ao lugar de secretário do Conselho Superior Judiciário, convidado pelo prof. Pinto Barbosa, então ministro das Finanças, para exercer o cargo de juiz do Tribunal de Contas, ali ingressou em Fevereiro de 1956. Foi nomeado vice-presidente, em Junho de 1964, mas, de facto, exerceu sempre as funções da mais alta hierarquia em virtude do lugar de presidente se encontrar vago. O novo vice-presidente foi notário e presidente da C. M. de S. Pedro do Sul e, depois, adjunto do director da Polícia Judiciária. Em seguida, foi inspector adjunto da Secção Central da Direcção da Polícia Judiciária. Foi representante dos juristas na Junta do Crédito Público e, em 1945, deputado à Assembleia Nacional pelo círculo de Viseu, mandato que não chegou a acabar por, em Janeiro de 1958, ter sido nomeado juiz-conselheiro do Tribunal de Contas pelo então ministro das Finanças prof. Costa Leite (Lumbrales). Em 1952, foi designado vice-presidente da Comissão Central de Inquérito e Estudo da Eficiência dos Serviços Públicos.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEOLOGOS PORTUGUESES

O dr. Borges Garcia falou ontem à noite, na Associação dos Arqueólogos Portugueses, sobre «S. Gião, descoberta e estudo arqueológico de um templo cristão-visigótico na região da Nazaré». Lembrou o estudo ali efectuado sobre as plantas e descreveu o cruzeiro separado da nave por uma «iconostase», composta por uma porta e duas janelas, todas com arcos peraltados e cujos arranques assentam em impostas com motivos decorativos tipicamente visigóticos.

A exposição, ilustrada por elucidativas imagens de plantas, desenhos e fotos, salientou que

O TAMPÃO E O ESTIVADOR

O estivador sr. José António Isidoro, de 55 anos, morador na Rua da Fraternidade Operária, estava a bordo do cargueiro sueco «Nagasaki», atracado à Rocha do Conde de Óbidos. De repente o pesado tampão de um dos porões deslocou-se e esmagou-lhe uma das pernas. Os colegas vieram e deslocaram o tampão, mas este tornou a cair e esmagou-lhe a outra perna. Em estado grave, o pobre estivador, com as duas pernas dilaceradas, recolheu ao Hospital de S. José.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. dr. Francisco Vale Guimarães, comodoro Carlos Henriques e Ildio de Oliveira Barbosa, e dr. José Augusto Correia de Barros.

UNIÃO NACIONAL

Efectuou-se, ontem, uma sessão de trabalho da União Nacional, sob a presidência do dr. Castro Fernandes. Nela participaram os vogais da Comissão Executiva, srs. conselheiro Armando Cândido de Medeiros, Francisco Calzal-Ribeiro e capitão Soares da Cunha, o presidente da comissão da província de Moçambique, dr. D. Gonçalo de Mesquita; os presidentes das comissões distritais de Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Bragança, Porto, Leiria, Viseu, Guarda, Castelo Branco, Lisboa, Setúbal, Santarém, Portalegre, Évora, Beja e Angra do Heroísmo, respectivamente srs. dr. Araújo Novo, coronel Leonardo Neves, Manuel Gonçalves Grilo, coronel Augusto Machado, dr. Manuel de Lemos, eng.º Mário Santos Gallo, dr. Armindo Crespo, dr. Saraiva de Melo, dr. José de Carvalho, eng.º Jorge Coimbra, dr. Seabra Carqueijero, eng.º Calheiros Lopes, dr. Armando Sampaio, dr. Armando Perdigão, dr. Francisco Lopes Vasques e dr. Rafael Valadão dos Santos, e o vice-presidente da comissão distrital de Aveiro, dr. Artur Correia Barbosa. Procedeu-se ao exame sumário da situação política e efectuou-se uma extensa troca de impressões acerca do plano de acção a desenvolver, com vista ao reforço da estrutura actual da organização, para o efeito de a habilitar ao pleno desempenho da sua missão no quadro da vida nacional.

MAQUINAS-FERRAMENTAS

O secretário de Estado da Indústria, eng.º Amaro da Costa, falou ontem à noite, no jantar de encerramento do Congresso da Comissão Europeia de Cooperação das Indústrias da Máquina-Ferramenta. Disse aquele membro do Governo que se «considera a indústria da máquina-ferramenta muito importante para o desenvolvimento global do País». Disse depois ter «sido feito e concluído um estudo da reorganização deste sector industrial depois de uma colaboração muito positiva e eficaz entre o Estado e o sector da indústria privada». E prosseguiu: «O dinamismo demonstrado pelos responsáveis deste último sector deve garantir a eficácia das medidas de apoio governamental propostas tanto os estímulos para os financiadores como as condições para o aumento constante da produtividade e, sobretudo, para a garantia da qualidade mínima, tão importante neste tipo de produção. Este estudo demonstrou, no entanto, que não pode haver progresso sensível, na medida das necessidades do progresso industrial do País, sem a colaboração da indústria estrangeira, a qual, durante longos anos de árduos esforços, reuniu uma técnica e uma experiência que elevaram o seu prestígio a um nível difícil de atingir. E os industriais portugueses bem fizeram quando, logo a seguir à criação da sua associação, pediram a sua admissão na Comissão Europeia de Cooperação das Indústrias da Máquina-Ferramenta, pois o espírito que informa esta associação, aliás bem expresso na sua designação, deve permitir a troca de experiência e conhecimentos de que têm necessidade».



Tranchinhas, óculos e uma estampa de Beethoven na camisola dão a Jane Fonda um ar sofisticado de pseudo-intelectual, no novo filme «The Quarry», que está a ser realizado pelo marido, o bem conhecido criador de «estrelas»: Roger Vadim

LIVROS NOVOS

«APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DOS PORTOS E CAMINHOS DE FERRO DE MOÇAMBIQUE»

por Carlos Ribeiro

A importância dos portos e linhas férreas moçambicanas na economia da grande província da África Oriental e na sua evolução histórica não teve ainda a contrapartida de um trabalho de investigação ampla que condense os seus factos, desde as origens à actualidade. Sobre eles escreveram já muitas dezenas de autores, mas nenhum, ainda, com propósito sistemático e exaustivo. O volume recentemente publicado por Carlos Ribeiro traz apreciável contribuição para a história definitiva dos portos e caminhos de ferro de Moçambique, no período de 1854 a 1909 em que confina o seu trabalho de investigação e compilação. Os períodos anterior e posterior a essas datas serão objecto de outros estudos anunciados pelo autor.

CONFERÊNCIAS

Na Faculdade de Ciências de Lisboa

Amanhã, às 18 horas, no anfiteatro de Botânica da Faculdade de Ciências de Lisboa, o prof. J. Leal Prado, director do Departamento de Farmacologia e Bioquímica da Escola Paulista de Medicina de São Paulo, fará uma conferência intitulada «Aspectos químicos e farmacológicos do veneno da vespa».

Na Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias

Amanhã, pelas 21 e 30, o prof. Fernando Barreira, da Faculdade de Ciências de Lisboa e dos Centros de Estudos de Energia Nuclear, profere na Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias, uma conferência subordinada ao título: «O Sr na cadeia alimentar: factores de distribuição».

O ALOJAMENTO DOS «CIGANOS DOS MAR»

(temporariamente resolvido)

necessita de uma solução definitiva

Nove tendas de lona foram montadas na zona ribeirinha da Póvoa de Santa Iria, por iniciativa do nosso prezado colega «Diário de Notícias» e da Cidla, destinadas aos «ciganos do mar» cujas barracas foram destruídas, como oportunamente noticiámos, por funcionários da Administração-Geral do Porto de Lisboa.

Eram quatro horas da madrugada quando a última tenda acabou de ser erguida. Quarenta pessoas, molhadas até aos ossos trilhando de frio, terminaram a madrugada sob a lona protectora.

Não oferecemos qualquer resistência aos homens que deitaram por terra as nossas barracas — disseram-nos os «ciganos do mar» — unicamente lhes lembrámos que havia pessoas idosas e crianças doentes.

Foi-nos mostrado o menino Joaquim Manuel, de 2 anos, que padece de bronquite asmática. Levam-nos até junto de Maria Emilia Cláudio, de 36 anos, atacada de paralisia e que se encontra às portas da morte. Vimos, ainda, a septuagenária Guilhermina Lobo, entretida, viúva há dois meses.

As tendas de lona ficarão na zona ribeirinha até que se concretizem determinadas diligências para alojar algures os «ciganos do mar».

Disse-nos a sr.ª D. Maria Fernanda da Costa Pinheiro Gonçalves, auxiliadora social:

— O sr. almirante Henrique Tenreiro solicitou já à Administração-Geral do Porto de Lisboa que não ordene a destruição do «bairro de baterias varadas em terra». Tem-se procurado terreno para construção de um bairro destinado aos «ciganos do mar». O presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira informou, no entanto, que não há terreno disponível no concelho para tal fim. Esta manhã, ignorando a existência das tendas de lona, vim cá com o fim de convidar os desalojados a mudarem-se para a Junqueira, onde a Junta Central da Casa dos Pescadores possui um refeitório-dormitório. Mas os «ciganos do mar» recusaram o convite...

Ouvimos, então, a opinião dos desalojados.

— Como ir para a Junqueira — disseram-nos — se a nossa vida é aqui? Aqui ganhamos o nosso pão, todos os dias, faça bom ou mau tempo.

Soubese, ao princípio da tarde, que o sr. almirante Henrique Tenreiro, presidente da Junta Central das Casas dos Pescadores, se reuniria com os «ciganos do mar».

A edição é apresentada pela Direcção dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique, com sede em Lourenço Marques.

«A APRENDIZAGEM NAS EMPRESAS»

Edição do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra

Constitui este trabalho o 10.º «Caderno» das edições do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra e foi levado a efeito pelos funcionários da Divisão de Estatística desse organismo oficial, srs. L. Morgado Candido, A. Roque Antunes e Pedro Loff. Recordase que o Fundo, a par de outras iniciativas julgadas convenientes, procedeu, através da Divisão de Estatística, à realização, em fins de 1963, de um inquérito por amostragem junto de cerca de 1700 empresas do País, com a intenção de recolher elementos, ainda que genéricos, sobre alguns aspectos ligados às condições em que nelas decorre a aprendizagem.

No presente caderno publicam-se os resultados desse inquérito, incidindo a análise sobre os processos seguidos pelas empresas na selecção e recrutamento dos seus aprendizes, locais, duração e cursos especiais de aprendizagem, instrutores, etc. Para além disso, fazem-se ainda alguns considerandos quanto ao numero de aprendizes ao serviço, sua repartição por idades, sexo e habilitações escolares, bem como quanto ao numero de aprendizes

nira, de manhã, com os srs. drs. Osório Vaz, governador civil de Lisboa, e Dias Simão, presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, e eng. Pedro Nunes, director-geral do Porto de Lisboa, com os quais tratou de problemas respeitantes à construção imediata de seis casas de madeira, com as condições sanitárias indispensáveis para instalar, provisoriamente, as famílias que ficaram desalojadas.

Essas casas de madeira começaram já hoje a ser construídas na orla marítima, próximo do local onde as famílias viviam. O presidente do Município de Vila Franca de Xira assegurou a cedência do terreno necessário para a construção imediata, naquela vila, de um bairro para pescadores, com um total de 80 casas.

Homenagem em Santarém

aos grupos folclóricos

que têm colaborado

na Feira do Ribatejo

SANTARÉM, 25 — A comissão executiva da Feira do Ribatejo — há dois anos elevada a Feira Nacional de Agricultura — vai prestar homenagem aos grupos folclóricos que concederam dez anos de colaboração à Feira.

A homenagem constará de sessão solene seguida de exibição, no Teatro Rosa Damasceno, pelas 22 horas do dia 4 de Dezembro próximo. Participarão na homenagem as autoridades distritais e concelhias e entidades oficiais ligadas ao turismo e à etnografia.

Bolsas de estudo do American Field Service

Foi prorrogado até o dia 30 do corrente o prazo para as inscrições para as bolsas de estudo concedidas pela organização cultural American Field Service.

Todos os jovens entre os 16 e os 18 anos, frequentando o 3.º ciclo dos liceus que estejam interessados em passar um ano nos Estados Unidos e frequentar uma escola secundária norte-americana, devem endereçar um pedido de inscrição para: American Field Service, Av. dos Estados Unidos da América, 94-13.º-C, Lisboa.

ANTIGOS ALUNOS

DO LICEU DE FARO

Dado o já elevado numero de inscritos para a reunião de confraternização académica dos antigos alunos do Liceu de Faro que, conforme já foi anunciado, se efectua no próximo dia 1 de Dezembro, na Casa do Algarve, em Lisboa, a comissão organizadora resolveu que o prazo para as inscrições termine em 27, e não em 29 do corrente, como inicialmente fora determinado, devendo as mesmas ser feitas na secretaria da Casa do Algarve, Rua Capelo, n.º 5, 2.º (telef. 323240), das 15 às 22 horas. Ali serão prestados todos os esclarecimentos.

FOI LOCALIZADA

A CARAVELA

DE QUE NÃO HAVIA NOTÍCIAS

RIO DE JANEIRO, 25. — (A. N. I.). — Uma comunicação recebida pela Embaixada de Espanha confirma ter sido localizada no Porto de Panamaribo, na Guiana Holandesa, a caravela espanhola «Oltrane de San Lucas», que há muito tempo partira de Espanha com destino ao Rio de Janeiro.

A nave, que se imaginava perdida, foi afastada por violento temporal, da sua rota, segundo informou o capitão Carlos Etayo, acrescentando que tanto ele como os restantes dez homens da tripulação se encontravam bem.

(Continua na 23.ª página)

Ora, diga-nos...

—Tem medo dos ratos?



• A nossa pergunta de hoje dirigia-se às senhoras. Elas é que têm medo dos ratos, diz-se. Na impossibilidade de sabermos o que pensam os cavalheiros acerca deste momento assunto, aparece-mos de improviso em três locais diferentes, furando pela multidão como um rato entre os móveis abandonados do sótão. Angelina Alves Pereira, jovem empregada de uma sapataria, riu francamente quando lhe desfechámos a pergunta: — Não tenho medo nenhum! Já vi muitos ratos, e até hoje nada. — Importava-se de agarrar um ratinho e pô-lo na palma da mão? — Isso é outra conversa... — E se encontrasse um rato na cama? — Fugia logo! — E na sopa? — Pior ainda. Que nojo! — Se fosse gato, um gato dos grandes, crescia-lhe água na boca se descobrisse um rato? — Sim, com o apetite que tenho... Ai, mas que perguntas que o senhor me faz!



• Uma dona de casa, a senhora D. Maria Helena da Silva Prazeres Alves, encerrou as respostas desta forma: — Tenho medo, tenho um medo horrível! Faz-me nervos vê-los aos saítas, ao pé de mim. — Então sobre para uma cadeira, minha senhora? — Fujo da sala, que é mais porcaria! — Mas gosta dos ratinhos brancos, com certeza. — Nem por isso. São ratos a mesma!

— Fugia logo! — E na sopa? — Pior ainda. Que nojo! — Se fosse gato, um gato dos grandes, crescia-lhe água na boca se descobrisse um rato? — Sim, com o apetite que tenho... Ai, mas que perguntas que o senhor me faz!

• A segunda entrevista foi para Maria Amélia Verdinho, apanhadeira de malhas. Medo dos ratos? — Medo próprio. Quando vejo algum, tento cacá-lo. No Ribatejo, em pequena, far-me de andar atrás das ratazanas. Quer saber uma coisa? — Diga. — Quem tem um medo terrível dos ratos é a minha irmã. — Ah sim? E porquê? — Porque uma vez já comendo um Teimoso com a minha avó que havia carne de porco no pote da banha, tirou um pedaço, meteu-o dentro de um papo-seco quente... — E era um rato... — Claro. Ainda hoje tem medo nem que seja dum rato morto!



O caso do rapaz

ferido em Camarate

Continua em estado de coma e sem fala, no Hospital de Santa Maria, o aprendiz de cortador António Fernando do Amaral Teixeira, de 15 anos, morador no Bairro dos Fetais, freguesia de Camarate, que, nuns terrenos entre o Bairro de Angola e a estrada militar, foi encontrado, de noite, inanimado e apresentando um ferimento na face esquerda. Apesar das diligências ontem e hoje efectuadas pelo primeiro-cabo António José Rodrigues, comandante do posto da Guarda Nacional Republicana, e pelos seus soldados, que efectuaram batidas e interrogaram os familiares do pequeno e outros indivíduos, não foi conseguido qualquer elemento para o esclarecimento do caso. A única circunstância certa é que o local onde o ferido foi encontrado é um atalho com mau caminho e sem luz, onde por vezes se juntam indivíduos que se entregam à prática de jogos ilícitos, supondo-se que um deles terá sido o agressor.

CURSO PRIMARIO

para adultos

Continuam abertas as matrículas para a frequência do curso primário, para adultos de ambos os sexos, do Centro Escolar Republicano Dr. António José d'Almeida, que funciona na Travessa da Nazaré, 21.

VIDA SOCIAL

DR. CORRÊA DE BARROS

Por via aérea, seguiu para Lourenço Marques o dr. Corrêa de Barros, presidente do conselho de administração da Companhia Nacional de Navegação.

Foram entregues prémios pecuniários por «sugestões felizes» a empregados da Mobil

Hoje, nas instalações da Mobil Portuguesa, em Cabo Ruivo, foram entregues a dois empregados desta companhia, os prémios atribuídos a duas sugestões por eles apresentadas, ao abrigo do Plano de Sugestões da Mobil. Fernando Fontinhas e Manuel Bento, os dois premiados, receberam prémios pecuniários de, respectivamente, 3050\$00 e 4000\$00 e os diplomas que «oficializaram» a aprovação e entrada em vigor das suas sugestões, as quais se referem à adaptação das curvas de enchimentos de tanques de combustível, o que torna possível a verificação directa do nível daqueles; e à aplicação mais racional de uma nova caldeira.

Os prémios foram entregues durante uma pequena pausa no trabalho. Estiveram presentes os srs. T. Mouta Felgueiras, chefe do Departamento de Relações, Luís Perestrelo, superintendente da instalação de Cabo Ruivo; Luís Vendrell, adjunto; A. Soeiro Doreis, chefe da Secção de Estudos e Pensões e presidente da Comissão do Plano de Sugestões; J. Garin, pela Divisão de Gás Mobil, os chefes directos dos premiados e os delegados locais da comissão do plano.

Após o superintendente, sr. Luís Perestrelo, ter dirigido aos premiados breves palavras de agradecimento e de lhes ter apresentado as suas felicitações, o sr. Soeiro Doreis lembrou os objectivos do Plano de Sugestões e a responsabilidade que cabe aos supervisores no estímulo e amparo com que devem rodear as novas ideias que surgem.

Finalmente, o chefe do Departamento de Relações, sr. Mouta Felgueiras, agradeceu aos membros presentes da comissão do Plano, o bom trabalho que têm realizado, lembrando que é aos empregados que executam as tarefas, sejam elas de que tipo forem, que se devem as verdadeiras inovações de processos e dos instrumentos de trabalho, e que são, portanto, as suas ideias e sugestões as que mais devem merecer o carinho e a atenção dos seus superiores.

OS POBRES DO BARREIRO

vão ter o seu Natal

BARREIRO, 25. — O «Farrapeiro dos Pobres» abre hoje, na Avenida Alfredo da Silva, 49, uma exposição com venda de artigos destinados à quadra do Natal, cujo produto reverte a favor dos necessitados. Todos os objectos expostos foram manufacturados por um grupo de senhoras residentes no Barreiro.

No próximo dia 28, o «Farrapeiro dos Pobres» leva a efeito na área do Alto do Seixalinho, desta vila, uma recolha de objectos oferecidos para o mesmo efeito.

Secretariado Geral da Defesa Nacional

Foi nomeado adjunto da 1.ª Repartição do Secretariado Geral da Defesa Nacional, o sr. tenente-coronel José Vicente Gomes Cardoso.



Dois jovens escritores seleccionados para o livro da Portugal: Ana Maria Marques da Silva, 10 anos, da Escola Industrial e Comercial de Castelo Branco, e Eduardo Veira Camacho da Silva, 12 anos, da Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém, de Lisboa.



Outros dois escritores seleccionados: José António Marreiros Pinto, 10 anos, da Escola Técnica Elementar Nuno Gonçalves, e Mário José Dias Cunha, 12 anos, da Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, ambos de Lisboa.

Um júri de especialistas aprecia as produções enviadas para «O Natal visto pelas crianças»

O nosso concurso, que atinge este ano a sua oitava organização ininterrupta, está aberto a todas as crianças até aos 14 anos. Segue-se que serão tomados em devida conta os escalões de idades. Para o livro da Portugal Editora, por

O «Lacar» foi desencalhado e vem a reboque para o Tejo

PENICHE, 25. — Após porfiados esforços, foi, finalmente, desencalhado o cargueiro espanhol «Lacar» que há oito dias havia dado à costa na praia de banhos desta vila.

O rebocador «Sintara» já tinha conseguido endireitar o navio, e a posição deste, ultimamente, era, de certa maneira, favorável para o seu salvamento.

No entanto, e considerando que as marés haviam diminuído de volume, esperava-se que a oportunidade para safar o navio só surgisse com as próximas marés vivas.

Não o entendeu assim, porém, o capitão daquele rebocador, o qual confiando nas possibilidades do seu barco e na competência do seu pessoal, fez nova tentativa hoje de madrugada, e viu coroado de êxito os seus esforços, pondo, às 4 horas, o «Lacar» a flutuar, no meio do entusiasmo de todos.

O cargueiro espanhol saiu deste porto, ao meio-dia de hoje, a reboque do «Sintara», com destino ao Tejo, onde deve chegar à tarde para entrar numa doca seca, a fim de ser devidamente vistoriado e receber as reparações de que necessitar.

Entretanto, algumas toneladas de madeira que constituíam a carga do «Lacar» foram recolhidas na praia e entregues na Alfandega, a fim de serem, mais tarde, leiloadas, pois o seu desembarque foi ilegal, embora efectuado em condições de reconhecida emergência.

TELEVISORES
PEQUENO ANÚNCIO
GRANDES DESCONTOS
A. SANTOS SILVA
4-A — R. Passos Manuel — 4-A

A CIDADE

Três lindas flores numa bela noite de luar levaram um homem ao tribunal

O caso passou-se numa linda noite de luar, no jardim da Amadora, todo cheio de canteiros de flores. Um ambiente sugestivo e a fazer pensar numa serenata. Mas não foi isto que aconteceu. Sucedeu, sim, passar por ali o sr. Jorge Venceslau Brito Aranha, pessoa de toda a respeitabilidade e que trabalha todas as noites geralmente até às 0 e 30.

Quando atravessava aquele jardim — Parque Delfim Guimarães — viu no chão três lindas flores abandonadas. Baixou-se e apanhou-as, colocando-as na pasta que levava de baixo do braço.

A poucos passos de distancia, viu um agente da P. S. P. a quem se dirigiu nestes termos:

— O sr. guarda! Encontrei estas três flores caídas ali e apanhei-as. Foi alguém que as deixou cair sem dar por isso!

— E não foi o senhor que as colheu?

— Se tivesse sido eu, não me dirigia ao sr. guarda.

— Então, venha comigo ali-é esquadra, para pagar a multa de 48\$00.

O sr. Brito Aranha acedeu imediatamente e, uma vez ali, verificou-se que a multa era de 96\$00 e

não de 48\$00. Nestes termos o sr. Brito Aranha declarou que só pagava a multa se fosse condenado em tribunal, visto não concordar com ela tanto mais que fora ele, na sua boa fé que se dirigira ao autuante.

O processo foi para o Tribunal de Polícia, onde foi julgado o arguido pelo juiz sr. dr. Nunes Correia. Ouvidos os autuantes, um declarou que o vira com três flores e o outro que o vira atravessar os canteiros do Parque Delfim Guimarães, que é público, talvez com a intenção de colher flores.

O arguido, ao atravessar os canteiros, produziu qualquer dani-ficação?

Os autuantes responderam que não.

— Mas viram-no colher as flores que ele levava?

— Não senhor.

Em seguida, foi lida a sentença absolvendo o réu por não se ter provado a acusação. Fez-se justiça.

Foi atropelado e abandonado

o homem que apareceu ferido no Alto da Ajuda

Continua internado na sala de observações do Hospital de S. José, com uma perna fracturada, o sr. Manuel Silvestre, guarda-fios da Companhia dos Telefones, natural de Lisboa e residente no Bairro do Caramão da Ajuda, encontrado caído no solo, pelo sr. António Gomes Aleixo, guarda florestal, no arruamento que dá acesso à Estrada do Penedo, próximo do restaurante Mata Verde.

O ferido declarou que foi atropelado por um motociclista, o qual o abandonou na estrada, dizendo-lhe que ia buscar um carro de socorro, mas não voltou a aparecer. A P. S. P. procura o motociclista desumano.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um pneu de roda de automóvel; uma nota do Banco de Portugal; uma mala de viagem; duas carteiras com documentos de Edite dos Santos Marques e Virgílio Carlos de Almeida Silva; os passaportes de Maria do Carmo Costa Graça e Augusto Fernando Martins de Madureira; uma procuração passada a favor de Serafim Marques da Fonseca; o bilhete de identidade de Manuel João de Oliveira; um livro com capa de cabedal; um estojo com lápis; uma camisola; uma caneta de tinta permanente; uns óculos graduados; um par de luvas; luvas desirmanadas; um tampão de roda de automóvel e diversas argolas com chaves.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

José Carreira Poças

LEIRIA, 25. — Com grande acompanhamento, realizou-se para o cemitério desta cidade, o funeral do sr. José Carreira Poças, de 69 anos, casado, natural de Reguengo do Fetal e há muitos anos radicado nesta cidade, antigo comerciante e sócio da firma local Poças, Limitada. O extinto, que era pessoa muito considerada, deixa viúva a sr.ª D. Alda Brígida Poças.

SUFRAGIOS

Luís França de Sousa

Os funcionários da Direcção-Geral de Transportes Terrestres mandam rezar missa, ao meio-dia, na igreja da Pena, à Calçada de Santana, por alma do seu amigo e colega Luís França de Sousa, falecido no dia 19 do corrente.

Flora Pereira

Canta na «SEVERA»

DIVERSÕES

TEATROS ★ CINEMAS

CIRCO ★ VARIEDADES ★ ÓPERA ★ BAILADO ★ TV ★ RADIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- A peça «O Irmão», de David Mourão Ferreira, será apresentada esta temporada pela Companhia Nacional de Teatro.
- No próximo dia 7 haverá um espectáculo de variedades na Incrivel Almadense, com os nossos melhores artistas, destinado a angariar fundos para a construção da campá perpétua de Marina Neves.
- O actor Virgílio Teixeira vai participar numa película norte-

-americana, contracenando com Jeanne Moreau e Shirley MacLaine.

- Vai retomar a sua actividade profissional o actor Ruy Metelo, que saiu do Hospital da Estrela.
- A temporada de Teatro francês, no S. Luís, terminará com «Les monstres sacrés», de Jean Cocteau.
- Em ritmo acelerado, continuam os trabalhos de montagem da peça «Thomas Moore» com a qual o Teatro Estúdio de Lisboa inaugura, ainda este mês, a sua nova temporada.
- Alexandre Babo estreou-se co-

mo encenando na peça «A gai-votas», de Tchekov, levada à cena pelo Grupo de Teatro da Academia de Santo Amaro.

- Durante a temporada de teatro francês que o S. Luiz apresenta de novo este ano será representada a peça «La Guerre Civile», de Henry de Montherlant, interpretada por Fernand Ledoux e Jacques Dacqmine.
- A convite da R. T. P. o cancionista Rui de Mascarenhas, que está há longo tempo a trabalhar no estrangeiro, deslocar-se a Lisboa em Janeiro a fim de actuar nos estudos do Lumiar.

NO TEATRO VILLARET

«O Homem que Fazia Chover» — uma história para todas as mulheres que têm um problema de amor

Lizzie era uma rapariga feia mas todo o seu intimo era tão se- quioso de amor como a terra árida e seca onde vivia com sua família — pai e dois irmãos, que a quem casar com alguém. O seu temperamento debate-se com a necessidade de amar, mas o seu orgulho de mulher repudia o casamento por conveniência.

E ela sente-se feia até ao momento em que vê nos olhos de um homem, «O Homem que Fazia Chover», a sua imagem reflectida e diferente. Então ela sente-se bela, porque é o amor que nasce quando a chuva vem. Uma encenação de Alain Oulman e cenário de Pinto de Campos e actuações inesquecíveis de Eunice Muñoz (em Lizzie) e Costa Ferreira, Fernando

Gusmão, João Perry, Rogério Paulo, Jaime Santos e José de Castro (por ordem de entrada em cena). Um conjunto admirável. «O Homem que Fazia Chover», mais do que uma peça de teatro, é um espectáculo para viver no momento actual.

Todas as noites às 20 e 45 e 23 horas, no Teatro Villaret, «O Homem que Fazia Chover».

NO MARIA VITÓRIA

Grande êxito da revista «E Viva o Velho!»

Com um grande elenco, no qual avultam os nomes de Camilo de Oliveira, Maria Dulce, Jo Apoloni, Luísa Durão, António Anjos, Carlos Nascimento e as atracções Paula Ribas e António Mourão, além do popular actor Costinha Eduardo Damas apresenta todas as noites, às 20 e 45 e 23 horas a alegre

(Continua na 6.ª página)

CASINO ESTORIL

APRESENTA
NUM MAGNÍFICO
«SHOW»:

CLARA
RAY

UMA VOZ
INSINUANTE
DAS NOITES
LONDRINAS



ANTÓNIO CALVÁRIO

VEDETA DO CINEMA E DA RADIO PORTUGUESA

VENDRYES

NOME GRANDE DO ILUSIONISMO MUNDIAL

JAN ARNTZ

FAMOSO INTERPRETE DE MELODIAS INTERNACIONAIS
COM O SEU «SHOW-BALLET» DA TV HOLANDESA

PREÇOS: Sábados, consumo mínimo 60\$00. Nos outros dias, consumo mínimo 40\$00. Todos os dias jantar 65\$00. (Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

No CINEMA, às 17 e 21.30 horas:

«UMA AVENTURA EM CRETA»

(A tarde e à noite para maiores de 12 anos)

TODOS OS DOMINGOS, «MATINÉE», AS 17 HORAS

COM O «SHOW» HABITUAL

Chá completo — 25\$00. (Taxas e impostos não incluídos)

Os mesmos artistas actuam também todas as noites no

Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador

(MAIORES DE 17 ANOS)

NO MONUMENTAL

«O Comprador de Horas» em sexto mês de representações

Seis meses consecutivos de en- chentes, de aplausos, de críticas, e êxito interminável, para aplau- dir tão grande espectáculo que ra- ramente se tem visto nos nossos palcos. Obra de êxito mundial, original de Jacques Deval, «O Com- prador de Horas», chega até nós como verdadeiro acontecimento ar- tístico e é recebido pelo público que vivamente o aceita e que to- das as noites acorre ao Teatro do Saldanha, para assistir a este admirável espectáculo. A interpre- tação foi confiada a um escolhido elenco que Vasco Morgado reúne naquele palco, como poucas vezes foi possível ver até hoje, entre nós. Distinguem-se Paulo Renato e Rui de Carvalho em duas bri- lhanças criações, ao lado de pre- stígio e talentosa Laura Alves. Ho- je, e todas as noites, em 23.ª se- mana de enches, «O Comprador de Horas» no palco do Monumental.

TRINDADE (F.N.A.I.)

As 21.45 h.

(Maiores de 12 anos)

V CENTENÁRIO DE GIL VICENTE

INÉS PEREIRA

Evocação Vicentina

PELO NOTÁVEL ELENCO DA
COMPANHIA NACIONAL
DE TEATRO

(Sub. pelo Fundo de Teatro)
Até segunda-feira encontra-se
esgotada a lotação



Em 5 de Dezembro

ESPECTACULO

PARA CRIANÇAS

(Maiores de 12 anos)

peço

TEATRO

DO GERIFALTO

(Sub. pelo Fundo de Teatro)

BILHETES A VENDA

AVENIDA HOJE,

Tel. 32 03 79

A peça que conquistou o público de Lisboa

A ESCADA

Interpretação da Companhia
do TEATRO NACIONAL
D. MARIA II

Sábado, às 16 horas — Tarde
a preços reduzidos



Lar Português

R. da Barroca, 129
Telefone 36 97 60

FADOS POR:

BEATRIZ FERREIRA

ANTÓNIO ROCHA

CECÍLIA DE JESUS

JOSÉ BORGES

EM FADOS DE COIMBRA

Lourenço de Oliveira

Canta na «SEVERA»

TEATRO

VARIEDADES

2 SESSÕES:
às 20.45 e 23 horas

A PONTE A PÉ!

com
SÁLVADOR * HUMBERTO * LÍGIA * MARIEMA
a vedeta americana VERA SANDERS * SPINA
* NATALINA



Sara Rocha

CINEMA MONUMENTAL

QUINZENA WESTERN

RIO BRAVO (HOWARD HAWYS)

com John Wayne e Dean Martin

PROX. QUINZENA: GERARD PHILIPPE (início a 29 Nov.)

AMANHÃ

às 18.30 h

Maiores

12 anos



ENCONTRA-SE

halazon

em Paris, em Roma,
em Bruxelas
... e naturalmente na sua
própria terra.
As ideias modernas
conquistam depressa um
continente inteiro,
quando são boas,
como a ideia do
HALAZON SPRAY ORAL

Foi o primeiro aerosol
bocal, introduzido na
Alemanha e também
em Portugal.



halazon
SPRAY ORAL

FRESCURA
SEMPRE À MÃO,
SEM A MENOR
COMPLICAÇÃO.

Após as refeições, depois de ter fumado muito
ou tomado bebidas alcoólicas; quer em viagem,
em reuniões, conferências - ou longe da escova
de dentes e precisar de refrescar a boca.

Mais de 180 pulverizações de frescura. Por cada pulveri-
zação grandes benefícios. Preço: 32\$50

ANASCO GMBH WIESBADEN

Este filme é um exclusivo de época, não sendo, portanto, exibido noutra cinema antes de Outubro de 1966.

TREMENDO!!!

**CADA SEGUNDO É UMA
EXPLOSÃO DE EMOÇÕES!**

JULES BRICKEN apresenta

BURT LANCASTER

em

O COMBOIO
(THE TRAIN)



UM DOS GRANDES ACONTECIMENTOS DA TEMPORADA EM SENSACIONAL

2ª SEMANA NO



com **PAUL SCOFIELD**

e MICHEL SIMON • SUZANNE FLON
WOLFGANG PREISS • RICHARD MUNCH

Maiores de 12 anos

JEANNE MOREAU

Argumento de FRANKLIN COEN e FRANK DAVIS

Prod. de JULES BRICKEN Realiz. de

JOHN FRANKENHEIMER Um filme da

UNITED ARTISTS



MONUMENTAL

Telef. 55 51 33

TEATRO
AS 21.45 H.

23ª SEMANA
(ADULTOS)

LAURA ALVES e m

O COMPRADOR DE HORAS

com PAULO RENATO e RUI DE CARVALHO

Um espectáculo de VASCO MORGADO

DOMINGO, A TARDE, AS 16 HORAS

Samba

R. Duque de Palmela, 27-A
Telef. 41953 e 46590 — LISBOA
HOJE E TODAS AS NOITES



TONY DE MATOS

música constante para dançar com
o conjunto de Heli Grevy
(Maiores de 17 anos)

Arminda da Conceição

Conta na «SEVERA»

No BOMBARRAL o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na casa GARRUDO & RAMOS, RUA DO COMERCIO, 39.

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

2 SESSÕES: às 20.45 e às 23 h.
BILHETES DESDE 15\$00

ELA CHAMA-SE «LIZZIE». ELE É...

**O HOMEM QUE FAZIA
CHOVER**

Uma bela mensagem de amor
e esperança

Extraordinário desempenho de

EUNICE MUÑOZ

e (por ordem de entrada em cena)

M/ 17 anos



Costa Ferreira Fernando Gusmão João Perry Rogério Paulo Jaime Santos José de Castro
Encenação de ALAIN OJLMAN Cenário de PINTO DE CAMPOS

SENSACIONAL!!!

A partir do dia 3 de Dezembro o seu teatro também será o

TEATRO CAPITÓLIO

Telef. 32 74 93
(ADULTOS)

VASCO MORGADO apresenta

UM DOMINGO EM NOVA IORQUE

3.º MÊS

HENRIQUE SANTANA e FLÓRELA QUEIROZ

UMA COMÉDIA MODERNA, PICANTE E ALEGRE!

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto, em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

DIVERSÕES

TEATROS * CINEMAS

CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

e engraçadíssima revista «E Viva o Velho», que vai no terceiro mês de representações, no Teatro Maria Vitória.

Tanto pela beleza de montagem e guarda-roupa, como pela lindíssima música, beleza das mulheres e graça do texto, todos concordam que «E Viva o Velho!» é, de facto, uma revista excepcional e um espectáculo que todos devem ver.

NO VARIEDADES

Magnífica actuação de Lígia Teles na revista «A Ponte a Pé!»

Lígia Teles, expoente da vanguarda da moderna geração teatral, atinge alto nível na magnífica revista «A Ponte a Pé!», em cena no Teatro Variedades, logrando atrair boa parte da atenção do público que todas as noites esgota o melhor e mais elegante dos teatros do Parque Mayer. Lígia Teles, muito especialmente em «Evocação de França», proporciona plena exemplificação dos seus excepcionais dotes artísticos e do seu talento verdadeiramente fulgurante. A seu lado, destacam-se Salvador, Humberto Madeira, Mariama, Vera Sanders (estrela das Américas pela primeira vez em tabladões europeus), Spina, Natalina José, Lita Costa, Linda Silva, Palmira Ferreira, Teresa Torga, Guida de Carlo, Simone Maria, Odete Antunes, Mitó, Sara Rocha e Gina Loureiro. Um fabuloso corpo de baile integrado de bailarinas francesas, cinto — igualmente — no espectáculo do ano: a super-revista «A Ponte a Pé!», em cena todas as noites pelas 20 e 45 e 23 horas.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«00-2 Operação Bikini» no Odeon

Ontem, antes da estreia de «00-2 Operação Bikini», verificada no Odeon, anunciava-se a fita como um pandémio entre «espões e espãs, num espantoso mano-a-mano, sem freio, em que a morte não faz nenhuma vítima».

Estas palavras de apresentação dão, com efeito, uma ideia precisa

do que é a hilariante, e desconcertante farsa, que leva o público, da primeira à última cena, a permanecer em «estado de gargalhada».

Na verdade, nunca se tinha visto em cinema «agentes secretos» tão ingéniosos e destravados como Franco Franchi e Ciccio Ingrassia, nem mulheres com armas tão «secretas» e decisivas como as das vedetas Ingrid Schoeller, Annie Gorassini e Carla Caló, que reduzem os seus opositores à mais ingénua e divertida insignificância.

Rodado em «eastmancolor», com boa fotografia de Alberto Albertini, «00-2 Operação Bikini» tem ainda a valorizá-lo, além do «humor negro» desta luta entre russos, americanos e chineses, a beleza das mulheres que nele participam. Complementos com interesse. — Visor 100.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Politeama

Título em português — «Guerra secreta».

Produção — Francesa.

Realização — T. Terence Young.

Christian Jacque e Carlo Lizzani.

Interpretes — Vittorio Gassman, Henry Fonda, Annie Girardot, Robert Ryan, Peter van Eyck, Robert Hossein, Bourvil e Georges Marchal.

Género — Espionagem.

Distribuição — S. I. F.

Processo — Normal, preto e branco.

Classificação — 12 anos.

VIDA MUSICAL

Concerto de Vincenzo Vitale no Instituto Italiano

Na segunda-feira, às 18 e 45, no Instituto Italiano de Cultura (Rua do Salitre, 146) haverá um concerto pelo maestro Vincenzo Vitale, professor do Conservatório de Música «S. Pietro a Maiella», de Nápoles.

O maestro Vitale fundou a Orquestra Napolitana de Música de Câmara, colaborou na fundação da Orquestra «Scarlatti» e foi director artístico da secção da R. A. I. de Nápoles. Tocará ao piano músicas de Clementi e Liszt.

Os convites podem ser levantados na secretaria do Instituto Italiano. Centro de Estudos Gregorianos. Efectua-se amanhã, às 18 e 30, a sessão de abertura do novo ano escolar do Centro de Estudos Gregorianos. Após a entrega de certificados aos alunos aprovados no passado ano escolar, pronunciará uma conferência o distinto compositor padre Manuel Ferreira Faria, diplomado pelo Pontifício Instituto de Música Sacra de Roma e professor do Seminário Conciliar de Braga. Dissertará sobre o tema «Para onde caminha a Música?», sendo a sua conferência ilustrada com exemplos musicais dados ao órgão pelo prof. A. Sibertin-Blanc, professor do Centro de Estudos Gregorianos.

Dada a oportunidade do assunto, esta conferência está sendo aguardada com muito interesse.

ESFACELOU UMA PERNA quando cortava pinheiros

PAMPILHOSA DA SERRA, 25 — Quando procedia ao corte de pinheiros para a firma Gonçalves & Barateiro, desta vila, o trabalhador José Paulo, de 44 anos de idade, casado, residente no lugar de Retorno, desta freguesia, esfaceou a perna esquerda, abaixo do joelho. Devido ao seu estado ser melindroso, o dr. António Afonso, desta vila, mandou-o imediatamente para os Hospitais da Universidade de Coimbra, onde foi operado e ficou internado.

Manuel Fernandes

Canta na «SEVERA»

O MELHOR FILME DE ESPIONAGEM DO ANO!

UM GRUPO DE ARTISTAS DE PRIMEIRO PLANO

VITTORIO GASSMAN

HENRY FONDA

ROBERT HOSSEIN

ANNIE GIRARDOT

GEORGES MARCHAL

ROBERT RYAN

BOURVIL

PETER VAN EYCK

EM PARIS, DJIBUTI, ROMA, BERLIM, A

GUERRA SECRETA

NÃO TEM FRONTEIRAS!

ESTREIA

HOJE, às 21.30

POLITEAMA

UM EXCLUSIVO ESPECIAL DA «S. I. F.»

— Maiores de 12 anos —

Uma realização
EXPLOSIVA
de
TERENCE YOUNG
CHRISTIAN JACQUE
CARLO LIZZANI

NÃO CONTE A NINGUÉM O ENTRECHO DESTA FILME — É ALTAMENTE SECRETO...

3.ª COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO DO COLISEU

Os célebres voadores:

IBARRAS

OVACIONADOS PELO PÚBLICO
CONSAGRADOS PELA CRÍTICA
os maiores da actualidade

«Cesse tudo quanto se disse dos Codreanus e dos Alizés, voadores de reputação mundial, que há longos anos entusiasmaram, até o delírio, o público de Lisboa. Um quinteto mexicano — três homens e duas senhoras — eclipsou os grandes voadores de outras eras, revolucionando a arte do trapézio voador.»

«DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

«Pertencem a essa família de magos, senhores do seu corpo e do espaço, familiares do arrojo e do milagre, os voadores mexicanos Ibarra, que traçam no ar curvas fantásticas com a alegria trágica dos que desafiam, ou parecem desafiar, as fronteiras da vida. Não houve, no seu caso, exauro de publicidade.»

«O SÉCULO»

...e um mundo de atracções: ★ PATOS — SERPENTES — CROCODILOS — CÃES INDIANOS — um Zoo na pista ★ THE BENNY'S — acrobatas ★ AYLINE — contorcionista extraordinária ★ LOS CUELLAR — reis na corda bamba ★ HERMANOS MORENOS, VÍCTOR BARRY & C. — palhaços originais ★ DORELLOS SISTERS — ciclistas ★ LOS PANTERS — equilibristas musicais sobre bolas ★ 5 CARLETOS — acrobatas ★ THE ROSAIRES — cama elástica ★ LOURADORES — olímpicos

HOJE, À TARDE, às 16 horas: entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos; À NOITE, às 21 e 30: maiores de 12 anos • Bilhetes à venda

LEVE OS SEUS FILHOS AO CIRCO — LEVE OS SEUS FILHOS AO COLISEU

• HOJE, AMANHÃ OU DEPOIS...

NÃO DEIXE DE IR AO

• MARIA VITÓRIA

ONDE EDUARDO DAMAS APRESENTA,
AS 20.45 E AS 23 HORAS

A REVISTA DA GARGALHADA

• «...E VIVA O VELHO!»

NA QUAL TEM NOTÁVEIS INTERPRETAÇÕES

• CAMILO • MARIA DULCE

• IO APOLONI

• LUÍSA DURÃO • ANT. ANJOS

com as atracções

• PAULA RIBAS e ANT. MOURÃO

e o popular actor

• COSTINHA



António Mourão
no fado «ó tempo,
volta para trás!»

(M/ 17 ANOS)

A FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA

A TEMPORADA TEATRAL O 26.º Curso de Artes Plásticas de Escafandristas principia amanhã

A temporada teatral da Alemanha Ocidental começou sob os melhores auspícios. No passado dia 19 de Outubro realizou-se a estreia de «A investigação», de Peter Weiss, a que o autor deu o subtítulo de «coratório em nove poemas líricos». O compositor italiano Luigi Nonno escreveu o texto musical para «A investigação», cujo êxito pode medir-se pelo facto de haver sido encenada simultaneamente em 15 teatros do país. A nova peça de Weiss, que faz uma documentação cénica sobre os acontecimentos de Auschwitz, teve a assinala, no «Berliner Volksbühne», o nome prestigioso do encenador e teórico Erwin Piscator, principal arauto do teatro social.

Os planos dos encenadores incluem, entre outros, os seguintes originais em língua alemã: «A plebe ensaia a revolução», do trulento Günter Grass, «O meteor», de Dürrenmatt, «Empresários», do autor de «O legado», Rolf Hochhuth, «Joel Brands», de Heinar Kipphardt, e uma série de peças da nova vaga da dramaturgia alemã, a que estão ligados nomes como os de Thomas Volentin, Konrad Wünsche, Hans Günter Michelsen, Mattias Braun e Charlotte Christoff. Do irmão de Thomas Mann, Heinrich Mann, será montada na cidade de Celle a peça «A liga de meias». Berlim está longe de ter o monopólio da cena alemã. Outras cidades disputam o favor do público: Bremen, Darmstadt, Frankfurt, Heidelberg, Nuremberga, Ulm, Hannover, Colónia.

Do repertório do ano passado serão retomadas várias encenações de grande sucesso. Arthur Miller encabeça a lista com o seu «Inci-

dente em Vichy». Aliás os autores estrangeiros despertam a maior curiosidade no público alemão. «Todos os tesouros deste mundo», de Eugene O'Neill, vai subir à cena em Hamburgo, cujo teatro municipal adquiriu também os direitos de representação da nova peça de John Osborne, «Evidência inadmissível», e de «Loot», de Joe Orton. O falecido T. S. Elliot faz parte dos planos do teatro de Munique, com o seu «Sweeney Agonistes», um texto difícil e pouco representado na Inglaterra. Em vários teatros, a começar pelo Schlosspark de Berlim, vai ser estreado o original «The homecoming», de Harold Pinter. O promissor Edward Albee, que os americanos apontam como o seu melhor dramaturgo depois de Arthur Miller, será o grande cartaz da nova temporada de Düsseldorf com a peça «Pequena Alice».

Menos importante, o contingente francês inclui mesmo assim três peças de Armand Gatti, «Canto público diante de duas cadeiras eléctricas», em Essen, «O peixe preto», em Francfort, e uma peça a designar, a que se juntará o «Canto público», em Ulm. O segundo palco do Teatro Schiller, de Berlim, encenará uma peça de Arthur Kopit, Ulm e Mannheim interessam-se por «Como vai o mundo, meu caro senhor?», de François Billeldoux. Finalmente Roger Vitrac será o autor de maior fôlego a apresentar pelos teatros de Braunschweig e Wiesbaden, e Jerzy Braskiewicz («Os nomes do poder») pela pequena sala de Bochum. De Braskiewicz subirá também à cena uma tragédia em Düsseldorf.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto, em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

principia amanhã

O Centro Português de Actividades Submarinas, no intuito de continuar a desenvolver no nosso País a prática apaixonante do mergulho com escafandro autónomo, vai levar a efeito o XXVI Curso de Escafandristas de 3.ª classe, que terá início no próximo dia 26 de Novembro, corrente, em piscina de água quente.

Avisam-se os interessados da conveniência de fazerem rapidamente a sua inscrição, dada a habitual afluência de candidatos e ao facto da frequência deste curso ser limitada a 25/30 alunos.

As inscrições podem ser feitas desde as 15 horas às 19 e das 21 às 24 horas, na sede do C. P. A. S., Avenida Almirante Reis, 106, 1.º, esquerdo, ou pelo telefone 734228, de onde também serão prestadas quaisquer esclarecimentos.

Joaquina Sobral vai expor os seus bonecos no S. N. I.

A artista Joaquina Sobral (Quina), vai expor os seus bonecos numa das salas do Palácio Foz. A inauguração da exposição está marcada para sexta-feira, às 17 horas.

Artur Belas Tavares apresenta aguarelas na S. N. B. A.

O artista Artur Belas Tavares inaugura hoje a sua exposição de aguarelas na S. N. B. A. A exposição fica aberta ao público até o dia 4 de Dezembro.

Ilustrações para uma edição do «D. Quixote»

A Editorial Universitária de Buenos Aires, abriu há tempos, um concurso para a ilustração do «D. Quixote». O concurso estava aberto a todos os artistas de qualquer nacionalidade que fossem.

O júri atribuiu o primeiro prêmio ao artista Roberto José Paéz.

Esse júri era constituído pelos artistas Julio E. Paíró, Horacio Butler, Luis Seoane, Sigwar Blum e Oscar Diaz. Concorreram nada menos de 210 artistas de muitos países do Mundo, incluindo a Polónia, a Hungria, a Roménia, os Estados Unidos e o Japão.

Além do artista distinguido com o primeiro prémio o júri recomendou que sejam publicados os trabalhos de treze dos concorrentes. O artista premiado é argentino e vive em Buenos Aires.

OFICIAIS E PRAÇAS CONDECORADOS

Foram louvados e condecorados pelo ministro da Defesa, com a medalha de serviços distintos pela acção que desenvolveram no Secretariado-Geral da Defesa Nacional, os srs. coronel Pedro de Canto e Castro Serrano e tenente-coronel Eduardo das Neves Adelino.

Pelo ministro da Marinha, e por acção no Ultramar, foram louvados e condecorados com a mesma medalha os srs. almirante Laurindo dos Santos, comodoro Orneas e Vasconcelos, comandantes Esteves Brinca, Pinheiro de Azevedo, Silva Horta e Martinho Comprido; 1.º tenentes José Carvalheira, Dias Costa, Garcês Correia Espadinha Galo e Eurico Mattioli; sargentos fuzileiros Lopes Pereira e Francisco do Nascimento; cabos fuzileiros Ferreira Pinho e Casimiro Abrita; marinheiros fuzileiros Pinto Esteves, José Marques, Manuel da Costa e Viosindo Raminho; e grumetes fuzileiros Silva Baptista, Dias Ramalho, Joaquim Machado e Osório Seixas.

NA «SEVERA»

Toda a gente canta

AO CELEBRAR O 5.º ANIVERSÁRIO DA SUA CONSTITUIÇÃO EFECTUADA EM 25 DE NOVEMBRO DE 1960, a

SONACEL — SOCIEDADE NACIONAL DE RESINAS SINTÉTICAS, SARL,

cumprimenta os seus estimados clientes e amigos que pela preferência dos seus produtos e amizade dispensada possibilitaram a extraordinária expansão que os números abaixo exprimem:

	1961	1965
Base		
Remuneração ao pessoal	100	1710 %
Receitas	100	3740 %
Vendas	100	10600 %
Capital e Reservas	100	20100 %

permitindo empregar uma força operária que ultrapassa já 1.200 pessoas.

Igual reconhecimento aos seus estimados clientes do Estrangeiro, para quem é exportada mais de metade do valor das vendas.

SEDE	Edifício Angola	Av. Duarte Pacheco	Lisboa
FÁBRICAS	Quinta do Figo Maduro		Lisboa
	Estr. Marginal — Freixo		Porto

ESFORÇO E PROGRESSO AO SERVIÇO DA ECONOMIA NACIONAL

As declarações do ministro dos Negócios Estrangeiros

(Continuação da 1.ª página)

como o da defesa da legalidade internacional e o das forças internacionais de manutenção da paz. Em segundo lugar, tornei mais tarde a Nova York para participar do debate que o Conselho de Segurança, por solicitação de algumas delegações africanas, dedicou ao Ultramar português. Na mesma ocasião pude assistir à fase principal de um outro debate que o Conselho travou sobre a Rodésia. Julgo que estes dois últimos assuntos, por nos tocarem de forma directa, justificam esclarecimentos e comentários mais desenvolvidos.

Desde há meses que sabemos ser objectivo das delegações africanas procurar impôr uma reunião do Conselho de Segurança contra Portugal. Realizara-se a última em Dezembro de 1963, e por isso terão os países africanos recado que um lapso de dois anos pudesse acaso criar uma prescrição em nosso favor. Persistiram assim no propósito, mas foram demorados em efectivar-lo, sem embargo de o pedido ter sido dramaticamente apresentado com carácter de urgente. Ao que parece, não encontraram todavia, grande entusiasmo por

parte da maioria dos membros do Conselho; também não puderam coligir factos ou circunstâncias novas que emprestassem aparências de fundamento à convocação urgente daquele órgão da O. N. U.; e, sobretudo, estava longe de se verificar, no seio do grupo africano, uma unanimidade de vistas acerca da vantagem da reunião do Conselho contra Portugal. Este último foi talvez um dos factores que mais contribuiu para os sucessivos adiamentos do Conselho, sobretudo porque a divergência de opiniões no bloco africano foi agravada pela falência da reunião de Accra e da conferência de Argel e pelo desinteresse dos maiores países da África pelo assunto. Neste particular, deverá salientar-se que grandes e importantes países africanos, como a Nigéria ou o Congo ou o Sudão, e que países africanos de política extremista, como o Gana ou a Argélia, não mostram ansiedade particular em assumir a chefia das hostilidades contra Portugal; e cumpre-nos meditar profundamente no facto de serem sempre a Tunísia e a Libéria, sem dúvida poucos representativos da África, que tomam posição de vanguarda no ataque, com uma obses-

são, uma tenacidade, uma virulência, uma audácia que seriam dificilmente explicáveis e compreensíveis se aqueles países agissem apenas por si próprios. Mas não obstante todos os contratempos e hesitações, o Conselho de Segurança foi finalmente convocado e realizou um longo debate sobre o Ultramar português. Foram repisadas as mesmas antigas e já desprestigiadas acusações, tantas vezes rebatidas; foram repetidas as mesmas alegações absurdas quanto a milhões de refugiados, a planos de genocídio, a ajudas maciças em dinheiro e material que estaríamos recebendo do mundo inteiro; e foi mais uma vez afirmado solenemente que Portugal constitui séria ameaça à paz e à segurança internacionais.

Conceito de autodeterminação

De novo, nada foi dito, nem demonstrado, nem alegado; e parece inacreditável que durante uma semana se reúna o Conselho de Segurança para coisa nenhuma, sobretudo quando verdadeiros conflitos armados se estão processando em múltiplas zonas do Mundo, sem que o Conselho sequer tome nota dos mesmos. Não sendo nova a matéria de facto, e esgotada a propaga-

da demagógica a que o Conselho sempre serve de tribuna, caiu-se no debate puramente político, e este desenrolou-se em torno do conceito de autodeterminação. Não é novo o problema, e por nossa parte, como se sabe, não temos fugido a discuti-lo abertamente no quadro das próprias Nações Unidas. Para nós autodeterminação traduz-se ou implica a adesão e anuência de um povo à forma de governo, ao sistema de administração, à estrutura do conjunto ou agregado nacional, e à organica do Estado. Isto é: autodeterminação equivale à igualdade de todos perante a lei e à igualdade de oportunidades para todos, sendo estas as duas características básicas das sociedades livres. Este conceito de autodeterminação, que, aliás, é clássico, foi pela delegação portuguesa exposto mais uma vez, e não foi validamente atacado e muito menos destruído pelas delegações africanas no Conselho; mas foi rejeitado porque não serve os objectivos reais que aquelas prosseguem. Deverá sublinhar-se, para se ser objectivo, que as delegações africanas, sob a pressão das realidades, fizeram um pouco de progresso: e agora afirmam aceitar um conceito amplo de autodeterminação que englobe todas as opções e hipóteses possíveis, desde a independência por separação até a independência por integração, o que equivaleria, quanto à segunda hipótese, a reconhecerem finalmente a estrutura de uma Nação portuguesa já autodeterminada. Mas esse progresso é teórico, e não constitui mais do que um ludíbrio a que pretendem arrastar-nos. Com efeito, os países africanos dizem-nos, em primeiro lugar, que um qualquer processo de autodeterminação só é válido a partir de um momento escolhido e indicado pelas Nações Unidas, devendo ter-se a vida política passada de toda uma população simplesmente como nula e inexistente; e dizem-nos mais, em segundo lugar, que têm de ser reunidas algumas condições prévias para que se possa iniciar o processo de autodeterminação. Quais são essas condições? São as seguintes: retirada de todas as forças de segurança e de polícia, de modo a que fiquem abertas as fronteiras a quem quiser entrar e praticar todos os actos de violência; concessão de uma amnistia a todos os indivíduos que as Nações Unidas escolheram como chefes que devem ser amnistiados; autorização para o funcionamento de partidos políticos chefiados pelos mesmos amnistiados, que, evidentemente, se sabe serem estrangeiros ou estarem ao serviço do estrangeiro. Estas são as condições prévias; e só depois de cumpridas consentem

então as delegações africanas em aceitar, com generosa isenção, que se aplique um conceito amplo de autodeterminação; e compreende-se que não tenham dificuldade em fazê-lo, porque aquelas condições, a serem observadas, assegurariam, inevitavelmente, os resultados preestabelecidos que a maioria da O. N. U. pretende, e só esses. Sublinho muito estes pontos, porque nos devem merecer séria reflexão. A sua enunciação e a sua oficialização pelo Conselho de Segurança, conforme de novo consta da resolução agora aprovada, constituem a melhor, a mais completa réplica àqueles que, com alguma ingenuidade ou má fé, julgam ser possível defender os interesses e os princípios nacionais e, ao mesmo tempo, satisfazer as Nações Unidas sem tocar no que reputamos essencial. Parece que alguns pensam que o problema se resume em encontrar uma fórmula expediente e prática que permita às Nações Unidas salvar a face e manter as aparências; e que uma vez obtido esse resultado exterior a organização daria o seu acordo, com satisfação e tranquilidade, à estrutura portuguesa como a concebemos e queremos.

Aspectos políticos

Alguns governos estrangeiros, que supomos devermos considerar amigos, repetidas vezes nos aconselham a busca dessa fórmula mágica, que pensam poderiam depois ser garantida para sempre pelo seu apoio e pela sua palavra, e exprimem-nos a sua convicção de que deveríamos confiar de tal fórmula a manutenção do interesse português em África ou daquilo que alguns entre nós designam pela defesa da «portugalidade» em África. Mas todos estes esquecem duas coisas: não se trata de manter ou proteger os interesses materiais de uma metrópole no seu ultramar mas de conservar uma nação em que todos são iguais ao mesmo título; e esquecem ainda, ou fingem esquecer, que as Nações Unidas, em obediência aos grandes interesses internacionais em jogo pretendem precisamente destruir e eliminar aquela portugalidade pelo que no condicionalismo actual do mundo rejeitarão qualquer fórmula que não lhes assegure esses resultados. Mas isto é o que pensa a maioria da Assembleia no ano em curso. Todavia, nós já vimos, há apenas quatro ou cinco anos, que uma outra maioria da mesma Assembleia, pensava e votava exactamente o contrário. De modo que não são irreversíveis nem sagrados nem finais os pontos de vista da Assembleia, e não devemos por

(Continua na 17.ª página)



EIS
A
CONSTELAÇÃO
CRIADA
PARA
O
SEU
CARRO

Conta-quilómetros, Conta-rotações,
Avisadores de velocidade, Amperímetros,
Manómetros, Termómetros de óleo e água,
Relógios eléctricos, Tacógrafos,
Indicadores de combustível, Bóias,
Lavadores e muitos outros instrumentos.

O SEU CARRO NÃO DEVE ANDAR SÓ
EQUIPE-O COM



ROBERT BOSCH (PORTUGAL) LDA. LISBOA - PORTO Assistência Técnica da Fábrica

UMA CRIANÇA DE 9 ANOS DEU ENTRADA NO HOSPITAL EM ESTADO DE GRANDE FRAQUEZA

Deu ontem entrada no Hospital de Santa Maria uma criança de 9 anos, Alexandrina de Jesus Máximo, filha de André Máximo e Perpétua de Jesus Máximo, moradores na barraca n.º 44 da Serra da Luz, aos Pombais, nas imediações de Odivelas, a quem foi diagnosticado um estado de grande depauperamento físico.

O pai, ulcerado de uma perna e quase cego, não tem ocupação fixa. A mãe, que já deu à luz dez filhos, estava grávida do décimo primeiro e recolhera à Maternidade Magalhães Coutinho, de onde pediu alta ontem mesmo, para acudir às suas aflições domésticas. O filho mais velho está na tropa, outros dois trabalham em oficinas, uma filha constituiu já lar próprio, mas sobram cinco crianças a quem o casal Máximo fazia por dar uma existência digna desse nome. O internamento da mãe provocou o drama: a pequena Alexandrina, inquieta com a sorte dos irmãos, entregava-lhes a sua parte de comida e recusava-se a ingerir qualquer alimento.

Perto do local onde habita a família, falámos com a filha casada, Maria Laura Máximo, de 19 anos, que tem acudido, conforme pode, à situação verdadeiramente angus-

tante dos seus. Ainda hoje lhe apareceu a mãe a pedir ajuda. Mas o seu negócio, de trapos e ferro-velho, não possibilita um apoio contínuo e efectivo. Mesmo assim, vai dando qualquer coisa aos irmãos, o que está longe de constituir a solução que ela gostaria de encontrar. A mãe da pequena Alexandrina foi esta manhã a Odivelas, ao «Inquérito» (assim lhe chamou a Maria Laura), solicitar auxílio urgente para a família.

Marido e mulher morreram no asilo no espaço de 24 horas

No Asilo de Marvila, faleceu, ontem, ao princípio da tarde, a internada sr.ª Júlia Lopes Quintas, de 74 anos, natural da freguesia de Camões, em Lisboa, e hoje, de manhã morreu seu marido, também ali albergado, o sr. Basílio de Araújo, de 65 anos, natural de S. João do Souto, do concelho de Braga.

O funeral do casal efectua-se a expensas de um sobrinho, sr. Fernando Lopes de Miranda, e sai amanhã, da capela do Asilo, às 9 horas para o cemitério dos Olivais. O casal habitava um quarto denominado «Amparo dos Bem Casados».

Natércia da Conceição
Canta na «SEVERA»

CLAROS-ESCUROS

(Continuação da 1.ª página)

brandt basta olhar para esta admirável Democracia dos Países Baixos que acabo de percorrer, recordando as perspectivas de há quinze anos, e comparando-as com a extraordinária recuperação que se sente debaixo dos pés e entra pelos olhos.

Na verdade esta Holanda, de esforçados trabalhadores, heróica, indomável e perseverante, é um exemplo eloquente do que pode e quer um povo para quem a adversidade não conta. E não se pode dizer que tenham sido poucas as adversidades...

A primeira foi a conquista da terra, arrancando-a do fundo do mar, num lento e paciente caminhar para a aventura das ondas, levantando diques, secando pantanos, lançando pontes em prodígios de engenharia. Tudo isso só possível pela excepcional tenacidade de uma raça que não conhece fadigas e procurou um lugar não, ao sol, mas, sim, no próprio oceano.

O que se fez representa uma das mais heróicas batalhas a favor da sobrevivência e do progresso porque, no lugar antes batido pelo mar, se construíram cidades eufónicas, vilas e aldeias de rara beleza; nelas, universidades, escolas, fábricas e por elas, nas estradas e nos canais que se entrecruzam, circula a riqueza da produção que se

multiplica e atinge todas as revelações do engenho e da inspiração.

Foi, assim, que uma grande Nação se ergueu, triunfante e dominadora, ocupando, desde logo, um lugar de primeiro plano no conceito da civilização e honrou, também, e desde logo, os ideais democráticos que passaram a formar a substância do seu destino.

A essa adversidade souberam os holandeses fazer frente, removendo terras, nivelando-as ou servindo-se delas para a edificação dos centros de convivência, desviando as águas ou contendo-as em respeito perante a fortaleza dos diques, ao mesmo tempo que estabeleciam entre si harmoniosos e sólidos meios de comunicação.

Para a direcção dos negócios públicos erigiram a Democracia parlamentar, e, portanto, pluripartidária, na posição cimeira do comando, através do exercício pleno de órgãos de soberania, livremente eleitos e fiscalizados. Mas entendendo, também, desde sempre, que não bastaria o enunciado das liberdades políticas para satisfazer as ansiedades e os direitos inalienáveis da população, cimentaram as conquistas espirituais em construções sociais e sociológicas, modernas, evolutivas e insatisfeitas, colocando a riqueza ao serviço da grei, de forma que a colmeia trepidante que nos envolve é constituída por gente sadia, desempenada, alegre, cónscia dos seus direitos, disposta a defendê-los até à morte e predisposta a não estancar o frémito da progressividade em todos os sectores das actividades materiais e morais — no ensino, na investigação científica, no trabalho remunerado, nas fortunas insustentáveis ou perdulárias, na educação física e nos desportos, nos cuidados com a velhice, na doença ou na incapacidade. Aquilo a que se pode chamar, sem favor, o estilo eminentemente decente de uma vida decentemente vivida.

Com esta conformação psicossocial o holandês haveria de fazer frente a novas adversidades. E uma das maiores foi a guerra brutal, indiscriminada e totalitária, que lhe foi imposta pelo invasor nazi, nas duras provações da última guerra.

Destruidas as pontes e abertos os diques, rapidamente os reconstruíram ou evitaram as inundações que tudo fariam perder; sem defesa, assistiram aos bombardeamentos cobardes da Luftwaff, morreram aos milhões, na luta desproporcionada, ou nos pelotões dos fuzilamentos, legando à posteridade a elegia de Ana Frank, para, a seguir, em arranques fantásticos, conter o inimigo, desbaratando-o e dificultando a invasão, á espera das horas certas da vitória a todo o preço.

Foi grande, sem duvida, a adversidade nas conquistas da terra para nela se viver, mas maior, sem duvida, a defesa do conquistado, agarrados á Pátria com a decisão dos que sabem o que ela vale e de nós exige.

Tudo isso se vê e se sente nesta Holanda prodigiosa que mais uma vez atravesso comovido, emocionalmente, aprendendo nela o que valem os grandes pensamentos da cidadania, da voluntariedade, do amor ao berço, daquilo que nos distingue dos minerais ou dos demitidos da condição.

VASCO DA GAMA FERNANDES

LOUREL (Sintra)



Júlia de Jesus dos Santos

FALECEU

MIGUEL DOS SANTOS & FILHOS, LDA., cumpre o doloroso dever de participar a todos os seus Clientes, Fornecedores e amigos, o falecimento da esposa e mãe dos seus sócios e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 16.30 horas, da sua residência, em Lourel, para jazigo no cemitério de S. Marçal.

AGÊNCIA MELO
Telfs. 980431 - 2940097

Linha de SINTRA

Cinemas

VENDA NOVA — Cine-Portugal — As 21 e 15: «O mundo maluco» (12 anos).

AMADORA — Recreios Desportivos — As 21 e 15: «O assalto ao trem pagador» (17 anos).

QUELUZ — Queluz-cine — As 21 e 15: «Nossa Senhora de Paris» (12 anos).

MEM MARTINS — Cine-Chaby — As 21 e 30: «Um homem de confiança» (17 anos).

SINTRA — Cine-Teatro — As 21 e 30: «McLintock, o magnifico» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Campos — R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); Claret — R. António Sardinha, lote 5, loja B (Tel. 931149).

DAMAIA — Confiança — Estrada Militar, lote D (Tel. 971023).

QUELUZ — Correia — L. do Mercado, 3 (Tel. 950905); Zeller — R. da República, 83 (Tel. 950043).

CACEM — Central — Rua Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).

MEM MARTINS — Químia — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (Tel. 980456).

SINTRA — Marrazes — (Vila). Largo Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 930832).

COLARES — Colares — Abreja (Tel. 299088).

LOUREL (Sintra)



Júlia de Jesus dos Santos

FALECEU

Miguel dos Santos, Victor dos Santos, sua esposa e filho, Miguel Lourenço dos Santos, sua esposa e filho, Júlio Lourenço dos Santos, sua esposa e filha, Artur Lourenço dos Santos, sua esposa, filhos, Arnaldo Lourenço dos Santos, sua esposa, filhas e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua querida esposa, mãe, sogra e avó e que o seu funeral se realiza amanhã, às 16.30 horas, da sua residência em Lourel, para jazigo no cemitério de S. Marçal.

AGÊNCIA MELO
Telfs. 980431 - 2940097

“pois claro,,



MARCA

**gabardinas
Cyclone Tergal**

CONFORTO E ELEGÂNCIA
EM TEMPO DE CHUVA
EM QUALQUER TEMPO

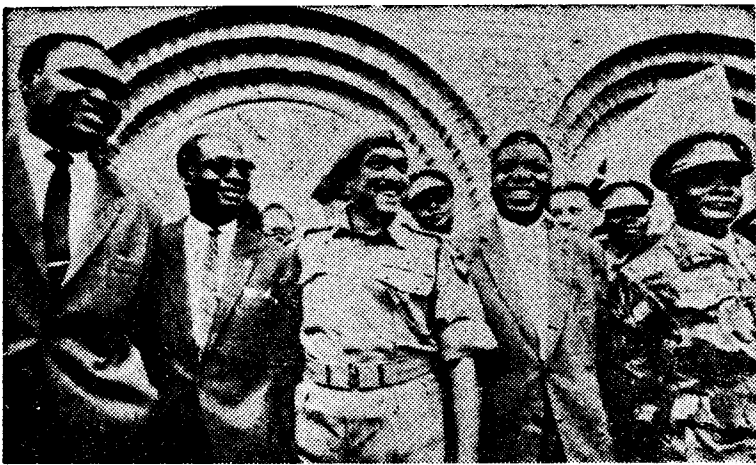
Leves, práticas, modernas, as gabardinas Cyclone Tergal são indeformáveis, lavam-se e secam depressa e dispensam o ferro
UM ARTIGO DE ALTA QUALIDADE



Para qualquer informação:

Soc. Portuguesa LA CELLOPHANE, Lda., Pr. Marquês de Pombal, 14-8.º, Dt.º LISBOA

Serviço de Publicidade TERGAL



EVARISTE KIMBA (à esquerda) — que foi agora destituído por Mobutu do cargo de primeiro-ministro — fotografado, em 1963, quando fazia parte do Governo de Moisés Tchombé, ao tempo presidente da Katanga. Na gravura figuram ainda (da esquerda para a direita) Monongo, o general indiano Noronha, Tchombé e o general katangues Moke

Mobutu — 35 anos

LÉOPOLDVILLE, 25. — (R.) — O general Mobutu, de 35 anos, é um ex-sargento do Exército e jornalista, que assumiu o comando do amotinado Exército congolês em 1960.

Com a idade de 29 anos, tornou-se um dos homens-fortes que reuniu o Congo após a sua independência.

Mobutu era um amanuense, com óculos, do Exército congolês, em 1950, quando começou a escrever para os jornais congolezes.

Deixou o Exército em 1956 e foi editor de um jornal de Léopoldville em 1958, data em que se juntou ao Movimento Nacionalista Congolês de Patrice Lumumba, que mais tarde foi primeiro-ministro.

Deslocou-se à Bélgica em 1959 para estudar, mas regressou ao Congo como membro do grupo de trabalho encarregado de tornar efectiva a entrega dos poderes da Bélgica ao Congo.

Quando Lumumba formou o seu primeiro Governo, nomeou Mobutu secretário de Estado da presidência, colocando-o assim no centro nevrálgico dos negócios internos do país.

A quando da primeira amotinação do Exército congolês, que irrompeu em Julho de 1960, Lumumba nomeou Mobutu chefe do Estado-Maior do Exército, sob as ordens do general Victor Lundula e deu-lhe a patente de coronel.

Com o caos político de Léopoldville, as relações de Mobutu com Lumumba começaram a declinar. Mobutu tomou o «controle» do Exército após a prisão do general Lundula e, depois, anunciou o seu golpe de Estado.

Anunciou que o Exército decidira «neutralizar» todas as actividades políticas e que um «colégio de

comissários» governaria o país.

Mas rapidamente devolveu o Poder ao presidente Kasavubu, após uma tentativa para o seu assassinio, levada a cabo por outro oficial do Exército.

Em 1961, Kasavubu nomeou Mobutu comandante-chefe do Exército congolês, com a patente de general.

O general Mobutu dedicou, a partir de então, toda a sua atenção, à reorganização do Exército congolês, preparando-o para o dia em que as tropas das Nações Unidas tivessem de partir.

Mobutu — que é alto, elegante e pouco expansivo — tem viajado frequentemente à Europa e aos Estados Unidos para obter auxílio para o programa de aperfeiçoamento do seu Exército. É casado e tem cinco filhos.

Em Março passado esteve um mês numa clínica em Lausanne, para tratamento de uma doença não revelada.

Modificações importantes no tráfego ferroviário de Espanha

MADRID, 25 — (A. N. I.) — Para atender ao intenso e crescente tráfego, através da Espanha, dos portugueses que trabalham no estrangeiro, os caminhos de ferro espanhóis vão introduzir as seguintes modificações nos serviços da linha de Medina del Campo a Fuentes de Oñoro — segundo informa a agência Efe:

A partir de hoje, entra em serviço o expresso 5838, que sairá de Fuentes de Oñoro (Salamanca), às 18 e 55, com chegada a Medina del Campo (Valholid), às 23 e 04. Préviamente, este comboio fez ligação na fronteira com um comboio português, e em Medina del Campo liga com o expresso de Irun, com destino a Hendaia, na França.

Por seu turno, os passageiros procedentes da fronteira francesa, que cheguem a Medina del Campo no expresso 34, a partir do dia 27, são servidos pelo comboio 6835, entre Medina e Vilar Formoso. Neste trajecto, continuará em serviço o comboio correio 885, que na fronteira portuguesa liga com o comboio 1212.

Entre Barca D'Alva e Fuentes de San Esteban (Salamanca), será substituído, a partir de hoje, o correio 896 pelo comboio 5836 da mesma classe, que sairá de Barca D'Alva às 14 e 55, para chegar a Fuentes de San Esteban às 18 e 35.

Para o serviço local entre as estações de Fuentes de Oñoro e Medina del Campo, entrará em circulação — também a partir de hoje — o correio 5826, em substituição do comboio internacional 886. A partida será às 17 e 10 e a chegada às 23 e 04.

Com estes novos serviços, eliminam-se os tempos de espera nas ligações da fronteira de Fuentes de Oñoro, e melhoram-se sensivelmente todas as linhas.



JEANNE MOREAU com Pierre Cardin, cujo nome tem andado muito ligado ao da actriz, mas que não é citado no novo romance em que a «vedeta» francesa estaria envolvida, segundo jornais gregos

Jeanne Moreau vai casar-se?

ATENAS, 25 — (F. P.) — Diversos matutinos locais anunciam o casamento, em 2 de Janeiro, nesta cidade, de Jeanne Moreau com o actor grego Theodore Roubanis.

A conhecida «vedeta» francesa, que está a filmar na região ateniense «O Marinheiro de Gibraltar», tem sido vista frequentemente acompanhada de Roubanis. Contudo, uma pessoa das suas relações põe em dúvida a notícia do próximo casamento.

Tractores espanhóis para a China

BARCELONA, 25 — (F. P.) — Vão ser exportados para a China dois mil tractores «Ebro», fabricados pela Motor Ibérica, e pagos em libras esterlinas. Estes tractores são fabricados em Barcelona, sob licença «Massey Ferguson».

Trata-se da operação comercial mais importante jamais realizada entre a Espanha e a China Popular.

BARDEM E BERLANGA

NÃO IRÃO A MOSCOVO

MOSCOVO, 25 — (F. P.) — Os realizadores espanhóis Luis Berlanga e Juan Antonio Bardem desistiram de se deslocar a Moscovo, pois o Ministério do Interior ainda não lhes deu o passaporte.

Os dois realizadores tinham sido convidados a assistir ao congresso dos cineastas que está a decorrer, há já três dias, na capital soviética.

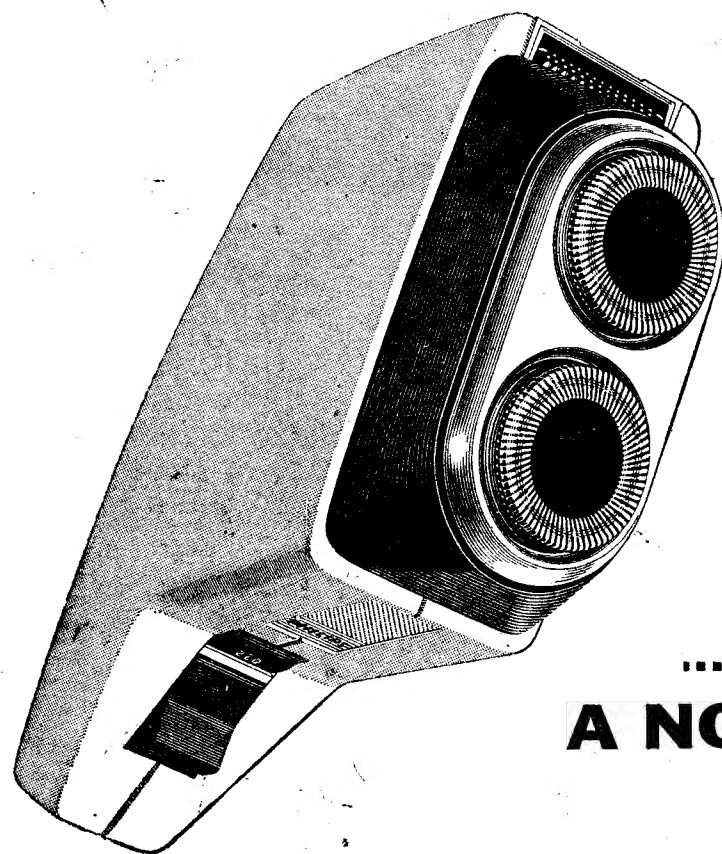
ASSISTÊNCIA A POBRES em Vila Nova de Paiva

VILA NOVA DE PAIVA, 25 — Efectuou-se, nos Paços do Concelho, uma reunião presidida pelo prof. Eduardo Brás, e em que tomaram parte a delegada distrital do Instituto de Assistência à Família e duas senhoras do M.N.F., de Viseu, a fim de se estudar a forma de resolver os mais prementes problemas das famílias pobres. Neste sentido, foram percorridas várias casas de gente humilde, tudo levando a crer que, dentro em breve e satisfatoriamente, estejam solucionados os casos de maior necessidade.

SE PENSA



COMO UM HOMEM MODERNO...



...NÃO DISPENSA
A NOVA PHILISHAVE
MICRO-SULCO
2000 S

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98-2.
Telef. 32 65 15

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, Ossos e Articulações — As 18 horas.
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — As 16 horas.
Dr. Romão Loff — Doenças nervosas e electroterapia — As 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — As 14 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas.
Dr. Casimiro Afonso — Doenças das Senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.
Dr. Carlos Ribeiro — Cardiologia e Electrocardiografia — As 5.ª-feiras às 15 h.
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — As 16 horas.
Dr. Mário Jaquet — Fisioterapia — As 16 horas.

MOEDAS EM OURO

Portuguesas, compra particular a particular. T. 48726.

Em COIMBRA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda, depois das 17 horas, na BRASILEIRA, CINEMA TIVOLI, CAFÉ MANDARIM, CAFÉ SANTA CRUZ, PASTELARIA E RESTAURANTE IMPÉRIO, na REGIONAL, e no CAFÉ TROPICAL.

O problema da batata importada

A nota da Junta Nacional das Frutas, que publicámos há dias, acrescida doutros pormenores que rodearam a vinda a público do caso de importação de batata, permite-nos fazer uma ideia mais esclarecida do assunto, que trouzemos a público, não com o propósito de lançar qualquer insinuação acerca das determinantes da política da importação de batata, mas porque nos impressionaram, sobretudo, as condições em que se encontrava o produto importado.

Foi na verdade — como a J. N. F. acentua — o facto de muitas dezenas de toneladas de batata podre estarem a ser diariamente lançadas ao Tejo ou dadas a comer aos porcos que feriu a nossa atenção. Como, aliás, impressionaria, estamos certos, qualquer pessoa atenta a outros dados do problema que houvesse tomado conhecimento, do que se estava a passar.

Nunca pusmos em dúvida a necessidade da batata ser importada e congratulamo-nos com o facto de se ter agido por forma a que esteja assegurado o seu regular abastecimento à população, em condições satisfatórias de preço.

Apraz-nos registar a peremptória afirmação de que a importação foi rodeada de todas as cautelas, considerando que esta decisão, com a chance de idoneidade que resulta da sua proveniência, permite esclarecer bem aqueles que porventura alimentassem qualquer inquietação sobre este aspecto, tanto mais que nos surge notícia de que a J. N. F. pretende fazer novas importações, para o que solicitou, no dia 18, parecer do organismo corporativo competente sobre tal operação.

Também, no que se refere à longa permanência da batata no país verificamos agora que ela «derivou de dificuldades criadas ao seu escoamento» o que, sendo uma experiência, servirá de lição para que em casos futuros se procurem evitar tais prejuízos.

É certo que a J. N. F. nos diz que o volume da batata inutilizada não deve ter excedido 150 mil quilos, ou sejam 15 vagões, mas, embora esta quantidade seja, felizmente, muito inferior à que se dizia constituir a realidade, não podemos deixar de reconhecer, mesmo esta quantidade já era susceptível de causar impressão, sobretudo desconhecendo a percentagem que a Junta nos revela agora.

Admitindo, mesmo, que as perdas sejam relativamente diminutas, parece uma injustiça que os importadores vejam onerados os seus lucros com umas perdas que todos, certamente, desejariamos evitar.

Por fim, em relação a este aspecto do problema é tranquilizadora a informação de que a Junta Nacional das Frutas está agora a construir dois armazéns na área do Porto de Lisboa, o que, num futuro que não virá distante, poderá impedir que a batata comprada no estrangeiro se deteriore no país, sujeita às inclemências do tempo.

Comércio de importação e exportação — tema de uma palestra no «Lions» de Lisboa

O comércio de importação e exportação serviu de tema a uma objectiva palestra que o sr. Sam Levy proferiu na habitual reunião do Lions Clube de Lisboa, a que presidiu o sr. eng.º Belard da Fonseca.

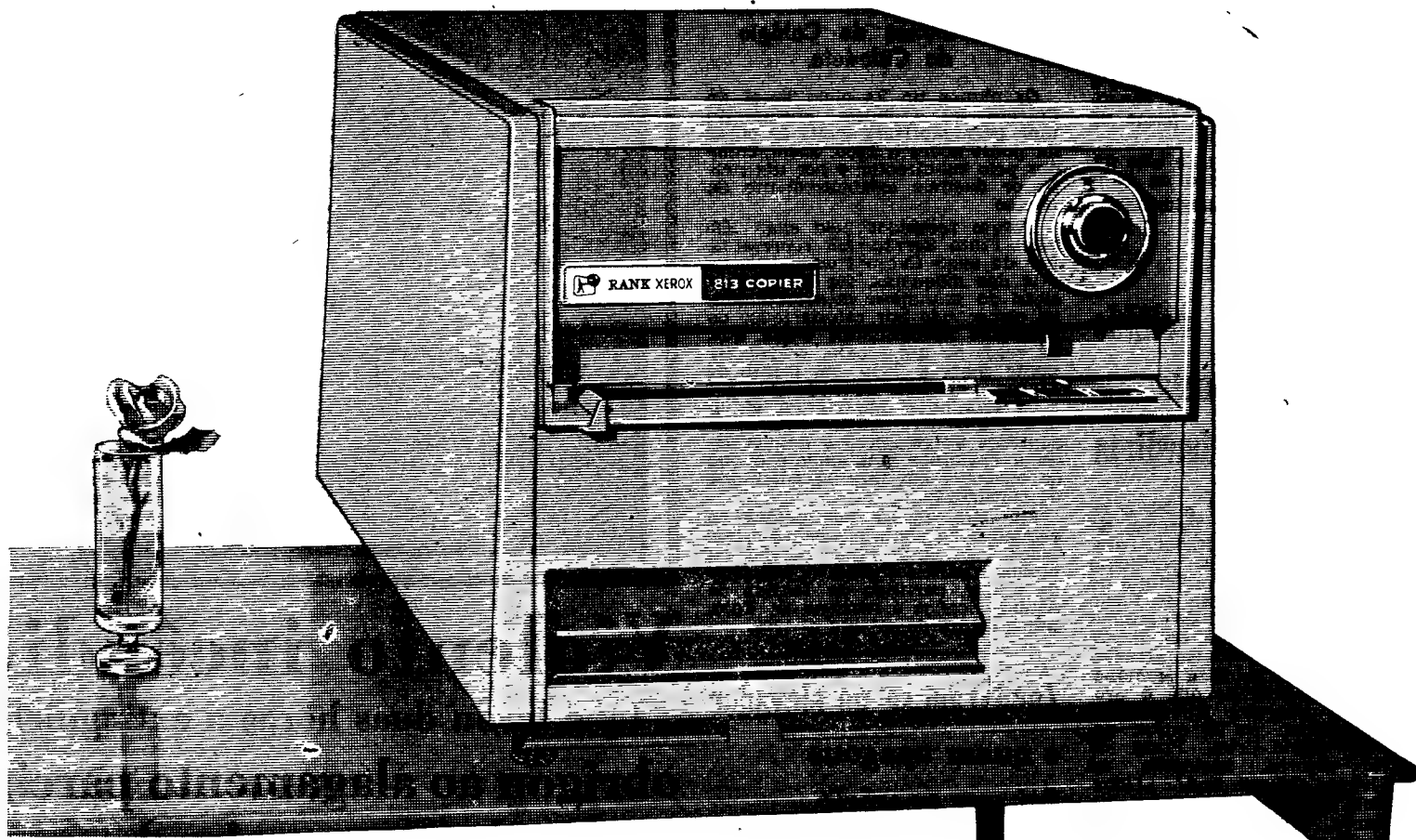
O sr. Sam Levy revelou-se optimista quanto ao futuro económico de Portugal, sobretudo por verificar que há uma camada jovem e entusiástica empenhada actualmente, no nosso País, naquele importante ramo de actividade.

Durante a reunião, a assistência apreciou um projecto de novo galardão do Lions Clube de Lisboa, da autoria do «lion» arq. Marcelo de Moraes, que mereceu os maiores elogios.

Odete Mendes
Canta no «SEVERA»

QUINTA-FEIRA, 25 DE NOVEMBRO DE 1965

Agora todos podem ter xerocópias



Do sucesso da copiadora Rank Xerox 914 surge a nova 813

Agora todos podem ter xerocópias! É esta a promessa da nova Rank Xerox 813, a copiadora notavelmente compacta, concebida especialmente para Empresas com problemas de espaço e baixo volume de cópias. A Rank Xerox 813 agrupa as principais características que fizeram da 914 o grande sucesso na técnica de copiar: — cópias secas de tudo o que seja escrito à mão ou à máquina ou impresso em qualquer cor, em vulgar papel «bond» de escrita. E, tal como a 914 produzirá resultados brilhantes na distribuição de informações na sua Empresa.

A todos os que usam a Rank Xerox 914

Se o volume de xerocópias exceder a capacidade da sua 914, terá na nova e compacta 813 um poderoso auxiliar que permitirá um escoamento normal do trabalho, mesmo em alturas de ponta.

RANK XEROX LIMITED
Av. António Augusto de Aguiar, 106 — LISBOA
Queiram enviar-nos uma completa documentação sobre a copiadora RANK XEROX 813.

Nome _____
Firma _____
Endereço _____
Telef. _____
Assinatura e carimbo _____



RANK XEROX LIMITED

Av. António Augusto de Aguiar, 106, Lisboa-1

Telegramas: Rankxerox Lisboa, Telef. 411 41 - 42 - 94

Uma empresa dentro da Organização Rank, em propriedade conjunta com a Xerox Corporation

Diário da

OUTRA BANDA

Cinemas

ALMADA — *Incrível* — As 21 e 15: «Zorba, o grego» (17 anos).
TRAFARIA — *Pavilhão Jardim* — As 21: «Quatro crimes por ciúme» (17 anos).
AMORA — *Cine-Teatro* — As 20 e 45: «O livro de San Michel» (17 anos).
MONTIJO — *Cine-Teatro* — As 21: «Sandokan contra o leopardo de Sarawak» e «Soror Angélica» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Nunes — Largo Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020).
ALMADA — Magalhães — P. Luís de Camões, 10 (Tel. 270242).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Estrada Nacional 174.
BARREIRO — Pimenta — R. Conselheiro Joaquim A. Aguiar,

258 (Tel. 2273012).
COVA DA PIEDADE — Atlântico — Quinta do Pombal, 1 (Tel. 274365).
MOITA — Silva Rocha — Praça da República, 16 (Tel. 239029).
MONTIJO — Moderna — R. Buícho Pato, 60 (Tel. 230156).
SESIMBRA — Leda — Avenida Salazar (Tel. 229025).
SETÚBAL — Costa — Largo da Misericórdia (Tel. 22760); Brasil — Praça do Brasil (Tel. 24788).
SEIXAL — Godinho — Largo da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

Portugal pela 7.ª vez no Salão Internacional dos Inventores de Bruxelas

Efectua-se de 11 a 20 de Março de 1966, em Bruxelas, o 15.º Salão Internacional dos Inventores, em que Portugal estará representado pela sétima vez. A delegação portuguesa do Salão Internacional dos Inventores — Rua Duque de Palmela, 27-3.º Esq.º Lisboa — começou já a organizar a participação dos concorrentes portugueses.

PAGINA CENTRAL

PORTUGAL AFRICANO - 6

M «SAFARI»

M CHICUALACUALA

do especial

CA MARTINS

ser apenas uma entrevista sobre aspectos da
aversa amena no agradável ambiente climatizado
ou uma oportuna e única: a oferta para par-
teira limitado a tempo de que dispunhamos —
sincera e entusiástica, a oferta partiu do sr.
e fundador da «Nyalaland Safaris», natural

ascendência
de 25 anos
a Província
anos se tem
ante, á fun-
desportistas
safaris; fala
nhol, além
cal, o xi-

ira oportu-
se oferecia
littano, acei-
uma quar-
reunido o
reuna as con-
aland» —
Lourengo
superfície
o equiva-
rtugal con-
rios Nua-
idzi e dos
com a Re-
léria e do
publica da
do na sua
s, entre as
lvernha.

«Nyalaland»
os de três
uma delas
s — o de
io), o meio
foi o ferro-
odésia-Lou-
o meio das
ando fácil
campamen-

pa
gra
M
ANDY
URAL

VAN
STATION UTILITÁRIA
UM CARRO
FUNCIONAL DE
DUPLA VANTAGEM
ISENTA DE IMPOSTO DE CIRCULAÇÃO.

UTO-INDUSTRIAL

OCUPE!
A PODERÁ PROPOR-
RENDIMENTO QUE
OU PARA O SEU
CAPITAL

predial
ORTENHA

PAGINA CENTRAL



O nosso redactor com um grupo de «safaris» no «safari»... José Ruiz, o experiente caçador-guia, é o primeiro á esquerda.

caria já na manhã seguinte. A ti-
tulo de curiosidade, referimos que
apenas seguia no comboio uma
mulher, uma inglesa, esposa de um
engenheiro que trabalha nas minas
de Mapai.

Em relação aos acampamentos
de caça, são as seguintes as distan-
cias dos respectivos apeadeiros:
Mpuzi — 7 km; Assane — 9 km;
Lilau — 33 km; e Chicualacuala —
21 km. Foi esta última a distância
que, na manhã do dia 11, tivemos
de percorrer, em picadas de areia
(secas, apesar de ter chovido re-

(Continua na 19.ª página)

Ordem dos Engenheiros

O conselho cultural da especia-
lidade de Engenharia Químico-Indus-
trial da Secção Regional de Lis-
boa, da Ordem dos Engenheiros,
na sequência dos colóquios já efec-
tuados sobre o desenvolvimento da
Engenharia Química Industrial no
nosso País, leva hoje a efeito, pe-
las 21 e 30, na sede da Ordem, um
colóquio orientado pelo prof. Luís
de Almeida Alves, que versará o
tema: «Programação Dinâmica»

«Diário de Lisboa»

Do eng. Luís de Albuquerque
Couto dos Santos, recebemos um
cartão de agradecimento pelas re-
ferências do «Diário de Lisboa» a
propósito da sua aposentação do
cargo de correio-mor.

JUNKERS
SOMARO, LDA.
PRAÇA 8 DE MAIO, 64
Tel. 22118—FIGUEIRA DA FOZ

ZEBÚ

OBJECTOS AMÁVEIS...
Criados com imaginação e amor
para a decoração do seu lar
PORTICO
A maior colecção de objectos deco-
rativos e utilitários de porcelana,
cerâmica, madeira, marfim, pedra,
cobre, estanho, cristal e vidro de cor
Exclusivos aos preços correntes
Rua da Misericórdia, 31 Tel. 367993

Começaram os trabalhos da nova legislatura da Assembleia e da Câmara Corporativa

Efectuaram-se esta tarde no Pa-
lácio de S. Bento, as sessões pre-
paratórias de abertura da IX legis-
latura da Assembleia Nacional e da
Câmara Corporativa.

Reuniu-se, em primeiro lugar, a
Câmara Corporativa, em sessão

O rebocador «Rio Vez» continua a oferecer perigo à navegação

VIANA DO CASTELO, 25 — Con-
tinua a oferecer perigo à navega-
ção o rebocador «Rio Vez», que,
há cerca de oito meses, se está a
desmantelar, aos poucos, no canal
da barra, junto á Laje do Ladrão.
Ontem, esteve no local, a bordo
da lancha dos pilotos, o director da
Junta Autónoma dos Portos do
Norte, com dois mergulhadores e
outro pessoal. Julgava-se que se
iria fazer desaparecer aquele es-
torvo, tanto mais que já houve um
despacho ministerial a autorizar a
destruição do rebocador, mas, ape-
nas, foi cortado o mastro, perma-
necendo a carcaça na sepultura
em que se encontra há tanto tem-
po, a oferecer os maiores riscos á
navegação.

MERGULHÃO
AS MAIS LINDAS PRATAS
Rua de S. Paulo, 162 • Telef. 30013

NA SAPATARIA
ZEBÚ

NÃO PAGA LUXO...
PAGA S6 QUALIDADE
RUA DA ASSUNÇÃO, 51

A Tomada da Bastilha

— um episódio marcante do espírito acadé-
mico de Coimbra

por JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

Quando, exactamente há qua-
renta e cinco anos — 25 de No-
vembro de 1920 — os *revolucioná-
rios* da Tomada da Bastilha con-
seguiram tomar de assalto o Clu-
be dos Lentes e al hastear a ban-
deira da Associação Académica,
enquanto, ao sinal combinado dum
foguete, uma capa e batina era
arçada no mastro da Torre da Uni-
versidade e os sinos começavam
a repicar festivamente, tinha-se
escrito uma página imorredoi-
ra na história da Academia de Coim-
bra e dos estudantes portugueses.
Eram exiguas e más as instala-
ções da Associação Académica e
os estudantes de então sentiam-se
com o legítimo direito de ter uma
sede condigna, uma sede sua, uma
casa a que cada um pudesse cha-
mar a sua casa, onde a sua liber-
dade (desde que não ofensiva da
liberdade alheia) fosse pelo menos
respeitada; e não uma casa, por
mais ampla e luxuosa, onde se
encontrassem sujeitos á tutela ou
vigilância de qualquer dono ou
mentor, e sujeitos até, em qual-
quer momento, a serem despeja-
dos. Não o tendo, ao que parece,
conseguindo de outra forma, resol-
veram tomar de assalto o chama-

do Clube dos Lentes. A direcção
da Associação Académica teve co-
nhecimento do projecto e dos pre-
parativos, e — segundo o depoi-
mento do presidente de então, dr.
António Pádua — «deu-lhes todo o
apoio que lhes podia dar». Mas a
iniciativa e a realização daquele
feito que havia de se celebrar
foi de 40 estudantes — os 40 *con-
jurados* da Tomada da Bastilha.

Para além do acto em si, a To-
mada da Bastilha ficou para sem-
pre como símbolo do melhor dos
estudantes de Coimbra de qual-
quer época — embora em cada
época tal encontre nas mais diver-
sas manifestações a expressão ade-
quada — ou seja, afinal de contas,
o que já aqui apontamos como
sendo o melhor da juventude, o
que verdadeiramente a caracteriza
e o que especialmente tem carac-
terizado, de uma forma mais ou
menos acentuada conforme as épo-
cas, as sucessivas gerações coim-
brãs: o gosto e a capacidade de
luta pela autonomia e pela inde-
pendência, a afirmação de uma
personalidade livremente crítica e
reivindicativa, a disponibilidade
intelectual e emocional o incon-
formismo, a alegria sadia e comu-
nicante, a irreverência perante pre-
conceitos e ideias feitas a cora-
gem, a solidariedade fraterna.

É curioso acentuar que se o
espírito da Bastilha se mantém
íntegro, quase até os actos se re-
petiram, embora com acentuadas
diferenças, na sua base muitos
anos depois: e até uma capa e
batina voltou a ser desfralada ao
sol, numa inesquecível manhã de
Primavera, enquanto os sinos re-
picavam de novo. E é porque esse
espírito se mantém, e porque ge-
rações e gerações de jovens en-
tenderam que ele de facto simboli-
zava o melhor de uma Academia
com muitos séculos de tradição,
que a Tomada da Bastilha passou
a ser anualmente celebrada, e pas-
sou a ser considerada como «Dia
do Estudante de Coimbra» — con-

(Continua na 19.ª página)



Está já em distribuição, no
País e no estrangeiro, o cartaz
do próximo Carnaval Interna-
cional do Estoril, que acima
reproduzimos. Os já tradicion-
ais festejos manterão, em
1966, o mesmo interesse dos
anos anteriores, com os seus
vistosos corsos e os animados
bailes, bem como a possível
presença de figuras conhecidas
do cinema mundial

JUNKERS
SOCIEDADE TORREJANA
DE AUTOMÓVEIS, Lda
Av. Dr. João Martins Azevedo
Tels. 22249-22349 - Torres Novas

ZEBÚ

JUNKERS
SOCIEDADE DE COM-
BUSTIVEIS DE SANTA-
RÉM, LDA.
Rua Guilherme de Azevedo, 10
Tels. 502-53 e 975 SANTARÉM

Resposta do Ministério da Saúde e Assistência

(Continuação da 1.ª página)

foram já largamente analisadas em declarações governamentais, no Plano Intercalar de Fomento, em pareceres da Camara Corporativa e nas discussões havidas na Assembleia Nacional. Por isso mesmo, não chegamos a compreender o sentido desta confirmação que o articulista pretende obter para os seus pontos de vista, arrogando-se — como parece querer fazer — a pretensão de se apresentar como quem vem dar grandes novidades ou apontar factos que o Governo e os órgãos representativos da Nação não tivessem já largamente debatido, concluindo, depois, que afinal se lhe está a dar razão.

Só com uma diferença: é que o Governo, ao apresentar as deficiências existentes, procura, simultaneamente, encontrar os meios possíveis para as remediar, pelo menos em parte, e lamenta não poder ir mais além, quando tem, pela força das circunstâncias, de se contentar com soluções mais modestas.

O articulista, por seu lado, apresenta os mesmos factos empolados, dentro de generalizações inaceitáveis, como pedras de escândalo, atribuindo a incuria e a incapacidade da Administração a causa exclusiva dessas situações, tal como as descreve. Até parece, algumas vezes, que o Governo, podendo atender às dificuldades verificadas e melhorar alguns dos males existentes ou não faz porque não quer — ou então que os críticos, pelo simples facto de chegarem a idénticas conclusões, seriam capazes de lhes dar imediato reparo, dada a sua comprovada capacidade e para além das dificuldades financeiras que possam existir.

A verdade é que entramos aqui no domínio cómodo da pura crítica á qual basta afirmar, sem ter a responsabilidade de realizar. A posição é fácil e dentro da ética eleitoral, será, porventura, aceitável. Mas, no caso presente, embora o primeiro dos artigos se enquadrasse numa rubrica mais ampla a que se chamou «Com vista às eleições», repetidas vezes se faz a afirmação de que os estudos apresentados pretendem ser objectivos e isentos. Neste ultimo artigo, o articulista fala também, como vimos, nas razões que nos assistem com a imparcialidade que está nas tradições deste jornal.

Se a posição é esta, então temos de mudar de atitude e fazer exigências de análise que noutras circunstâncias não apresentaríamos. E se o articulista entende que «o espaço de um jornal dificilmente se compadece com essa comprovação exaustiva», que se julga indispensável, então não se servia deste meio para o estudo de problemas de facto bastante complexos e deveria ter apresentado as suas observações por outra forma mais adequada.

Feitos estes comentários iniciais, temos de reconhecer que o novo artigo continua a enfermar dos mesmos vícios de análise do anterior, — apesar de de se ter um estudo imparcial e objectivo.

Quem ler o artigo facilmente verificará as contradições de que enferma e os parcialismos — porventura não intencionais — de que dá prova. Não iremos, por isso, retomar uma análise pormenorizada, idéntica á que já fizemos, mas talvez haja vantagem em formula algumas considerações de ordem geral que servirão para esclarecer o pormenor, caso alguns leitores desejem dar-se a esse trabalho.

Na nota anterior, foram apontados, ao artigo, os seguintes vícios de análise, que importaria repetir:

1.º — Não aponta as dificuldades paralelas que se verificam nos demais países, antes apresenta as nossas em termos absolutos que desvirtuam o seu real significado;

2.º — Não pondera a diferente capacidade financeira do País, em confronto com as nações de maior potencial económico, como se os problemas de saúde pudessem desligar-se do contexto sócio-económico em que se desenvolvem;

3.º — Não toma em consideração, antes ignora, as medidas efectivamente adoptadas nos diferentes sectores da saúde e os programas publicamente enunciados, não deixando, porém, de citar pareceres adversos, o que não pode considerar-se atitude correcta para uma análise imparcial da situação;

4.º — Finalmente, entra em generalizações vagas e não demonstradas, que os factos não consentem, pretendendo atribuir ao conjunto dos serviços deficiências ou defeitos que nalguns porventura se

verifiquem, o que é, como se compreende, inaceitável.

Não explicamos a necessidade de proceder de acordo com os princípios contrários aos vícios indicados — para se poder falar de uma análise objectiva e imparcial — porque se afigurava inútil. Mas parece que afinal assim não era, porque não só se reincide nos mesmos erros, como se defendem estes como processo correcto de apreciação.

É o próprio articulista que o diz, afirmando em termos gerais que «é duvidoso, segundo nos parece, que a uma análise da forma como se processa em Portugal a protecção sanitária aproveitasse a verificação de serem ainda maiores as deficiências no Gana ou na China e de que o potencial económico português difere do da França e de que foram adoptadas várias disposições e enunciados esquemas e programas com vista a remediar as insuficiências do sistema».

Não podemos deixar de manifestar admiração perante tal ponto de vista que pretende desconhecer as bases correctas de uma análise séria. E já não estranhámos que, apesar disso, logo de seguida o articulista diga que sim, que fez as comparações indispensáveis. As justificações que para o efeito apresenta são de tal modo inadequadas que demonstram que não conseguiu colocar-se dentro do problema.

De facto, as necessidades dos homens têm-se apresentado até hoje como praticamente ilimitadas. A medida que umas se satisfazem, outras vêm surgindo. Aquilo que ontem era luxo, hoje é indispensável. Dentro desta dinâmica, teremos sempre, por toda a parte, situações deficitárias, insatisfações e reclamações, as quais, no entanto, apresentam um aspecto positivo, pois constituem, com frequência, um forte estímulo para se ir mais além.

Dentro, porém, do critério da simples avaliação das necessidades sentidas e sua confrontação com os meios indispensáveis á sua integral satisfação, não há — e porventura nunca haverá — Governo que satisfaça. Por isso, quando — fora das especulações da política — queremos fazer a reafirmada análise imparcial da situação, não podemos atermo-nos ás simples necessidades insatisfeitas, mas temos de ver, através do conjunto dos elementos existentes, em que medida se atingiu o possível. Para esse efeito, interessa-nos, de facto, tomar conhecimento das realizações dos demais países — e isso se faz a todo o passo, nos mais diversos sectores — a fim não só de colher

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — *Stadium* — As 21: «Ernesto e os gangsters» (17 anos).

PAÇO DE ARCOS — *Cine-Teatro* — As 21 e 15: «O grande ídolo» (12 anos).

OEIRAS — *Oeiras-cine* — As 21: «A história de um grande amor» (17 anos).

PARADE — *Royal-cine* — As 21: «Copacabana» (17 anos).

ESTORIL — *Casino* — As 21 e 30: «Uma aventura em Creta» (12 anos).

CASCAIS — *S. José* — As 21 e 30: «Os Reis do Sol» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Nifo* — Av. Combat G. Guerra, 64 (Tel. 212070).

CAXIAS — *Nova* — Rua Bernardino Ribeiro 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — *Trindade Brás* — R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2420034).

OEIRAS — *Godinho* — R. Cândido dos Reis 98 (Tel. 2430090).

PARADE — *Aisir* — Av. Gago Coutinho — Bairro das Caixas (Tel. 2472948).

ESTORIL — *Costa* — Av. Saboia 29-B (Monte Estoril), (Tel. 260085).

CASCAIS — *Cordeiro* — Av. Comb G Guerra, 40 (Tel. 280170).

Nova — Est. Alvie — Fontainhas (Tel. 281044).

Em CASCAIS o «DIÁRIO DE LISBOA», vende-se na PAPELARIA CARBAL DA SILVA, LDA., RUA FERDINANDO AROUCA, 1-3.

os benefícios da experiência alheia mas de aferirmos também do nosso próprio esforço.

Deste modo, quando verificamos, por exemplo, através dos trabalhos insuspeitos da Conferência da Europa Ocidental sobre Serviços Hospitalares, que os outros países se debatem com problemas de coordenação, de carência de pessoal, de crise na medicina e de financiamento, ficamos a saber que estas dificuldades não nos são específicas, antes se apresentam como resultado de uma evolução de ordem geral, sentida por toda a parte — o que manifestamente nos faz encarar essas questões dentro de uma perspectiva diferente.

Mas este elemento só por si não basta. E não basta pela simples razão de que os programas no domínio da saúde — como em qualquer outro — implicam a utilização de meios de que podemos não dispor. Ninguém, por exemplo, nos vai exigir que iniciemos um programa espacial idéntico ao dos Estados Unidos ou da Rússia, embora daí possam resultar grandes benefícios para a investigação. Um país, portanto, com elevado rendimento nacional pode atingir um estado de protecção sanitária que outro, com menor capacidade económica, se vê privado de alcançar de momento. Daí que as repercussões das crises que os países atravessam possam ser de grau diferente, consoante as circunstâncias de cada um. As comparações, portanto, só podem legitimamente fazer-se entre países de nível económico equivalente. Com esta agravante é que os países economicamente mais evoluídos podem ainda dispor de percentagem mais elevada do seu rendimento para este efeito tal como sucede, aliás, com os próprios indivíduos, consoante o seu grau de fortuna.

Por isso não são, de facto, válidas as comparações no aspecto estrito da saúde, fora do contexto económico-social dos países que se comparam, e o articulista bem o sabe, pois afasta, com razão, a comparação com o Gana. No entanto, se nos ativessemos apenas ás necessidades sentidas, essa comparação seria legítima, porque os homens têm todos as mesmas necessidades de cuidados sanitários, inclusive no Gana.

Aliás se as comparações se pudessem fazer indiscriminadamente, bem fácil nos seria, por exemplo, comparar os nossos índices sanitários com os existentes algumas décadas atrás, e por certo apresentaríamos números de relevo bastante, quanto ás melhorias alcançadas. Abstemo-nos, porém, de o fazer, pois tal argumentação, se pode traduzir, de algum modo, o esforço despendido, não é, só por si, suficiente para se avaliar da posição presente.

Por outro lado, também não se compreende como se possa afirmar que não tem interesse o saber que foram adoptadas várias disposições e enunciados esquemas e programas com vista a remediar as insuficiências do sistema. Parece deduzir-se desta afirmação que os problemas não evoluem, que o avanço científico e técnico não modifica as situações existentes, que a solução das dificuldades que em certo momento se verificam não vem dar lugar a dificuldades subsequentes. E já vimos que a situação é outra e não apenas entre nós.

Se efectivamente os problemas fossem sempre os mesmos, seria razão para perguntar porque é que as dificuldades apresentadas não foram resolvidas muito antes, por exemplo, anteriormente a 1926. Mas de facto, não é assim.

Aliás, este ponto já tinha sido esclarecido, quando se afirmou, na nota anterior, que o direito á saúde só se tornou facto concreto da vida política dos povos depois da ultima conflagração mundial, donde resulta a necessidade de adaptações sucessivas, ás vezes de mudanças totais de orientação.

Naquela mesma nota se dizia: «Vê-se que, por toda a Europa, se processa, precisamente neste momento, a profunda revisão tornada indispensável pela evolução das ciências médicas e sociais. E quem tiver estado atento á actividade legislativa do Ministério da Saúde e Assistência não deixará de reconhecer que este acompanhamento, sem desmerecer, o movimento geral que fica descrito. É que a situação portuguesa enquadra-se perfeitamente no panorama geral europeu, tomadas em conta as proporções devidas e as possibilidades dos vários países».

Continuaremos, a afirmar, por quanto fica dito, que a análise imparcial destes problemas não pode ignorar as medidas efectivamente adoptadas e os programas enunciados que se têm vindo a cumprir sistematicamente.

O articulista, á falta de melhor argumento, justifica a ausência de qualquer indicação quanto aos programas em curso dizendo que os diplomatas e planos de acção pertinentes já eram do conhecimento publico. Mas então, não seriam do conhecimento publico os documentos que transcreve para basear as suas críticas?

Três outros pontos, vale ainda a pena analisar.

O primeiro respeita á consideração em que devem ser tomados os pareceres técnicos dos organismos representativos e dos seus quadros mais qualificados.

A este respeito afirmou-se que o Governo, como responsável pela política prosseguida, tem de ser livre na apreciação das soluções propostas, cumprindo-lhe seguir o caminho que se lhe afigure mais ajustado ao interesse nacional, olhado no seu conjunto. E acrescentava-se: «Tanto mais que os técnicos, pela natureza das coisas, são dados a pôr a maior prioridade sobre os assuntos que estão particularmente empenhados. Ora, na impossibilidade de dar execução simultânea a todos os programas, ainda que justificados, os diversos estudos sectoriais devem ser olhados de um ponto de vista que a todos abranja e permita estabelecer as hierarquizações indispensáveis, o que só o Governo está em posição de fazer».

Antes, tinha-se dito que os diplomas fundamentais da actuação do Ministério da Saúde haviam sido submetidos á Camara Corporativa e á Assembleia Nacional, tendo sido também ouvidas, quando as circunstâncias o justificavam, a Ordem dos Médicos e a Organização Mundial de Saúde.

Mas o articulista vem-nos dizer «A este respeito, devemos esclarecer que o comunicado confunde a Ordem dos Médicos e os seus quadros mais representativos a que obviamente se referia o nosso artigo, com a Camara Corporativa, a Assembleia Nacional e a O. M. S. Nele se afirmava também que o Governo, árbitro do interesse nacional, não tem de «aceitar e seguir os pareceres técnicos que lhe sejam apresentados sem alteração». Isto é verdade. Mas deverá o Governo ignorar os pareceres técnicos ou agir contra eles, como no acordo já citado e, mais recentemente, no caso de socorros urgentes em Lisboa, que os técnicos consideravam não ser ainda altura de promover?».

Parece derivar daqui que o articulista desejaria que, em matéria de leis, as decisões das Camaras se substituissem ao parecer da Ordem. Devemos dizer que nunca a Ordem dos Médicos — representada, aliás, na Camara Corporativa pelo seu bastonário — apresentou pedido semelhante, como é óbvio. Nem a Ordem dos Médicos tem deixado de ser ouvida numerosas vezes, em especial quando estão em causa os interesses da profissão livre.

Por outro lado, não se compreende como é que o Governo mantinha a sua liberdade de decidir, se não pudesse resolver contra os pareceres dos técnicos, sempre que considerasse essa a melhor solução. Tal atitude seria, como é manifesto, uma inversão de competências que nenhum Governo responsável aceita ou poderá aceitar.

No que respeita, especificamente ao caso dos socorros urgentes em Lisboa, não temos conhecimento de que a Ordem se tenha pronunciado sobre o assunto e podemos assegurar que os inspetores superiores médicos, da Direcção-Geral dos Hospitais, estiveram de acordo com o programa, que por eles e pela Polícia de Segurança Publica foi preparado, em estreita ligação com os responsáveis médicos e administrativos dos hospitais centrais de Lisboa. Ficamos, pois, sem saber quais são os pareceres técnicos relevantes que se deveriam ter sobreposto áqueles que se indicaram.

O segundo ponto respeita á afirmação contida na nota anterior de que os programas de cobertura sanitária que se apresentem só têm conteúdo sério e efectivo quando acompanhados dos adequados esquemas de cobertura financeira, devendo estes, por seu lado, apresentar a demonstração da sua viabilidade prática, pois todo o trabalho que não seja alicerçado nesta base pode traduzir legítimas aspirações, mas não terá consistência no domínio da acção imediata.

A isto contrapõe o articulista que o comunicado deixa sem justificação a ideia de que será impossível ampliar a verba disponível para a protecção sanitária. Como não é o Governo que está

a criticar, parece que seria ao articulista que competia fazer a demonstração que lhe interessa. Aliás a política financeira do Governo está suficientemente patente nas leis de meios, nos orçamentos anuais e na apreciação das contas, bem como nos respectivos relatórios. Não parece, pois, que falem elementos para se fazer esse estudo, desde que se deseje.

Por fim o articulista parece fazer-se eco de um equívoco, já hoje raro na maioria dos países evoluídos, mas que ainda surge de onde em onde, segundo o qual existe manifesta oposição entre a medicina e a administração.

O certo é que tanto a medicina como a administração são ciências perfeitamente diferenciadas e cada uma com as suas técnicas próprias. Os respectivos profissionais têm estatuto diferente e, em grande numero de países, são preparados através de cursos apropriados e privativos.

No fundo, o que se verifica é que os problemas da organização hospitalar exigem a colaboração de técnicos das mais variadas formações: médicos, farmacêuticos, engenheiros, arquitectos, economistas, enfermeiros, assistentes sociais, contabilistas, etc., dada a complexidade dos estabelecimentos desta natureza. Não há, aqui, que pôr problemas de supremacia, mas de justa e equilibrada colaboração, de modo a que as questões sejam vistas de todos os ângulos desejáveis. Quando esse espírito de colaboração e respeito mútuo existam, tudo corre bem; no caso contrário, haverá sempre dificuldades.

Traduzindo esta realidade os serviços da Direcção-Geral dos Hospitais, recentemente estruturados, compreendem as seguintes Inspekções Superiores: Planeamento e Organização, Gestão, Medicina, Farmácia, e Instalações e Equipamentos, e as Inspekções de Enfermagem e Acção Social. Além disso existe um Gabinete de Estudos Médico-Sociais e uma Repartição Administrativa. Cada um destes sectores é dirigido e servido por técnicos das respectivas especialidades.

Haverá razão, em face disto, para dizer que temos o intuito de proceder sem consideração pelos pareceres técnicos?

O que há é pareceres chamados técnicos que, infelizmente, nem sempre são tão estritamente técnicos como se querem apresentar.

Mas poderá dar-se um esclarecimento. Se o sector hospitalar, pela multiplicidade das colaborações especializadas que exige, apresenta uma gama tão diversificada de serviços, o mesmo não sucede, por exemplo, com a Direcção-Geral de Saúde. Ali, encontramos Inspekções exclusivamente médicas, todas dirigidas por médicos.

Isto significa que a complexidade dos problemas não se compadece com soluções uniformes, antes tem de variar para se acomodar á natureza das situações.

Termina o artigo em apreço por uma pergunta: «Ou não será ainda verdade que todas as reformas, remodelações e programas sanitários se votarão ao malogro enquanto se não prestar a devida atenção aos problemas da profissão médica?».

A esta pergunta, respondemos com o próprio relatório das Carreiras Médicas — tão justamente citado no decurso do artigo: «Pensar que o problema da assistência se resolve abrindo as Carreiras Médicas, é uma ilusão. As carreiras constituem uma estrutura fundamental do Serviço de Saúde; sem elas não haverá assistência de boa qualidade; só com elas a situação presente não melhorará».

É de harmonia com este conselho que se tem procedido, pois sem a existência de um conjunto de condições que se tem procurado sistematicamente reunir — do que o articulista parece não se ter apercebido — tudo o que se fizesse seria pura agitação.

Dentro deste espírito, o Ministério da Saúde só vê, com satisfação, todas as contribuições úteis que possam ser-lhe apresentadas para a solução dos problemas e continua atento a todas as sugestões. Pede, apenas, que o estudo dos problemas seja feito desapaixonadamente, pondo de lado posições pessoais ou objectivos políticos, de modo a que se consiga efectivamente esclarecer os espíritos e obter a maior rentabilidade dos serviços existentes».

Com a publicação deste comentário do Ministério da Saúde e Assistência, ainda susceptível de observações da nossa parte, fica, todavia, encerrado o debate suscitado pelo artigo «A protecção sanitária», integrado na série «Com vista ás eleições».

O SEGUNDO GOLPE DE ESTADO DO GENERAL MOBUTU

(Continuação da 1.ª página) — general Mobutu pelas «medidas salutares» que acaba de tomar.

bem informados, o general Mobutu teria garantido que «não serão adoptadas disposições de prisão contra o presidente da República deposto, Kasavubu, ou contra qualquer outro político».

QUEM SÃO MULAMBA E BOBOZO

O coronel Mulamba é o chefe do Estado-Maior do Exército e comandante da região nordeste, a zona principal de actividade rebelde. Altamente respeitado tanto em círculos congolese como estrangeiros, Mulamba orientou a defesa da importante cidade oriental de Bukavu durante a fase crucial da rebelião do ano passado.

O general Bobozo era o comandante do Quarto Grupo das Forças Armadas nacionais na Katanga. Segundo Rádio Léopoldville, as novas autoridades congolese garantem o respeito pelas instituições actuais da República. Confirmam a lealdade à carta da Organização da Unidade Africana e asseveram que os acordos internacionais concluídos com países estrangeiros serão respeitados.

O general Mobutu anunciou para hoje, uma conferência de Imprensa. Rádio Léopoldville anuncia, por outro lado, que o general Mobutu receberá, na sua residência, Jean Yvon Kimpiobi, presidente da Camara dos Deputados, e Sylvestre Mudingay, presidente do Senado.

Por outro lado, a Federação dos Antigos Combatentes do Congo enviou uma mensagem saudando o

CONFIRMANDO ESPECULAÇÕES

Há algumas semanas que se faziam especulações sobre a possibilidade de um golpe de Estado efectuado pelo general Mobutu. Sabe-se que o general manifestara o seu descontentamento perante a impossibilidade de Kasavubu e de Tschombé chegarem a uma solução de compromisso e também que se opunha às disposições tomadas pelo Governo de Kimba para obter a reconciliação com os chefes rebeldes e melhorar as relações com os países africanos que auxiliaram a rebelião.

O golpe de Estado deu-se um dia depois do primeiro aniversário da libertação de Stanleyville das mãos dos insurrectos, que pôs fim à efémera República Popular do Congo. Trata-se do segundo golpe de Estado realizado pelo general Mobutu, de 35 anos. Em 1960, afastou do Poder Patrice Lumumba, que se havia proclamado chefe do Estado congolês, e destituiu também o primeiro-ministro.

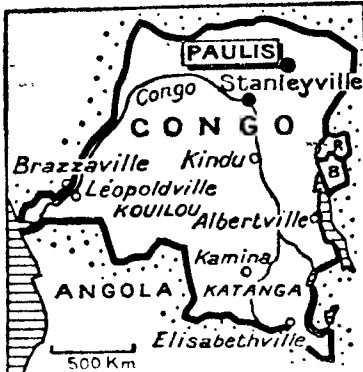
Estão eleições previstas para Fevereiro do próximo ano, ao abrigo da Constituição, afirmando-se que Kasavubu pretende ser reeleito presidente da República. A conquista do Poder por Mobutu significa, segundo os observadores diplomáticos, que Tschombé será impedido de participar no pleito eleitoral. Contudo, a proclamação de hoje não faz qualquer alusão sobre o procedimento para as eleições presidenciais.

TRANQUILIDADE EM LÉOPOLDVILLE

Léopoldville permaneceu tranquila durante a mudança de Governo e nas ruas da cidade não havia reforços de patrulhas. Alguns paraquedistas encontravam-se no posto de Rádio e todas as transmissões estavam a ser fiscalizadas.

A maioria da população de Léopoldville é da tribo Bakongo, a qual pertence Kasavubu, mas parece não ter havido reacção imediata à sua demissão.

Ào princípio da manhã, os operários congolese, a maioria dos quais ignorava o golpe de Estado,



O CONGO EX-BELGA que tem extensa fronteira comum com Angola

seguiam normalmente para o trabalho. Não havia quaisquer caminhos bloqueados e viam-se muito poucos soldados. As crianças dirigiam-se para as escolas, os transportes públicos funcionavam normalmente, lojas e repartições abriam como de costume e os jornais estavam à venda — evidentemente sem notícias do golpe de Estado, que ocorreu às 4 horas da manhã (3 horas T. M. G.).

Todos os departamentos oficiais estavam guardados por soldados. A primeira impressão que se colhia nos bairros negros era de satisfação geral. Havia muita gente para da nas esquinas, e alguns gritavam: «Agora tudo vai ser diferente». Outros até dançavam.

O general tenciona manter-se durante cinco anos na presidência

LÉOPOLDVILLE, 25 — (R.) — Durante a conferência de Imprensa que marcou para hoje, o general Mobutu declarou que tenciona estar na presidência da República do Congo durante os próximos cinco anos, acrescentando que a Constituição do Congo será modificada de

KASAVUBU — primeiro presidente do Congo

LÉOPOLDVILLE, 25. — (R.) — Joseph Kasavubu era o presidente do Congo desde a independência do país, obtida em 1960.

Kasavubu aceitou aquele cargo após ter perdido a luta com o falecido Patrice Lumumba, para o cargo de primeiro-ministro. Assumindo a presidência, tomou a iniciativa de demitir Lumumba, que iria mais tarde morrer em circunstâncias misteriosas na Katanga.

Denominado «Rob» (rei) pelos seus amigos bakongo, Kasavubu foi o primeiro congolês a falar abertamente a favor da independência.

Educação por missionários católicos, estudou para sacerdote, ingressando mais tarde num colégio de treino para professores e colocou-se como funcionário belga.

Durante a década de 50 tornou-se célebre entre os congolese avançados conhecidos pelo nome de «évolués» (evoluídos). Em 1950 foi eleito presidente do «Abako», na altura uma associação cultural e social dos elementos da tribo bakongo. O «Abako» apelou para uma independência imediata e durante as eleições de 1957 obteve uma vitória retumbante em Léopoldville.

Após prestar juramento como presidente do Município de Denadale, uma das comunas africanas de Léopoldville, Kasavubu fez o seu primeiro discurso criticando abertamente a administração belga. Foi repreendido e, após uma revolta dos seus adeptos, foi preso.

Em 1960, a figura de Kasavubu emergiu como «leader» das conferências entre a Bélgica e o Congo, que nesse ano conduziram à independência.



KASAVUBU — o «rei»



TCHOMBÉ, que se diz «não caber em si de contentes» com os acontecimentos de hoje

MOISÉS TCHOMBÉ

PARECE SATISFEITO

WASHINGTON, 25 — (A. N. I. e R.) — Funcionários da Secretaria do Estado informam ter o antigo chefe do Governo congolês Moisés Tschombé entrado em contacto com o embaixador dos Estados Unidos em Léopoldville, McMurtrie Godley, informando-o de que se encontra em segurança.

Segundo uma fonte fidedigna de Léopoldville, que se avistou com Tschombé, este «não cabia em si de contentes» com os acontecimentos de hoje.

Segundo observadores, o golpe de Estado de hoje aumentará as probabilidades de eleição de Tschombé no próximo ano — se estas se efectuarem conforme estava previsto.

Entretanto, Kasavubu, de 53 anos, passou a noite no seu palácio presidencial num subúrbio de Léopoldville. Uma fonte afecta ao presidente deposto revelou que Kasavubu deveria abandonar a sua residência esta manhã.

Círculos bem informados afirmam que Kasavubu não está sujeito a quaisquer restrições e tem completa liberdade de movimentos.

Proclamação de Mobutu

BRAZZAVILLE, 25 — (F. P.) — Texto da proclamação do Alto Comando do Exército Nacional Congolês, transmitido pela Rádio Léopoldville:

1 — O presidente Joseph Kasavubu é destituído do cargo de presidente da República Democrática do Congo.

2 — Evariste Kimba, deputado nacional, é dispensado das funções de «formador» do Governo.

3 — O tenente-general Mobutu, comandante-geral do Exército Nacional Congolês, assumirá as prerrogativas constitucionais do chefe de Estado.

4 — As instituições democráticas da República, previstas pela Constituição de 1 de Agosto de 1961, continuam a funcionar, exercendo as suas prerrogativas. Este, nomeadamente, o caso da Camara dos Deputados, do Senado e das instituições provinciais.

5 — A República Democrática do Congo proclama a sua adesão à Carta da O. N. U. e à O. U. A.

6 — Todos os acordos concluídos até à data, com todos os Estados amigos, serão respeitados.

7 — Salvo decisão em contrário do Parlamento, os acordos relativos à adesão da República Democrática do Congo à Carta da Organização Comum Africana e Malgache serão acatados.

8 — A política internacional do Congo, país africano, inspirar-se-á nos interesses de todo o continente africano. Nesta ordem de ideias, será prosseguida a política de entendimento entre o Congo e os países africanos.

9 — Não será tolerada seja que ingerência for nos negócios internos do Estado.

10 — Todas as disposições de interdição aplicadas recentemente a certas publicações congolese e estrangeiras, são levantadas a partir de hoje, 25 de Novembro.

11 — Os direitos e liberdades ga-

rantidos pela Constituição de 1 de Agosto de 1961, serão respeitados. Assim sucederá, nomeadamente, com a liberdade de religião, de expressão, de Imprensa, de consciência, de reunião e de associação.

12 — Como o Exército Nacional Congolês se mantém, por norma, alheio às actividades políticas, todos os presos políticos serão restituídos à liberdade. Esta decisão não se aplica aos membros dos bandos insurreccionais que atentaram contra a segurança interna do Estado.

13 — Escusado será afirmar que o Exército Nacional Congolês, que vela pela segurança, os haveres e os indivíduos, congolese como estrangeiros, continuará a garanti-los.

O texto desta proclamação, acrescenta: «Ao tomar tão graves decisões, o Alto Comando do Exército Nacional Congolês espera que o povo congolês se mostrará agradecido, porque é sua única finalidade garantir a paz, a tranquilidade, a ordem e a prosperidade, que tão notavelmente lhe tem faltado desde que o país alcançou a independência».

«Sublinha o Alto Comando, energeticamente, que as decisões que tomou não terão por consequência uma ditadura militar, apenas o amor à pátria e o sentido das responsabilidades relativamente à nação congolese, levaram o alto comando a tomar estas disposições. Assim provará à História, à África e ao Mundo».

«O Alto Comando do E. N. C. pede a todos os congolese para confiarem nele. Pede, ainda, que o funcionamento regular das instituições da administração e da economia seja garantido mediante a presença de todos nos locais onde trabalham».

Esta proclamação é assinada pelo tenente-general Joseph Desiré Mobutu.

forma a ser possível a sua nomeação como presidente.

As eleições presidenciais que estavam marcadas para o próximo ano não se efectuarão — declarou Mobutu.

O coronel Mulamba, novo primeiro-ministro designado, iniciará amanhã de manhã as consultas aos dirigentes políticos para formar novo Governo.

O general Mobutu declarou: «Terminou a corrida à presidência. Sabado, um Governo nacional estará

formado sob a chefia do coronel Mulamba e será aprovado no Parlamento por aclamação».

Durante a conferência de Imprensa, dada pelo general Mobutu nos jardins das traseiras da sua residência dos arredores de Léopoldville, Mobutu encontrava-se ladeado pelo coronel Mulamba e alguns oficiais superiores do Exército. O general afirmou, também, que juntamente com outros militares, assumiria o «controlo» do Exército enquanto desempenhava também as suas funções civis.

As razões invocadas para a iniciativa

BRAZZAVILLE, 25 — (F. P.) — Depois de anunciar ao povo congolês as decisões tomadas durante a noite pelo Alto Comando do Exército Nacional, Rádio Léopoldville transmitiu uma nota do general Mobutu:

«A convite do general Mobutu, as autoridades superiores das Forças Armadas reuniram-se em 24 de Novembro, na sua residência. Examinaram a situação política e militar no país e chegaram à conclusão de que, se a situação militar era satisfatória, havia completa falência no plano político. Desde que o país alcançou a independência, o Exército Nacional Congolês nunca regateou esforços desinteressados, a fim de garantir uma situação melhor à população. Os dirigentes políticos, em contrapartida, entrincheiraram-se numa luta estéril para chegarem ao poder, sem qualquer consideração pelo bem-estar dos cidadãos deste país».

«Há mais de um ano que o Exército Nacional luta contra a rebelião que, em dada altura, ocupou dois terços do território da República. Encontrando-se a rebelião quase vencida, agora, o Exército Nacional verifica com desgosto que não se fez qualquer diligência da parte das autoridades políticas, para acudir às populações sinistradas que saíam, hoje, em massa, do mato, confiantes no Exército Nacional».

«Posto que a corrida ao Poder, dos políticos — conclui a nota — comportava o risco de nova sangria congolese, todos os chefes militares do E. N. C., reunidos em 24 de Novembro, em volta do seu chefe, tomaram, em consideração do que precede, as decisões graves que acabam de ser anunciadas».

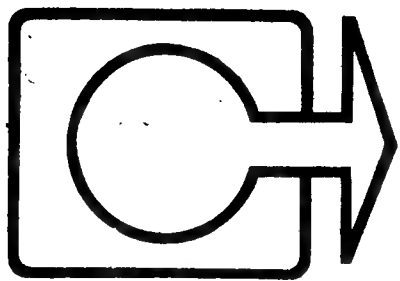
Lançou ao acaso de um avião

«cocktails Molotov»

MIAMI (Florida), 25 — (F. P.) — Voando em aviões de aluguer sobre os bairros que julgava habitados por agitadores comunistas ou chefes negros, Lon David Shaw, de 31 anos, brilhante engenheiro electrónico de Miami, lançou, ao acaso, «cocktails Molotov» que ele próprio fabricou.

«Era pura e simplesmente guerra psicológica» — declarou aos polícias que o prenderam ontem e aos quais afirmou ter efectuado cinco «bombardeamentos», aliás, sem consequências graves, visto os seus projecteis terem caído, na maioria, em jardins.

Shaw afirmou, durante o interrogatório, que não pertencia a qualquer organização anticomunista.



A ideia Kodak Instamatic para câmaras de filmar!

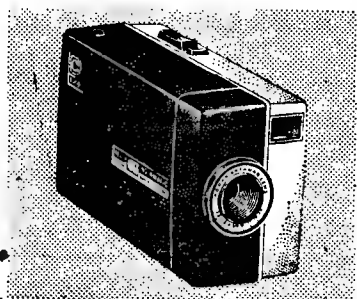


Abre

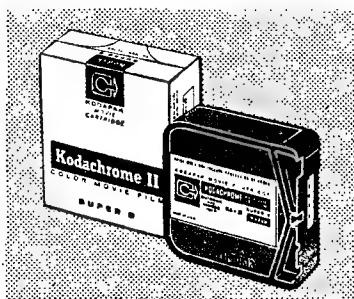
Coloca

e pronta a filmar!

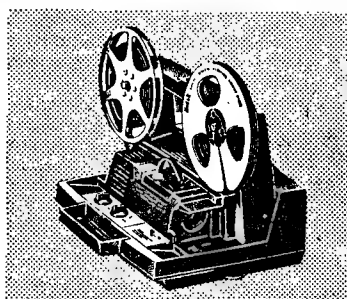
A Kodak revolucionou o cinema amador com a ideia Instamatic Super 8. A nova câmara de filmar carrega-se num instante, automaticamente! A nova película proporciona maior imagem, mais nítida e brilhante. Basta apenas colocar o novo carregador KODAPAK na câmara e começar a filmar a cores. Nada para manusear, é tudo automático. E no écran verá com maior realismo as cenas filmadas.



A Kodak revolucionou a câmara de filmar. É simples, prática e leve. Para filmar basta apenas colocar o carregador KODAPAK na câmara.



A Kodak revolucionou a película de 8 mm. Este é o novo carregador KODAPAK, com o filme Super 8, que permite imagens melhores e 50 % maiores.*



A Kodak revolucionou o Projector. Este Projector Kodak Instamatic tem velocidade normal, rápida ou lenta. Projectação nítida e brilhante. Enfiamento automático do filme.

Tamanho de 8 mm normal



Tamanho de Super 8
Imagem 50 % maior

VEJA POR SI NUM REVENDEDOR KODAK

* A projecção do filme Super 8 só poderá ser feita com projectores Super 8

KODAK PORTUGUESA, LIMITED — LISBOA — PORTO

Kodak

A CONFERÊNCIA DE IMPRENSA NO PALÁCIO DAS NECESSIDADES

(Continuação da 8.ª página)

Isso basear nas mesmas as decisões que importam ao interesse nacional porque esse é permanente. A resolução aprovada pelo Conselho, mesmo depois de eliminadas as cláusulas mais irresponsáveis, constitui suficiente apoio e ilustração das reflexões motivadas pelo debate, e não lhe devemos atribuir outro valor que não seja o de reafirmar objectivos políticos do momento para fins imediatos. Devemos aqui observar que, depois de emendada pelo Uruguai, a resolução reproduz quase literalmente a que foi votada em 1963, pelo que nada inovou. Mas produziu-se esta diferença considerável: em 1963 apenas a França se absteve; hoje abstiveram-se também os Estados Unidos, a Inglaterra e a Holanda. Parece o facto de assinalar, e de lhe sermos sensíveis.

Para além destes aspectos políticos, insistiu a delegação portuguesa na questão da paz e da segurança. Defendemo-nos da acusação neste particular; provamos aos espíritos de boa fé que não constituímos ameaça para ninguém; e pela primeira vez tomamos a iniciativa de atacar e de acusar, alegando com factos que somos os ameaçados e mesmo os agredidos.

Propusemos ao Conselho que estabelecesse uma comissão restrita, incluindo um representante português e outro dos países africanos, para averiguar das ameaças à paz, e pedimos formalmente que estas fossem investigadas onde quer que se produzissem. E alguns membros do Conselho designadamente os Estados Unidos, sugeriram que fossem renovadas conversações entre Portugal e os países africanos, no seguimento das efectuadas em 1963. Mas de tudo isto não se encontra reflexo na resolução aprovada porque os delegados africanos não o consentiram. Nós haveremos de perseverar, porém, em pedir que se investiguem as ameaças e as agressões de que temos sido vítimas; e como já tem sido dito, estamos prontos, por outro lado, a conversar com os países africanos quando estes ou a O. N. U. julgarem útil.

O caso da Rodésia

Interrompeu-se o debate sobre Portugal para o Conselho se ocupar da Rodésia. Antes da discussão no Conselho, no entanto, já aquele território fora discutido na 4.ª Comissão e depois no plenário da Assembleia, e três resoluções foram votadas condenando o Governo local. Sempre a delegação portuguesa votou contra as resoluções, e nessa atitude se firmaram algumas críticas. Disse-se que apoiávamos e nos identificávamos com um regime racista e que assim negávamos a nossa política multirracial. Não é procedente a crítica, e direi uma palavra de explicação. Nós votamos contra as resoluções sobre a Rodésia por motivos só nossos, e que nada se relacionam com a política racial deste ou daquele Governo. Também não votamos nem temos nunca votado contra a admissão da

A MORTE DA RAINHA ISABEL DA BÉLGICA

BRUXELAS, 25—F.P.—Foi afixada ontem à noite em Bruxelas, por ordem do burgomestre da cidade, uma proclamação, na qual se afirma, nomeadamente:

«Foi com profunda emoção que todos os belgas, — e os habitantes da capital em particular — receberam a notícia do falecimento da rainha Isabel e sentem a perda cruel desta soberana admirável e amada que consagrou a sua vida ao papel que foi chamada a desempenhar durante três reinados.

«A sua memória ficará ligada à do Rei Cavaleiro e a veneração de que foi rodeada por todos não poderá apagar-se. A pátria partilhará do luto da família real».

O sr. D. Duarte Nuno de Bragança assistirá ao funeral

O sr. D. Duarte Nuno de Bragança recebeu telegramas do rei Balduino e do ex-rei Leopoldo, a comunicar o falecimento da rainha Isabel da Bélgica, que era filha da infanta portuguesa D. Maria José, irmã de D. Miguel II.

Sendo assim, era primo directo da falecida rainha o sr. D. Duarte Nuno de Bragança, que parte amanhã para Bruxelas, como hóspede oficial do rei Balduino, ficando instalado no Palácio Real de Laken, a fim de estar presente no funeral da soberana, que se efectua na terça-feira.

China Continental na O. N. U., e isso não significa aprovação do seu regime interno, que é assunto da competência exclusiva do povo chinês. Tomamos posições de harmonia com princípios, e no caso da Rodésia os motivos foram os seguintes: o Reino Unido declarava solenemente na Assembleia que a Rodésia era da sua exclusiva competência, e há dez anos que Portugal sustenta que as declarações de potências quanto ao estatuto dos seus territórios têm de ser respeitadas e aceites sem discussão, pelo que não poderíamos agora concordar na interferência das Nações Unidas no caso; há dez anos que Portugal sustenta que a Carta não pode ser invocada pela O. N. U. para justificar a imposição de critérios políticos aos países-membros quanto aos seus territórios, pelo que se agora nos desdisséssemos estaríamos abrindo um precedente a invocar amanhã contra nós; finalmente, tendo a O. N. U. condenado a intervenção britânica em Aden, Oman e Guiana, não nos parecia lógico que a mesma organização, ao abrigo dos mesmos precedentes legais, procurasse impor à Inglaterra uma interferência na Rodésia nos termos decididos pela Assembleia. Compreendemos a delegação portuguesa a emoção e o interesse levantados na Assembleia e fora dela pela questão rodésiana; mas não se podia por essa circunstância abandonar princípios em que assenta a defesa de Portugal, e que são nossos há muito. Mas o problema da Rodésia adquiriu muito maior acuidade e suscitou intensa emoção quando, pouco depois, o Governo rodésiano proclamou unilateralmente a sua independência. Podemos dizer, sem exagero, que em torno do facto se criou um dos problemas mais importantes e uma das crises mais complexas do continente africano nos últimos tempos. Tratarei sómente dos aspectos que nos tocam directamente.

Nas Nações Unidas, e em alguns círculos internacionais não tem sido afirmado mas tem sido tendenciosamente sugerido que alguma responsabilidade poderemos ter tido na decisão rodésiana. Rejeitamos categoricamente a sugestão, e devemos agradecer ao primeiro-ministro Wilson a amabilidade de haver repellido a insinuação que naquele sentido fora feita na Câmara dos Comuns. Nós compreendemos as dificuldades em que se encontra o Reino Unido, e não queremos agravá-las. De resto, neste particular não fomos consultados quanto à política britânica naquela área, nem tínhamos evidentemente que ser ouvidos, sem embargo da vizinhança geográfica e outros interesses comuns; mas parece que do mesmo modo poderemos agora ser dispensados de ver acrescidas as nossas próprias dificuldades que aliás também temos enfrentado de há muito sem incómodo de maior para a generalidade dos nossos amigos. Rejeitando responsabilidades especiais na crise suscitada em torno da declaração de independência rodésiana, não poderíamos evidentemente aceitar o convite capcioso do Conselho de Segurança para participarmos do debate do problema. Ligado o convite, como foi pelas delegações da Jordânia e da Rússia aos votos que emitiram antes sobre as resoluções condenando a Rodésia, o Conselho assumiu a posição de tribunal para inquirir e julgar das razões das atitudes de delegações de países soberanos, e isso constituía uma forma de pressão política inaceitável; e por outro lado o Conselho não convidava a Zâmbia nem o Malawi, sendo certo que ambos são igualmente vizinhos da Rodésia, pelo que havia nítido propósito discriminatório contra nós, o que não podíamos tão pouco consentir.

As sanções contra a Rodésia

Mas enquanto não foi conhecida a nossa resposta, as numerosas delegações africanas e asiáticas que participaram no debate abstiveram-se de nos atacar; mas essa elegante isenção inicial cessou depois da nossa recusa. Não tiveram expressão os ataques, todavia. Ressalvarei o do delegado etíope; porque o representante daquele império medieval intimou a Inglaterra a que declarasse guerra a Portugal e à África do Sul como meio de bater a Rodésia. Mas é sobretudo revelador e importante o que disse o delegado indiano: afirmou ser indispensável destruir a Rodésia porque sem a destruição daquela não seria possível destruir Portugal em Moçambique e Angola. Ao dizer isto, levantou o representante da União Indiana um aspecto fundamental, e mesmo decisivo, e que se repete de forma evidente na aplicação das medidas recomendadas há dias pelo Conselho de Segurança. Refiro-me à questão das sanções contra a Rodésia. Observarei desde já que, ao invés do que geralmente parece pensar-se, a re-

solução do Conselho de Segurança foi redigida e votada nos termos do capítulo VI da Carta, o que significa não ser injuntivo o seu texto nem vinculatório as suas cláusulas; e sublinharei ainda que a disposição referente a sanções diz expressamente que os governos «se esforçarão» por cortar laços ou contactos económicos com a Rodésia, nunca se sabendo se tais esforços serão ou não bem sucedidos. Aliás já vários governos ocidentais e africanos declararam que têm de estudar atenta e profundamente o texto da resolução, não lhes parecendo que o mesmo seja de fácil aplicação. Mas admitindo, para simples exame do problema, a aplicabilidade de sanções contra a Rodésia, chegaremos a conclusões surpreendentes. Se do lado de Moçambique e da África do Sul fossem suspensos os transportes ferroviários para a Rodésia, esta seria afectada sem dúvida, mas muito mais atingida seria a Zâmbia, porque a via férrea para esta passa através daquela, e não seria razoável exigir que a Rodésia ficasse de braços cruzados vendo circular no seu território abastecimentos para a Zâmbia, enquanto ela própria sofria um embargo. Se fosse cortada a ligação ferroviária pelo lado oriental, restaria a Zâmbia uma saída por Katanga através de Angola até ao Lobito. Mas para transportar a totalidade do cobre de Zâmbia satisficando também o manganês de Katanga, teria de se suspender também o minério desta última porque o caminho de ferro de Bengala não tem capacidade para transportar ambas, e isso seria a ruína da República do Congo; e se se mantivesse o transporte do minério katangues sacrificando o da Zâmbia atingir-se-ia gravemente a economia desta última. Por outro lado, as economias da Katanga, da Zâmbia, do Malawi e da Rodésia estão intimamente ligadas e são interdependentes e aqueles países têm de continuar a comerciar com a Rodésia sob pena de sofrerem e de se infligirem graves prejuízos.

Todos temos visto referências à possibilidade de transportar minérios ou combustível por pontes aéreas; mas um sóbrio cálculo de preços logo revela a ligeireza do propósito. Também não devemos esquecer que há outros produtores mundiais de cobre, de tabaco, de açúcar, de combustíveis, e que para esses seria sumamente vantajosa a subida de preços que resultaria da asfixia e portanto da suspensão de produção daquela vasta área do continente africano. Mas tudo isto são simples aspectos, entre muitos

Perguntas dos jornalistas e respostas do ministro

Terminada a leitura da sua comunicação o sr. dr. Franco Nogueira, como já é tradicional, colocou-se à disposição dos representantes dos órgãos de Informação para esclarecer quaisquer dúvidas suscitadas pelas suas declarações e, bem assim, sobre outros aspectos da política internacional portuguesa.

A primeira pergunta pôs em destaque uma recente posição do general De Gaulle, quanto à possibilidade de estabelecer elos de ligação entre a E. F. T. A. e o Mercado Comum. Um jornalista pretendeu saber qual era a posição de Portugal no assunto.

— Somos há muito tempo — esclareceu o ministro — partidários dessa aproximação, que nos parece de fazer, no interesse de todos. E já em tempos manifestámos a nossa concordância com o movimento agora de novo esboçado.

● A Inglaterra e a Rodésia

Durante a sua comunicação o ministro Franco Nogueira disse que o Reino Unido declarou, na assembleia da O. N. U., que o problema da Rodésia é da sua exclusiva competência. Como entende o Governo português poder conciliar-se a atitude da Grã-Bretanha com a presença em Lisboa de um representante diplomático da Rodésia? — foi então perguntado.

— Não me parece haver contradição entre essas duas posições — esclareceu o dr. Franco Nogueira. — A representação da Rodésia em Lisboa goza de um estatuto especial, livremente consentido e estabelecido de acordo com o Governo inglês.

— Previsões para o futuro? São difíceis de fazer e, aliás, contingentes e a actividade diplomática

outros, de um quadro muito complexo que não pode ser encarado através de resoluções emotivas do Conselho de Segurança. Não compreendemos a emoção e ressentimento de alguns países, e a ansiedade, a avidez ou receio de alguns interesses; mas uma política não pode basear-se em sentimentos emocionais ou em interesses ilegítimos. Pelo que nos respeita, tem-se dito em círculos internacionais que um embargo contra a Rodésia apenas será bem sucedido se Portugal colaborar, e assim se pretende lançar sobre nós, pelo fracasso eventual, uma responsabilidade que aos olhos de alguns nos faria assumir um papel odioso. Mas nós temos de nos recusar a essa responsabilidade, porque não nos pertence: os seus responsáveis por esse facto fazem-no para esconder os seus próprios desígnios, e são os mesmos que jubilosamente nos responsabilizariam depois pelas dificuldades da Zâmbia, do Katanga ou do Malawi se nós não nos recusássemos de negar a estes as saídas para o mar como resultado de sanções contra a Rodésia. No prosseguimento da nossa política tradicional, nós temos colaborado com o Malawi, a Zâmbia, o Congo, mantendo abertos os transportes para o mar, e dentro de uma política de boa vizinhança que tem de verificar-se nos dois sentidos não pode o Governo português deixar de perseverar em tal orientação. Mas todos temos de ser realistas, e há realidades geográficas irremovíveis. Não se nos peça que as esqueçamos, nem se nos atribua responsabilidades por existirem, nem se nos diga que não nos é lícito fazer o que outros fazem ou se propõem fazer. Não se trata de termos com países vizinhos em África qualquer aliança, que não existe, nem qualquer pacto militar ou outro, que também não existe, não obstante as propositadas afirmações insistentes em contrário. Trata-se apenas de nos movermos no plano dos factos, e de protegermos interesses nossos, de que ninguém se ocupará se o não fizermos, e ainda interesses de toda uma área cuja estabilidade e progresso nos preocupam mais que a muitos outros. Será fácil a alguns exigir medidas drásticas; será fácil a segundos, que estão longe, recomendar atitudes violentas; será fácil a terceiros preconizar sem risco medidas teóricas para outros executarem na prática com o respectivo onus. Mas nós temos de agir com grande sentido de responsabilidade, e num espírito de colaboração com numerosos países contíguos, sem prejuízo do justo equilíbrio das necessidades colectivas.

tem de jogar e pronunciar-se sobre dados concretos.

Alguém desejou saber se Portugal tinha reconhecido ou ia reconhecer o Governo de Ian Smith.

— Isso criaria muitos problemas, dificuldades de vária ordem, e todos os vaticínios são prematuros. Quase no fim da conferência uma outra pessoa quis levar o ministro dos Estrangeiros a precisar o sentido da sua declaração, sobre a Rodésia.

— São, evidentemente, possíveis várias interpretações das palavras que acaba de proferir sobre a Rodésia. Mas, para nós, elas têm um significado bem determinado. Como me parece que está bem expresso julgo desnecessário insistir sobre ele.

● Comércio com o Brasil

— Tem vindo a público, em especial pelas razões derivadas da quadra do Natal, a existência de dificuldades nas trocas comerciais entre Portugal e o Brasil. Que pode o sr. ministro dizer sobre este assunto?

— É notória a impropriedade dos acordos comerciais em vigor entre Portugal e o Brasil. A negociação de um novo acordo comercial com o Brasil está nos nossos objectivos, e penso que outro tanto sucede com o Governo brasileiro que igualmente reconhecerá as deficientes condições em que se processam as nossas trocas comerciais.

● Partidos na África Portuguesa

Sobre a expressa intenção do bloco afro-asiático de fazer aceitar a formação de partidos políticos nas províncias ultramarinas portuguesas, um dos jornalistas inquiriu: — Mas indicou a O. N. U. as or-

ganizações ou os chefes prováveis que poderiam ser os elementos condutores dos partidos a formar em territórios do ultramar português?

Resposta:

— Com efeito, a O. N. U. não indicou, mesmo assim, nada de concreto quanto à execução dos propósitos contidos no seu ponto de vista, deixando a matéria no vago. Mas nós conhecemos, das conversas que se têm sempre nos «corredores», quais seriam essas organizações ou pessoas, estrangeiros ou residentes no estrangeiro e pagos por entidades estrangeiras.

— Das palavras do sr. ministro, pode inferir-se que o Governo dos Estados Unidos patrocina hoje, directamente, a oferta portuguesa de conversações com os países africanos...

— Podemos, com efeito, e de maneira clara, objectiva e oficial, afirmar que os E. U. A. dão todo o seu apoio a essas conversações.

Outro jornalista desejou pormenorizar este ponto, perguntando se havia novos factos concretos na situação.

— Renovar as conversações com países africanos depende da sua própria iniciativa. Pela parte que nos toca estamos dispostos a fazê-lo, favorecendo o seu recomeço.

Um jornalista evocou as pressões militares que se sentem em Angola e Moçambique e o dr. Franco Nogueira esclareceu:

— Na fronteira Norte de Moçambique, onde continuam a fazer-se sentir, essas pressões são hoje muito menores do que, digamos, por exemplo, aqui há um ano atrás. E diminuíram graças às providências tomadas pelo Governo português.

● Um feixe de questões

Alguém citou informações da Imprensa internacional, segundo as quais Cuba estaria a treinar ou a patrocinar o treino de guerrilheiros para entrar nos territórios portugueses.

— Não há informações fidedignas quanto ao envio desses guerrilheiros cubanos.

— O golpe de Estado que o general Mobutu deu, esta noite, terá alguma influência nas relações da República Democrática do Congo com Portugal?

— Isso é um problema interno do Congo — respondeu o ministro. Mas, como nada se modificou com a saída de Tschombé, poderá prevê-se que nada sucederá, de novo. Afirmando, no entanto, que quando o presidente Mobutu dá um golpe de Estado, é sempre a favor da paz e da concórdia.

Citaram-se, depois, as conversações que o Governo português mantém com o Governo venezuelano sobre o direito de asilo político...

— Não posso, não seria curial, pronunciar-me unilateralmente sobre essas conversações. A nossa tese, no entanto, é a de que não é possível adaptar a território português os acordos latino-americanos sobre a matéria.

Um jornalista referiu-se, a seguir, à notícia vinda a público sobre a disseminação de armas atómicas americanas pela Europa, e perguntou:

— As poderosas instalações militares secretas que a N. A. T. O. possui na península de Setúbal estarão equipadas com algumas dessas armas atómicas?

— Não vejo relação directa entre esses dois aspectos do assunto...

E afirmou:

— Mas julgo ser exacto ao afirmar que essas armas não são atómicas. Não vejo, por isso, motivo para duvidar das informações americanas, que não nos fizeram constar tal existência.

Um jornalista italiano citou a informação hoje recebida de que o dr. Franco Nogueira irá a Roma assistir ao encerramento do Concílio Ecuménico, na Cidade do Vaticano.

— Tenho, na verdade a honra de representar o Governo português nas cerimónias de encerramento do Concílio Ecuménico, na Cidade do Vaticano.

Sobre a reunião que está a decorrer no Rio de Janeiro, da Organização dos Estados Americanos, o ministro esclareceu que desejara comparecer ali pessoalmente, mas por sucessivos adiamentos, foi impedido de o fazer. «Mas estamos já representados pelo nosso embaixador no Rio, à frente de uma delegação — informou o ministro.

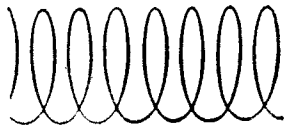
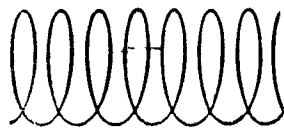
Foi, ainda, abordado o problema da admissão da China Continental na O. N. U., questão que «se verá mais tarde», como afirmou o ministro dos Negócios Estrangeiros, lembrando que considera a China como um dos mais poderosos factores da política internacional.

CHEGOU O INVERNO...!

O INIMIGO N.º 1 DAS VIAS RESPIRATÓRIAS!

Mas também chegou:

O INALADOR ELÉCTRICO
DO DR. DOBBELSTEIN



Método eficaz de cura natural para:

- CONSTIPAÇÕES
- ASMA
- CATARRO NASAL

- BRONQUITES
- SINUSITES
- TOSSE

- AMIGDALITE
- INFLAMAÇÕES DA GARGANTA E FARINGE

MILHARES DE MÁSCARAS EM USO COMPROVAM A SUA EFICÁCIA

O CLIMAMASKE não é incómodo, as crianças podem usá-lo

Distribuidores exclusivos
para PORTUGAL:

HASSE, LDA.
Calçada do Garcia, 3 a 5
Telef. 86 20 40 LISBOA 2

A VENDA
NAS
FARMACIAS

Depositários no PORTO:

BORAL
Rua da Fábrica, 36
Telef. 3 44 17



PATENTE MUNDIAL

PARTNER



EXPERIMENTE
A NOVA MOTO-SERRA
DE PESO LEVE

RÁPIDA • POTENTE
RESISTENTE • ECONÓMICA

COM O MELHOR
SERVIÇO
DE ASSISTÊNCIA

PINTO & CRUZ, LDA

RUA ALEXANDRE BRAGA, 60/70 - PORTO

TELEF. 28001 (4 LINHAS) - TELEG. 170808

METALÚRGICA
DUARTE FERREIRA
Avenida D. Carlos I, 17 - Lisboa

COMUNICAÇÃO

OLIROY (oficina de reparação de máq. de escritório), comunica que contratou para seu serviço exclusivo o ex-técnico da Olivetti Portuguesa, sr. Hermínio Lopes, podendo dar agora ainda maior assistência às máq. de escrever, somar e calcular (manuais e eléctricas) «Olivetti» além de outras marcas.

Orçamentos grátis — Garantia de material para reparações.

R. Augusta, 193-3.º Dto. — Telef. 30225



HIPNOTISMO

Fortaleça a sua personalidade eliminando complexos de inferioridade! Seja forte e dominador! Adquirir a força que lhe permitirá impor-se obtendo uma nova cultura uma nova forma de agir! Resultados largamente comprovados. Curso prático eficiente com longa experiência em diversos países. Peça catálogo grátis a: C. H. KIER. N.A.N. — Apartado 24 — Estoril.

AUTOMÓVEIS

S/ CONDUTOR

Veja os n/ preços carros 1965, Av. João Crisóstomo, 89. Tels. 50060-51047.

CABELEIREIRO/A DE SENHORAS

ALUGA-SE BOA LOJA SEM TRESPAS-
SE NO CENTRO COMERCIAL
DA NOVA OEIRAS
MOSTRA NO LOCAL O FISCAL REIS



MÓVEL LIMÉDIA CAMA

Patente N.º 3877
CONCESSIONÁRIOS:
GUIVA — Est.º Guilherme Silva, S. A. R. L.
Rua da Prata, 214
DISTRIBUIDORES:
Sociedade de Tapeçarias, Rua Augusta, 130
Móveis Olajo, Lisboa e Porto
e em Coimbra, Faro, Aveiro, Setúbal, Torres
Vedras e Cascais



GRANDE CAMPANHA DE VENDAS DE NATAL

TELEVISORES

NÃO PERCA A OPORTUNIDADE QUE AGORA LHE OFERECE
A CASA A. SANTOS SILVA — RUA PASSOS MANUEL, 4-A
A PRONTO OU A PRESTAÇÕES EM CONDIÇÕES INIGUALÁVEIS
(VISITE-NOS V. EX.º QUE NÃO SE ARREPENDERA)

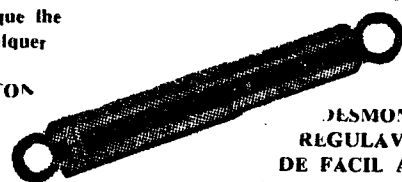
AMPLA LOJA PARA ARTIGOS ELÉCTRICOS

ALUGA-SE, SEM TRESPASSE, NO CENTRO COMERCIAL DA NOVA OEIRAS.
MOSTRA NO LOCAL O FISCAL REIS.

NEWTON

O MELHOR AMORTECEDOR

Não deixe que lhe
vendam qualquer
amortecedor
exija NEWTON



Representante

AUTO-TRIUNFO — Rua de Santa Marta, 56

ADMISSÃO AOS INSTITUTOS | INDUSTRIAL — COMERCIAL

EXTERNATO TÉCNICO PITAGORAS

PROFESSORES ESPECIALIZADOS — ENSINO EFICIENTE
Novas turmas em organização — Aulas diurnas e nocturnas
INSCRIÇÕES: R. Conde de Redondo, 56 1.º Esq. — Telef. 736380

Treze dias em Portugal africano

(Continuação da página central)

centemente), num «jeep» que nos fora aguardar.

● Morros de muchém e caveiras de elefantes

A entrada do acampamento é assinalada por grandes morros de muchém (moradas construídas pela espantosa mão-de-obra das térmitas ou formigas brancas), onde «poisam» enormes caveiras de elefantes, contrastando com o encançado da terra em que assentam. Estes «palacetes» das térmitas ficam duros como barro cozido — e é, aliás, num deles que se fabrica o pão, aliás saborosíssimo, que se come no acampamento; um outro foi adaptado a depósito de água.

O acampamento de Chicualacuala é formado por quatro «rondáves», esplendidamente construídos, protegidos por mosquiteiros e dotados de todas as comodidades, desde água canalizada, quente ou fria, a uma casa de banho, não esquecendo a energia eléctrica, fornecida por um gerador instalado no local. Acrescenta-se a existência de uma arejada sala de jantar, uma cozinha em edifício próprio, instalações para o pessoal. No acampamento há, ainda, «palhotas-laboratórios», destinadas a um primeiro tratamento de troféus de caça, dispondo de esticadores para a limpeza das peles, grandes caldeirões para ferver as cabeças dos animais abatidos, etc. Foi em Chicualacuala que, não há muito tempo, esteve o príncipe Abdorreza Pahlavi, irmão do Xá da Pérsia e membro do «Conselho Internacional para a Preservação da Fauna», que, apenas em dez dias, obteve cinco magníficos troféus destinados ao Museu de Teerão.

● Uma seca excepcional

Chicualacuala fica nas margens do rio Nuanetze — e era impressionante ver um rio, com a importância deste afluente do Limpopo, inteiramente seco. A areia e a seca — que, este ano, pelo menos nesta região de Moçambique, atingiram proporções como não há memória, vitimando feras, animais domésticos e até nativos — tinham feito desaparecer totalmente a água. A nossa frente, e a perder de vista, apenas a areia do leito do rio. O poço aberto nas margens do Nuanetze servia não só as necessidades do acampamento como a de povoações indígenas próximas, de onde mulheres — algumas de belo porte e de seios nus — e crianças vinham, percorrendo quilómetros, na ida e na volta, buscar água, que transportavam à cabeça, em vasilhas de barro, através do mato povoado de animais nem sempre amistosos...

Os negros daquela região des-

cem dos altivos zulus, dos quais conservaram a língua e os costumes. Povoam as coutadas e mantêm com os respectivos concessionários as melhores relações.

● Preparam-se as expedições

Logo que chegámos a Chicualacuala, emprestaram-nos a indumentária mais própria para aquelas paragens e finalidades: botas, maleáveis e já «conhecedoras» dos caminhos das florestas; meias altas, de uma mistura cremos que de lã e algodão; umas calças claras de um caqui macio e forte; uma camisa também de caqui, embora mais leve; e um boné, de pala, com um tecido mosqueado. Estávamos equipados para a grande aventura...

Prepararam-se duas expedições:

A exploração dos recursos naturais em Moçambique tem-se feito, um pouco por toda a parte, sem plano, sem critério que não seja o de aproximar dois dos grandes centros populacionais — Lourenço Marques e Beira, — se excluirmos pequenas excepções, como por exemplo as de Angónia e do Gurúé. Tem-se procurado sempre obter os maiores rendimentos o mais rapidamente possível, na ansia de pagar os encargos iniciais, embora isso possa acarretar, num curto prazo, prejuízos económicos à exploração.

Quanto às quinze ou dezasseis Reservas Florestais existentes na Província, ou melhor, no Boletim Oficial, o panorama não é menos desastroso. São cerca de 500 mil hectares defendidos por portarias e pouco mais. Que se saiba, só a Reserva de Mucheche, com 9057 hectares, tem sido possível preservar com certa eficiência, o que mesmo assim não evitou que fosse totalmente «percorrida» pelo fogo há cerca de 8 anos.

uma, na qual tomámos parte, orientada por José Ruiz; outra, limitava-se a «dar uma volta», próximo do acampamento.

José Ruiz — um homem seco de carnes; de poucas palavras quando não é preciso falar; olhos sombreados por espessas sobrancelhas, sempre atentos ao que se passa em seu redor, perscrutando a mata com uma segurança extraordinária; bigode negro num rosto moreno, curtido de muitos sóis; de uma resistência espantosa, feita de nervos, experiência, capacidade física; escondendo sob um aspecto rude uma grande compreensão e humanidade — conduziu o nosso «jeep», por picadas ou a corta-mato, até às margens do Limpopo. Ali, saímos do veículo e seguimos paralelamente ao rio. Até esse imponente curso de água se apresentava, naquele local, como evidente vítima da seca. O seu leito era um pântano contínuo, coberto de uma vegetação verde e traçoelira. Em determinado local do rio, deparámos com uns doze hipopótamos, incluindo as crias: tinham conseguido «escavar» enorme cova no centro do leito do Limpopo, ficando com água que mal lhes cobria o dorso. Ninguém disparou sobre os ani-

mais: não seria caça, nas mortíferas escusadas. Os hipopótamos eram quase prisioneiros, e só dali saíam à noite, quando a temperatura baixasse.

● Primeiras emoções violentas...

De súbito, na densa vegetação do rio, as baixas águas agitaram-se: dois jacarés. De um deles, apenas a cauda se avistava: não havia bala que causasse dano. O outro movia-se, invisível, com mais vontade. Só um caçador experimentado, como José Ruiz, seria capaz de aproveitar uma das fracções de segundo em que o animal evidenciava um ponto vulnerável. E foi José Ruiz quem, com um único tiro, o atingiu mortalmente. Uma agitação tumultuosa, como se o jacaré se dobrasse sobre ele próprio. E mais nada — a não ser a certeza de que deixara de existir.

Ainda mal houvera tempo para decidir quem e como iriam buscar o animal morto ao perigoso local (ficando resolvido que a «operação» se efectuariá mais tarde, quando não houvesse tão perigosa «vizinhança»), quando um dos pisteiros pretos nos informou de que, ainda no Limpopo, pouco acima do lugar onde nos encontrávamos, estava um búfalo a beber. José Ruiz orientou a cautelosa aproximação do animal, que foi abatido por dois tiros, um de Júlio de Almeida, outro de Enrico Benini. Era um belo animal, embora não muito grande. Teve um estertor rápido mas impressionante. Morreu de olhos abertos. E logo ali contactámos com mais um problema da África negra: numa das patas e em redor do forte pescoço, ostentava laços de fio de aço entrançado. Significado: conseguira escapar a armadilhas preparadas pelos indígenas em qualquer outro local — para vir a morrer nas margens de um Limpopo quase sem água. A questão que se põe é a seguinte: será ou não lícito que as populações indígenas usem processos «anticinegéticos» para matar animais de cuja carne necessitem para se alimentar? Pelo nosso lado, e em princípio, cremos que sim — mas, por vezes, o problema toma aspectos de carnificina, que lhe empresta nova dimensão. Enfim, trata-se de algo que está a merecer aturado estudo, para que a decisão final não falte espírito de justiça.

Quando regressámos ao acampamento, já ali se encontravam os componentes da outra expedição. Não tinham sido muito felizes no que diz respeito a caça grossa, mas apresentavam bons «cintos» de perdizes, coelhos, codornizes, abetar-



A entrada do acampamento de Chicualacuala, um caçador observa um dos morros de muchém, encimado por uma caveira de elefante

das, galinhas do mato, gansos, narcejas e patos.

O almoço, realmente saboroso, foi impecavelmente servido por um Armando que muitos turistas-caçadores têm querido levar com eles para o «exibir» em qualquer das capitais do mundo. Mas o negro Armando tem-se mostrado incorruptível...

● Uma «excursão»

Após a refeição, nada mais havia a fazer do que repousar. Os 40 graus à sombra (e mais de 60 ao sol) não aconselhavam outra coisa. Ao fim da tarde, fizemos uma «excursão», de carácter praticamente turístico. Avistámos muitos bois-cavalos, javalis, impalas, zebras, búfalos, uma girafa, um bando de avestruzes (que atingem velocidades de 60 km/h, o que corresponde

a quatro passadas por segundo...), um rinoceronte (animal que, como a girafa e a avestruz, é rigorosamente protegido, devido à sua escassez cada vez mais notória). Das inúmeras lagoas que, em tempo normal, dão um encanto paradisíaco a muitos locais da coutada pouco mais restava do que míseras poças de água.

● Bifes de búfalo e «fricassé» de galinha do mato

Para o jantar daquele dia, tivemos saborosos bifes do búfalo abatido de manhã (a maior parte da carne foi oferecida aos indígenas de uma povoação próxima) e um notável «fricassé» de galinha do mato. Serviu-nos um Armando em «grande uniforme»: todo de branco vestido, com faixa encarnada e barrete em tronco de cone, da mesma cor.

Quando nos deitámos, a temperatura não descera abaixo dos 38°. Era-nos difícil dormir, apesar de estarmos esgotados pelo cansaço. O silêncio caía sobre o acampamento. Só uma ou outra «gargalhada» de hiena o feria. Na madrugada seguinte, iríamos com um grupo que decidira caçar elefantes...

J. de S. M.

A SEGUIR: «Trinta quilómetros na pista de um elefante»

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

Aviso aos senhores consumidores de água

Por necessidade imperiosa de realização de trabalhos da Companhia das Águas de Lisboa no sistema abastecedor das zonas de Sacavém, S. João da Talha e Santa Iria de Azóia, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de água será deficiente entre as 20 horas do dia 26 às 8 horas do dia 29 de Novembro, naquelas zonas, podendo mesmo ser de corte total.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 24 de Novembro de 1965.

O Presidente do Conselho de Administração

Joaquim Dias de Sousa Ribeiro

Em COIMBRA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda, depois das 17 horas, na BRASILEIRA, CINEMA TIVOLI, CAFÉ MANDARIM, CAFÉ SANTA CRUZ, PASTELARIA E RESTAURANTE IMPÉRIO, na REGIONAL, e no CAFÉ TROPICAL.

J. C. de V.

A Tomada da Bastilha

(Continuação da página central)

siderada pelos que assim o reconheceram, e determinaram — o que vem acontecendo desde há anos — que neste dia não houvesse aulas na Universidade.

Mas — perguntará o leitor que não tinha ainda conhecimento deste facto histórico da Academia de Coimbra — os estudantes de 1920 conquistaram definitivamente uma sede digna para a sua Associação Académica ou vieram a ser dela desalojados, sofrendo depois os castigos que (sob outro ângulo) a sua indisciplina (ou como desse outro ângulo lhe queiram chamar) impunha que as autoridades lhe aplicassem? Segundo o testemunho do dr. Fernandes Martins — falecido há meses um dos «chefes» dos conjurados, e pai do professor do mesmo nome da Faculdade de Letras — a Universidade de então «agastou-se conosco de entrada, mas pouco depois lançava-nos o seu perdão de mãe carinhosa que se revê, a ocultas, nas irreverências legítimas dos filhos que estremecem; e a Associação Académica ficou de facto aí instalada (como aliás também os outros organismos estudantis), tendo no ano lectivo seguinte, de 1921/22, sido seu presidente, precisamente, o dr. Fernando Martins.

Ora, se Tomada da Bastilha ficou a encarnar aquele espírito a que nos referimos e a sua data é sempre devidamente celebrada, também não se pode, de qualquer jeito, deixar de lembrar esta atitude das chamadas «autoridades académicas» — Atitude que reflecte, por sua vez, outro espírito: pois se as manifestações dos estudantes querem dizer muito, a maneira como a elas respondem, a forma como reagem as autoridades, não quer dizer menos.

Como dissemos, simbolizando a

Tomada da Bastilha o melhor e mais perene do espírito da Academia de Coimbra, ela simboliza, do mesmo passo, o melhor do espírito de todos os estudantes e da juventude em geral: por isso que nas suas comemorações anuais estudantes representativos das outras Academias não tenham querido deixar de estar presentes, e que até, há alguns anos atrás, tenham aprovado (por proposta contida na comunicação de Coimbra, a cargo do autor destas linhas) que essa data, passasse a significar ao nível nacional o que até então significava apenas ao nível local — e isto sem prejuízo, bem pelo contrário, do que a Tomada da Bastilha tem de especificamente coimbrã.

Ao recordarmos hoje, uma vez mais — e precisamente quarenta e cinco anos volvidos sobre esse dia glorioso — esses estudantes que mereceram bem o nome de Estudantes — e Estudantes de Coimbra — e por isso ergueram bem alto em seu gesto e em sua luta o nome da própria Universidade e da própria Pátria, vai para eles o eterno sentimento da nossa admiração e da nossa gratidão, da nossa adesão, da nossa solidariedade e da nossa camaradagem de colegas quarenta e tantos anos mais novos — mas que, pela sua conduta, os continuamos a considerar jovens como nós.

É hoje a Academia de Coimbra, por iniciativa do Conselho de República, (cuja alta importância e significação já aqui realçamos devidamente), volta a celebrar a Tomada da Bastilha, em comemorações que se não têm em parte a amplitude de outros anos, têm exactamente o mesmo significado e revestem-se de uma historicidade quicquid mais exemplar do que nunca.

Harper
AQUECEDOR A PETRÓLEO DE ALTA CATEGORIA

HARPER - Beatrice — 700 RADIANT HEATER

- Torcida de amianto.
- 1.º deste género, facilmente desmontável.
- Capacidade: 2,25 litros.
- Consumo: 1 litro em 4 1/2 horas.
- Poder calorífico: 1900 calorias.
- Alt. 40 cm — Larg.: 35 cm — Fundo: 36 cm
- Cor: Bege — 2 tons

Em exposição outros modelos Peça catálogo

CASA DOS FOGÕES E CANDEIROS

ROLDÃO & CALDEIRA
28, Trav. Nova S. Domingos, 28 (ao meio da rua) — Telef. 32 33 32

DESPORTOS

TAÇA DAS CIDADES
COM FEIRAS

O SPORTING PERDEU

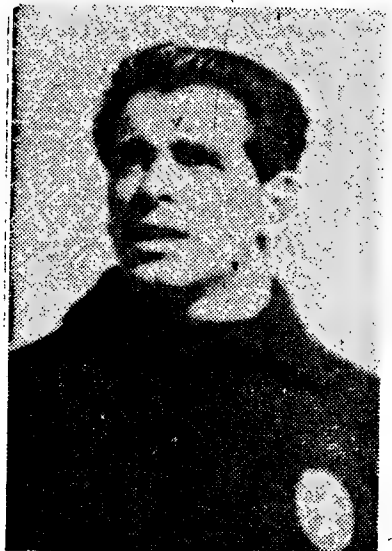
4 golos de vantagem em 15 minutos...

- A pertinácia do Espanhol transformou o 0-3 em 4-3
- Para tudo ser mau para os «leões» o terceiro jogo é em Sarriá!

(Por Ruiz Rodriguez — Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

BARCELONA, 25 — Quando uma equipa que ganha por 3-0 termina o encontro batida por 3-4, ou teve a sorte a sua mercê enquanto foi à frente, ou reduziu a partir de então as suas qualidades. Foi este segundo caso o do Sporting, que veio a Barcelona defrontar o Espanhol com um magro capital de um golo (2-1) conseguido em Lisboa, fomentou esse princípio de peculiares chegar a um tesouro de quatro golos de diferença — e acabou por deixar que o adversário ficasse exactamente quatro golos, para anular a vantagem inicial e forçar terceiro jogo.

Não podem os lisboetas queixar-se de circunstâncias estranhas ao pró-



Carvalho: mais vítima do responsável no quarto de hora fatídico de Sarriá

prio jogo — nem sequer devem lançar as culpas para um renascimento de poder do adversário. Enquanto dominaram, marcaram golos e impuseram a sua vontade. Logo que se deixaram dominar, foram batidos e sofreram agruras. E o factor que ditou as suas duas posições no jogo foi a força de vontade: começaram o encontro cheios de decisão, antecipando-se, correndo, desbobiando um futebol de categoria, para mais tarde abrandarem o andamento, titubearam nas decisões, deixaram o adversário tomar as rédeas.

Foi mais homogêneo o Espanhol, ao longo dos noventa minutos, com um futebol sempre igual, feito de força e de aplicação, com uma pitada de sal lançada por um dos maiores jogadores de sempre: Alfredo Di Stefano. Nunca chegou ao nível que o Sporting alcançou, mas também jamais deixou que a adversidade o diminuísse. E como se con-

O encontro de desempate efectua-se no próximo dia 15 de Dezembro

venceu de que até ao lavar dos céus é vindima, acabou por encher a pipa e dar festa na adega.

O Espanhol iniciou o encontro a forçar o resultado, em força, procurando uma vitória rápida — tentando pelo menos anular aquele golo que os portugueses traziam na bagagem. Mas depressa o Sporting, aguentando esse embate inicial, passou a comandar as operações. E assistiu-se então a uma das melhores exibições de futebol rápido, solto, livre, que Barcelona jamais viu.

Não era apenas uma equipa a jogar: era uma grande equipa, recheada de bons elementos, a dar um «show» de futebol, mostrando virtudes e concepções que infelizmente poucas vezes se encontram juntas. Desde a capacidade de encaixe, da defesa, à pujança realizadora da linha intermédia e fertilidade e versatilidade do ataque, de tudo se viu no Estádio de Sarriá. Foi deleite da vista e gozo dos entusiastas da bola. E muitas vezes se esqueceram os adeptos do Espanhol que aquela equipa era adversária, para só verem que era uma grande equipa — e aplaudir. Estava a assistir-se a um grande encontro de futebol.

Apareceu o primeiro golo aos 27 minutos, depois de um remate de Figueiredo a roçar o poste e de outro de Lourenço que Carmelo defendeu. Coube o golo a este mesmo Lourenço, na sequência de um lance que Riera em vão tentou contrabater. E desde então o Sporting cresceu: estava descontraído, com dois golos de vantagem no balanço geral, sentindo-se capaz de dominar e tendo já a eliminatória como certa. Foi o período de ouro do encontro, com o Espanhol a dar quanto podia e o Sporting a dar mais do que se julgaria possível. Os lisboetas pareciam galgos, assemelhavam-se a falcões, empolgavam pela forma de jogar: antecipação, colocação, desmarcações, multiplicidade de jogadas, tudo se desdobrava no relvado, numa avalanche que submergia qualquer equipa. E o Espanhol foi submergindo, transbordando, superado, batido. Veio o segundo golo, aos 25 minutos, numa desmarcação de Figueiredo que, descaído sobre a direita, num lance que se fizera todo por aquele mesmo lado, cruzou inesperadamente para a esquerda, onde Oliveira Duarte apareceu desmarcado, perfeitamente isolado, para atirar como quis.

Este golo deu a tranquilidade ao Sporting — e cavou a sua ruína no encontro. Os portugueses, com a vantagem de três golos, já com 2-0 no marcador, desuniram-se. E não voltaram a dar até ao intervalo a mesma sensação de poder, de imbatível superioridade. Mesmo assim, mercê de uma jogada toda a cargo de Oliveira Duarte, ainda aumentaram o marcador para 3-0. Mas já se sentia que o Espanhol estava mais próximo do golo do que os seus adversários.

E esse golo apareceu, aos 12 minutos da segunda parte, numa al-



Peres: um dos responsáveis pelo excelente jogo do Sporting na primeira parte — e também um dos responsáveis pelo descalabro do segundo tempo

tura em que era já o Espanhol que conduzia as operações. Mingorance, que já podia deixar o seu posto de «ferrolho» e jogar em linha com os dois elementos da linha intermédia, lançou um remate forte, de longe, aproveitando o momento em que Carvalho, depois de uma defesa, estava fora da baliza. E Hilário foi obrigado a meter mão à bola, já a entrar rente à barra. José Maria marcou a grande penalidade — e foi o primeiro golo. Aos 20 minutos novo golo: os portugueses abrandaram a defesa. Di Stefano — já a jogar em pleno rendimento — tirou um centro milimétrico, para Miralles, que se metera por entre a defesa portuguesa. E no meio da apatia dos visitantes, Miralles conseguiu rematar de cabeça, fazendo o tento.

Esta série de dois golos entusiasmou o público e os jogadores do Espanhol. Se até então haviam jogado vencidos, passaram a actuar em força, em poder. E aos 23 minutos depois, na sequência de um «canto», Rodilla marca o terceiro golo, o do empate. Há emoção nas bancadas. O mesmo Rodilla, dois minutos depois, estabelece a marca final de 4-3, com um remate cruzado, aproveitando no resalto um despacho «trapalhão» da defesa lisboeta. Está garantida a necessidade de terceiro jogo. Depois, até ao fim — e ainda faltam quase vinte minutos de jogo, o Sporting ainda tem

(Continua na página seguinte)

TARZAN TABORDA:

COMBINAMOS LUTAR NUM RECINTO

E O JOSÉ LUÍS VEIO PARA A RUA...

Tarzan Taborda esteve, esta manhã, na nossa redacção. Motivo: explicar a razão da sua não comparência em Faro, onde o lutador José Luís esperou por ele, à porta da sua casa, para se defrontarem. E Tarzan Taborda explicou:

— José Luís tem «fugido» de mim. Recusava bater-se comigo em Lisboa ou qualquer outro local que não seja Faro, que é a sua terra. Já cansado desta brincadeira do gato e do rato, acedi bater-me com ele em Faro. Mas a manhã do José Luís levou-o a não arranjar um recinto para nos defrontarmos. Eu aceitava qualquer local devidamente controlado pelas autoridades, com entradas grátis. E escrevi ao sr. governador civil de Faro, pedindo a necessária protecção para lá chegar, pois o José Luís parecia-me estar a preparar o ambiente para ele. Afinal, nem isso. O sr. governador disse-me que não autorizava o combate, e o José Luís como qualquer brigão, veio para a rua esperar-me, sabendo que eu não comparcia. Está-se mesmo a ver a absoluta ilegalidade de um combate na rua, que o José Luís sabe não ser viável fazer-se. Mais uma vez ele arranjava maneira de não se encontrar com eu entre as cordas de um ringue...

E a concluir, Tarzan Taborda disse-nos:

— Ele sabe que eu lutarei com ele quando quiser e em qualquer local devidamente autorizado e que não vou para a minha terra rodear-me de pessoas, com fanfarronadas. Eu sou um lutador e digo-lhe, mais uma vez, que se quiser encontrar-se comigo escolha um recinto, à sua disposição. Ainda lhe dou esta vantagem. Se ele não quiser, ponho uma pedra no assunto, pois tenho a minha vida de profissional e vivo de factos. Ele vive de conversa.

Vitória justa do C. A. C. O. sobre o Benfica no «Nacional» de hóquei em patins

Começou, ontem à noite, a fase decisiva do campeonato nacional de hóquei em patins, com a intervenção de oito equipas. Quatro da Associação de Patinagem do Porto (F. C. Porto, Sanjoanense, Infante de Sagres e Valongo) e as restantes da Associação de Patinagem de Lisboa (Benfica, C.U.F., C. Ourique e Oeiras).

Verificaram-se os seguintes resultados:

Valongo, 1-Sanjoanense, 3
F. C. Porto, 0-1, Sagres, 2
C.U.F., 4-Oeiras, 2
Benfica, 3-C. Ourique, 4

C. OURIQUE — J. Pereira, Vaz Guedes, Barreto, Catarino, Campos e Barata.

Na partida C.U.F.-Oeiras, arbitrada por Vitor Cardoso, alinharam e marcaram:

C.U.F. — Vitor Domingues, Joaquim Manuel, José Manuel (2), José António (1), Leonel (1), Mário Ferreira e José Afonso.

Oeiras — Arlindo, Garcia, João Henriques, Alvaro (1), Quim Nunes (1), Rios e Sá.

No fim do primeiro tempo: 2-1.

O campeonato prossegue depois de amanhã com os desafios F. C. Porto-Valongo e Sanjoanense-Infante de Sagres.

Os jogos da segunda jornada, em Lisboa, disputar-se-ão na próxima segunda-feira, entre o C. Ourique e Oeiras e a C.U.F. e o Benfica.

Empate (1-1) entre a Hungria e o Boca Juniors em Buenos Aires

BUENOS AIRES, 25 — (A. N. I.) — A selecção de futebol da Hungria e a equipa do Boca Juniors empataram a uma bola num jogo disputado em Buenos Aires ontem à noite.

Abriu o marcador o argentino Menendez, aos 8 minutos do primeiro tempo. Na segunda parte o húngaro Bene estabeleceu o empate aos 25 minutos.

As equipas alinharam:

BOCA JUNIORS — Bocaroma; Silvero e Marzolini; Simeone, Raltin e Silveira; Planeti, Angel Rojas, Alfredo Rojas, Menendez e Gonzalez.

HUNGRIA — Gelei; Kaposta e Matrai; Sovari, Somyosi e Sipos; myvesi.

A COREIA DO NORTE apurada para a fase final do «Mundial» de Futebol

PNOM-PENH, 25 — (F. P.) — A Coreia do Norte venceu a Austrália por 3 a 1 em desafio de futebol de 2.ª mão a contar para a «poule» eliminatória do campeonato do Mundo, grupo Asia-Oceania.

A Coreia do Norte qualificou-se para a fase final do campeonato a disputar em Londres, pois no desafio de 1.ª mão havia vencido por 6-1.

HOJE À NOITE

ACTIVIDADES DA F.N.A.T. — Campeonato nacional de xadrez, 1.ª Divisão: Banco Lisboa & Açores c. Comp. Carris, 2.ª Divisão: H. E. Zézere c. B. Angola, Comp. Carris c. C.U.F. e Imprensa Nacional c. Messa. Todos na sede da F.N.A.T.

BADMINTON — Torneio Abertura: finais de singulares e pares homens, na Escola «Nuno Gonçalves», às 21 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão (1.ª jornada da 2.ª volta: C.I.F.-Atlético (1.ª e 2.ª), Queluz-Maria Pia (1.ª), Liberdade-Carnide (1.ª) e Rio Seco-C. Quebradense (1.ª), às 21 e 30.

VOLEIBOL — Torneio Aberto: Lisboa-A.E.P. (feminino), na Escola «Josefa de Óbidos», às 20 e 45; Hóquei de Sintra-Lisboa Ginásio, em Sintra, às 21 e 30; Belenenses-S. L. Benfica A. na Escola «Ferreira Borges», às 21 e 30.

CLUBE ORIENTAL DE LISBOA

Excursão a Santarém

Por motivo do encontro que a sua equipa de honra vai disputar, no próximo domingo, a Santarém contra «Os Leões», o Clube Oriental de Lisboa promove, nesse dia, uma excursão àquela cidade.

Os interessados deverão entender-se com a secretaria do clube

A selecção da Rússia empatou (0-0) em Belo Horizonte

BELO HORIZONTE (Brasil), 25 — (A. N. I.) — As selecções de futebol da União Soviética e do Estado de Minas Gerais empataram sem golos, no jogo que disputaram ontem à noite no novo estádio de Belo Horizonte, perante 100 000 pessoas.

A receita foi superior a duzentos milhões de cruzeiros, o que constitui um «record» em campos de futebol de Minas Gerais.

As equipas alinharam:

MINAS GERAIS — Fabio; Caninde, Borges e Bueno; Dawson e Dugle; Lopes, Beirão Silvestre, Tostão e Hilton.

UNIAO SOVIETICA — Morozov; Ponomarion, Nicolai e Afanin; Kutivadize e Varonin; Metereveli, Sabo, Banishevski, Malafev e Melnikski.

OS «LEÕES» CEDERAM DE MANEIRA INEXPLICÁVEL

(Continuação da página anterior)

oportunidade de mudar o resultado: há um ataque em que Figueiredo adianta a bola e outro em que Lourenço remata para fora. Na verdade, porém, qualquer destes dois momentos de perigo, a serem convertidos, representariam injustiça. O Sporting atacava — mas perdera a força, a vontade, a convicção. Era uma equipa batida — uma equipa convencida da superioridade do adversário. E foi assim, no meio de grande entusiasmo do público, que o encontro terminou.

Procedeu-se logo em seguida ao sorteio do campo em que iria realizar-se o terceiro jogo, o do desempate: Alvalade ou Sarriá. E a moeda favoreceu o Espanhol: é em Barcelona, no dia 15 de Dezembro, que se realizara o encontro definitivo.

A apreciação dos jogadores do Sporting torna-se difícil. Na primeira parte toda a equipa esteve bem.

As equipas alinharam:

ESPAÑOL — Carmelo; Ber gara, Mingorance e Alvarez; Ramirez e Riera (cap.); Ames, Rodilla, Di Stefano, Miralles e José Maria.

SPORTING — Carvalho; Moraes, Alexandre Baptista, José Carlos (cap.) e Hilário; Dani e Peres; Ferreira Pinto, Lourenço, Figueiredo e Oliveira Duarte.

Árbitro: I. Pransford (inglês).

com relevo para José Carlos e para Moraes. No segundo tempo, praticamente todos estiveram mal, com relevo para Figueiredo e Peres. Houve um jogador que quebrou nitidamente, por falta de confiança ou por desgaste: Dani. No primeiro tempo esteve em grande evidência, completando muito bem o trabalho de Peres e Ferreira Pinto e dominando totalmente Di Stefano — para depois do intervalo aparecer diminuído, sem garra e sem capacidade realizadora.

Carvalho, guarda-redes batido

quatro vezes, teve, mesmo assim, algumas defesas de grande estilo. Mas não foi batido mais vezes, nesse triste segundo tempo, porque os avançados espanhóis se mostraram fracos rematadores. De outro modo, seria falado o resultado.

JUCA:

O Espanhol nunca se deu por vencido...

No fim do encontro, o treinador português, Julio Cernadas Pereira (Juca) fez as seguintes declarações: «A vitória do Espanhol foi justa e a arbitragem acertada. O Sporting baixou muito, na segunda parte, devido à falta de coesão da defesa e do afundamento de Dani.

«O Espanhol poderia ter marcado, no princípio do primeiro tempo. Não se deu por vencido em qualquer momento e isso valeu-lhe evitar a eliminação, num jogo que muitas equipas teriam dado por decidido, com quatro golos de vantagem.

«Procuraremos modificar o nosso jogo para o encontro do desempate».

O CALENDÁRIO DO SPORTING

Até ao 3.º jogo Sporting-Espanhol, que se efectua em Sarriá, em 15 de Dezembro, os «leões» terão de cumprir os seguintes encontros oficiais:

SETUBAL-SPORTING — em 28/11
SPORTING-BELENENSES — em 5/12

GUIMARÃES-SPORTING (Taça) — em 8/12
ACADEMICA SPORTING — em 12/12.

O PAQUETE «ANGOLA» esteve encalhado na ilha de Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 25 (A. N. I.) — O paquete «Angola» encalhou, ontem, cerca das 8 e 30, ao demandar o porto da ilha de Moçambique. Às 13 horas, porém, o navio conseguiu safar-se pelos seus próprios meios.

A agência da Companhia Nacional de Navegação, proprietária do «Angola», informa que não há prejuízos. Desconhecem-se ainda os motivos do sinistro.

O MINISTRO das Obras Públicas visita o distrito de Coimbra

O sr. eng.º Arantes e Oliveira, ministro das Obras Públicas, segue hoje, ao fim da tarde, para Coimbra, a fim de efectuar uma visita de trabalho de dois dias àquela cidade e a Penela, Figueira da Foz e Montemor-o-Velho.

Instituições de Previdência Social

Admissão de dactilógrafos de 2.ª classe

Para os devidos efeitos se torna público que Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, por despacho de 5 de Novembro de 1965, determinou a realização de concurso para a admissão de empregados da categoria acima referida nos quadros das instituições de previdência, suas federações e caixas de abono de família.

Este concurso considera-se aberto pelo prazo de 22 de Novembro a 21 de Dezembro de 1965.

Os interessados deverão possuir como habilitações mínimas o 2.º ciclo dos liceus ou curso equivalente e a idade mínima de 18 anos e máxima de 35 anos.

As demais condições de admissão ao referido concurso estão patentes na Direcção-Geral da Previdência e Habitações Económicas, Rua da Junqueira, 112, em Lisboa, nas Delegações distritais do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência e nas sedes das instituições de previdência.

DIÁRIO DO PORTO

Delegação R do Almada, 30, 2.ª * T 20954/5 * Telex 782

O CASO DA INTOXICAÇÃO COM PASTÉIS EM ESPINHO

Veio já para esta cidade para o Hospital de Joaquim Urbano, onde será rodeada dos cuidados que o caso requer a operária da fábrica de pastéis «Mimosa Doce» de Espinho que, conforme ontem noticiámos, foi a causadora involuntária das intoxicações verificadas naquela vila.

Poderemos acrescentar que a operária em questão se chama Maria Laura Ribeiro da Rocha, de 19 anos, natural de Lourosa Vila da Feira, e residiu até aos 14 anos com o pai e outros familiares, nas Caldas de S. Jorge. Daí foi para Espinho, onde passou a trabalhar na situação de interna na «Mimosa Doce». Nunca se lhe conheceu, ao que parece, qualquer doença, além de uma ligeira gripe de que se curou sem a ajuda clínica.

Ha tempo, comeu um ovo que lhe provocou uma ligeira indisposição. Teria sido esse ovo que transmitiu o mal a Maria Laura.

Para já, como referimos, a jovem encontra-se internada no Hospital de Joaquim Urbano, de onde, por certo, sairá curada do mal que a atingiu e cujo vírus transmitiu involuntariamente a algumas dezenas de pessoas.

Colhido mortalmente por um comboio

Esta manhã, cerca das 7 e 20, seguiu a pé, em plena via férrea, próximo da Corujeira, vindo em direcção a Campanhã, o ajudante de serralheiro Luís Marques Gonçalves, de 17 anos, solteiro, natural de Figueira de Castelo Rodrigo, e que vivia no Bairro de S. Roque da Lameira, bloco 22, entrada 88, casa 31.

Subitamente, o jovem deparou com uma composição que avançava na sua direcção. De um salto, fugiu para a outra linha, quando precisamente surgiu um outro comboio que o apanhou em cheio, mutilando o corpo do imprevidente rapaz.

Confraternização

A direcção da Casa dos Açores promove no próximo domingo, às 13 horas, na sua sede — Rua Castilho, 5 — um almoço de confraternização para assinalar a passagem do 40.º aniversário da primeira reunião da comissão organizadora do Grémio dos Açores (actual Casa dos Açores). A inscrição para este almoço, composto de pratos regionais, encerra-se esta noite, na secretaria da agremiação.

ESSO

uma palavra importante

A «ESSO», a maior organização petrolífera mundial, põe agora, ao serviço do público e do País, os seus vastos recursos materiais e técnicos e os frutos da sua longa experiência.

As instalações que mandou construir, na margem esquerda do Tejo, e que já estão na fase final da construção, compreendem um parque de armazenagem de combustíveis para a navegação composto de 7 tanques entre os quais 2 dos maiores existentes no País.

Uma estação preparadora de óleos lubrificantes com a capacidade de produção de 9.000 toneladas anuais. O respectivo parque de armazenagem conta 10 tanques. Para produtos petroquímicos as instalações dispõem de 10 tanques com a capacidade total de 2.500.000 litros.

Como complemento de todo este complexo a ESSO já mandou construir mais uma barcaça de abastecimento, com a capacidade de carga de 900 toneladas, com propulsão própria, e que virá a constituir

a última palavra técnica em barcos deste tipo.

Esta é a primeira fase do conjunto de instalações que a ESSO pretende construir e que, só por si, já representa um investimento que ultrapassa os 65.000 contos.



Um símbolo que, no mundo inteiro e desde há 79 anos, incute confiança e oferece garantias.



MAIS DE VINTE ANOS DE EXPERIÊNCIA E BONS SERVIÇOS, EM PORTUGAL

ESSO STANDARD PORTUGUESA (COMPANHIA DE PETRÓLEOS) S. A. R. L.
Em Lisboa: Rua Filipe Folque, 2 — No Porto: Av. Serpa Pinto, 227 — Matosinhos



CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE
GUERRA SECRETA — no POLITEAMA

TIVOLI
A's 3 (a p. red.)
e 9.30 da noite
(M. 17 anos)
Uma obra-prima
de William Wyler

O OBCECADO
com Terence Stamp e Samantha Eggar
Os melhores actores do ano
HOJE, às 6.30 da tarde — OURO
NEGRO — «show» com o conjunto
MISTÉRIO

EDEN
As 15.15, 18.30
e 21.30
(M. 17 anos)
Telefone 320768

**HOMICIDIO
EM S FRANCISCO**
com Alain Delon, Ann Margret
e Jack Palance

MONUMENTAL
A's 15.15 e 21.30
(M. 17 anos)
Telef. 555131
MORITURI
com Marlon Brando e Yul Brynner

SAO JORGE
A's 15.00, 18.15
e 21.30
(M. 12 anos)
Telef. 54153.54
Cada segundo é uma explosão
de emoções

O COMBOIO
com Burt Lancaster e Jeanne
Moreau

ALVALADE
A's 15.45 (p. r.)
e 21.15
(M. 17 anos)
Telef. 76 30 80
ADEUS ILUSÕES
com Elizabeth Taylor, Richard
Burton e Eve Marie Saint

ROMA
As 15.30 e 21.45
(Adultos)
Dany Saval, Paul
Meurisse e Paul
Hubschmidt
na divertida e maliciosa comédia
francesa

**EU E OS HOMENS
DE 40 ANOS**
O programa alegre da semana!

MUNDIAL
Tel. 538743
A's 15.15, 18.15
e 21.30
(Adultos)
2.ª SEMANA
Um «suspense» de Robert Hossein
OLHOS NA ESCRIDÃO
com Michèle Morgan

**OUTROS ESPECTÁCULOS
EM LISBOA**

CIRCO
COLISEU — As 21 e 30: Compa-
nhia de Circo (12 anos).

TEATROS
TRINDADE — As 21 e 45: V cen-
tenário de Gil Vicente (12 anos).
AVENIDA — As 22 h.: «A escada»
(17 anos).
MONUMENTAL — As 21 e 45: «O
comprador de horas» (17 anos).
VILLARET — As 20 e 45 e às 23 h.:
«O homem que fazia chover» (17
anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e
às 23 h.: «E viva o velho!» (17
anos).
VARIEDADES — As 20 e 45 e às
23 h.: «A ponte a pé» (17 anos).

CINEMAS
CINEARTE — As 15 e às 21 h.:
«O meu sangue corre frio» (17
anos).
PARIS — As 15 e às 21 horas:
«História de uma carta» (12 anos).
OLIMPIA — As 14 e às 19 h.: «Os
conquistadores das Filipinas» (12
anos).
PROMOTORA — As 15 e às 21 h.:
«O sobe e desce» (17 anos).
SALÃO LISBOA — As 14 horas:
«A ferro e fogo» (12 anos).
ROYAL — As 15 e às 21 horas:
«Carne da minha carne» (17
anos).
CINE MOSCAVIDE — As 21 h.:
«Todos queriam casar» (17 anos).
ARCO-IRIS — As 15 e às 21 h.:
«Sua excelência, o embaixador»
(12 anos).
CINE ORIENTE — As 21 horas:
«Gólias contra gigantes» (12 anos).
JARDIM — As 15 e às 21 horas:
«Totó e Cleópatra» (17 anos).

IMPERIO
As 15.15 e 21.15
(Adultos)
3.ª SEMANA
O emocionante fil-
me de
Telef. 555134 Otto Preminger

PRIMEIRA VITÓRIA
com Kirk Douglas, John Wayne
e Patricia Neal

estúdio
As 15.30, 18.30
e 21.45
5.ª SEMANA
(Adultos)
O filme de Frank Perry
DAVID E LISA

SAO LUIZ
A's 15.15
18.15 (p. r.) e 21.30
(M. 17 anos)
2.ª SEMANA
Um filme de amor
para adultos
Telef. 327172

ADEUS ILUSÕES
com Elizabeth Taylor, Richard
Burton e Eve Marie Saint

CONDES
A's 15.15
e 18.15 (p. r.)
e 21.30
(Adultos)
Telef. 322524
**WALTER CHIARI e MICHELE
MERCIER**
na obra-prima de Dino Risi
DIA DE FÉRIAS
(Il Giovedì)
com Robertino e a atracção do Lido
de Paris, gémeas Kessler

ODEON
A's 15.15
18.15 (p. r.) e 21.30
Uma admirável
farsa de espiona-
gem
Telef. 326283
que revela dois novos cómicos:
Franco Franchi e Ciccio Ingrassia
00-2 OPERAÇÃO BIKINI
com as esculturais Ingrid Schoeller,
Annie Girardot, Robert Ryan, Bour-
vil, Peter Van Eyck e outras cele-
bridades
EASTMANCOLOR Só para adultos

POLITEAMA
HOJE, às 21.30
ESTREIA
Um sensacional e
grandioso filme de
espionagem
Telef. 326305
A história de uma luta sem
fronteiras entre espíões de
indomita ferocidade
GUERRA SECRETA
com Henry Fonda, Vittorio Gassman,
Annie Girardot, Robert Ryan, Bour-
vil, Peter Van Eyck e outras cele-
bridades
(M. 12 anos)

AVIS
As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
6.ª SEMANA
DE ENCHENTES!
Telef. 47163
A maliciosa e caricatural comédia
colorida de Robert Dhery
**FIM DE SEMANA
EM LONDRES**
(ALLEZ FRANCE)
com Diana Dors e Colette Bronet

RESTELO
Telef. 616375
As 21.30
(M. 12 anos)
AS ÚLTIMAS 36 HORAS
com James Garner e Eva Marie
Saint

LIZ
As 21 horas
(M. 17 anos)
Telefone 48560
LANCELOTE E A SUA DAMA
AS LOUCURAS DO MEU MARIDO

TERRASSE
A's 15 e 21 h.
(M. 12 anos)
Telef. 320917
O MUNDO MALUCO
com Spencer Tracy e Mickey Rooney

**CINEMA
IDEAL**
As 15.15 e 21 horas
(M. 17 anos)
Telef. 324194
**TRES RAPARI-
GAS EM PARIS**
O SINDICATO DO CRIME

**CASINO
ESTORIL**
A's 17 e às 21.30
(M. 12 anos)
**UMA AVENTURA
EM CRETA**
com Hayley Mills, Eli Wallach
e Petter Mc Enery

LIVROS NOVOS

(Continuação da 2.ª página)

desejados. Em anexo, inserem-se
alguns quadros estatísticos e o
questionário utilizado.

**«FORMAR CHEFES,
PROMOVER OS HOMENS»**
por R. Hugonnier

A colecção «Direcção de Empre-
sas», que a editorial *Pórtico* tem
vindo a publicar sob a competente
e autorizada orientação do eng. A.
Braz Frade, foi valorizada ultima-
mente com o volume «Formar Che-
fes, Promover os Homens», da au-
toria do prof. René Hugonnier, do
Instituto de Psicologia Aplicada, de
Lausanne. Uma legenda de abertu-
ra traduz o significado funda-
mental deste livro: «Fazer grandes
coisas com homens vulgares». O
objectivo do autor com efeito, é
sugerir a política de chefia que
pode levar os colaboradores de uma
empresa a superar as limitações e
a agir como valores dinâmicos
no desenvolvimento. A formação
de quadros na empresa, a prepara-
ção dos chefes, a força criadora da
hierarquia — as regras de acção
da equipa, a acção do chefe junto
dos seus subordinados — consti-
tuem os temas dominantes neste
excelente volume da série «Direc-
ção de Empresa».

**«A VIDA NÃO É SÓ O DIA
DE HOJE»**
por Rolando Monteiro
Ferreira

Reproduz-se neste caderno da Li-
ga Portuguesa de Profilaxia Social
a conferência proferida no ano pas-

sado, no Clube Fenianos Portue-
ses, pelo chefe dos serviços de pro-
dução de uma companhia de se-
guros, sr. Rolando Monteiro Fer-
reira, sobre seguros de vida. De-
monstra o autor o conceito de que
o seguro de vida é, com efeito, o
mais fácil e económico instrumento
de previdência particular. O se-
guro de vida pode ter a função de
garantir ao segurado, enquanto vivo,
e em determinada época, uma si-
tuação abaixo da qual não deseja
descer. Tem essencialmente a fun-
ção de indemnizar os sobreviventes
dos prejuízos pecuniários que a
morte prematura faz sentir aos
que não estão protegidos por dispo-
sições previdenciais.

Escrita em forma atractiva e sua-
vória, a conferência tem interesse
para largo publico justificando a
edição promovida pela Liga Por-
tuguesa de Profilaxia Social, na
sequência da sua conhecida acção
benemérita.

**«FORMAÇÃO PROFISSIONAL
E POLÍTICA DE MÃO-DE-
-OBRA»**
por António da Cruz
Rodrigues

Em edição da Junta de Acção So-
cial — e com objectivos apreciáveis
de orientação prática — foi publi-
cado um volume da autoria de A.
Cruz Rodrigues em que se analisa
numa expressiva síntese a proble-
mática do planeamento na forma-
ção profissional. O autor condensa
as directrizes fundamentais para
esse planeamento, indica a organi-
zação que deve corresponder-lhe,
aprecia as finalidades da formação

profissional acelerada e os proble-
mas de aprendizagem, terminando
com as indicações a seguir nos
Centros de Aprendizagem.

O trabalho é de importante signi-
ficado na conjuntura actual da nos-
sa política de desenvolvimento, em
que a valorização da mão-de-obra
terá lugar do mais decisivo relevo.

**«TRANSPORTES EM AUTO-
MÓVEIS — MANUAL DA
LEGISLAÇÃO»**

Apareceu agora a 2.ª edição do
«Manual de Legislação de Trans-
portes em Automóveis», coordena-
do por J. Costa Ramos e Carlos
Simões.

Obra do mais amplo sentido prá-
tico, este livro encontra-se elabo-
rado por forma a corresponder às
necessidades de todos os que de-
senvolvem as suas actividades em
relação com o transporte rodoviá-
rio.

Compreendendo a mais diversa
legislação sobre a matéria, o livro
está dividido nos seguintes capí-
tulos: Do transporte. Coordenação
de transportes. Regulamento de
transportes em automóveis. Dispo-
sições complementares ao regula-
mento de transportes em automó-
veis. Transportes particulares de
mercadorias. Impostos específicos
sobre os transportes rodoviários.
Transportes de malas postais.
Agências de viagem e turismo.
Veículos de aluguer sem conduto-
res. Normas especiais relativas aos
transportes de mercadorias peri-
gulosas, insalubres deterioráveis,
etc., e taxas a cobrar pela Direc-
ção-Geral de Transportes Terres-
tres.

A edição é dos coordenadores.

bom apetite

**RESTAU-
RANTE
TURISTICO
REGIONAL**
M/17 anos
P. do Areeiro, 3-B — Telef. 720672
COZINHA REGIONAL
SERVIÇO DE BANQUETES
— E —
LANCHES DE CASAMENTO

RESTAURANTE
«CHEZ FRIMAN»
TRAV. DO CORPO SANTO, 17-1
MENU 50\$00
C/ESPECIALIDADES
ALEMãs E FRANCESAS
ENCERRADO AOS DOMINGOS

**RESTAURANTE
MONTE
ALENTEJANO**
Diariamente servimos os pratos
de MIGAS com carne de porco,
Ensopado de Borrego, Sopa de
cachola, e mais pratos regionais
Rua D. Luís de Noronha, 32-A
(A. Av. de Berna) — Telef. 778095
(Encerrado às 2.ª-feiras)

RESTAURANTE A COLMEIA
Alimentação Racional
● DIETA VEGETARIANA
● ORIENTAÇÃO DIETÉTICA
ENCERRA AOS DOMINGOS
R. Emenda, 110-2. (Ao Camões)
T. 370500

**ESTALAGEM
A GRUTA DO RIO**
(Auto-Estrada para Sintra)
Telef. 2960535 — RIO DE MOURO
DIARIAMENTE SERVIMOS
BACALHAU A LAGAREIRA
E CABRITO A PADEIRA
APOSENTOS C/ AQUECIMENTO

**RESTAURANTE
RESTAURAÇÃO**
AS MELHORES E MAIS RÁPI-
DAS REFEIÇÕES AOS MAIS
BAIXOS PREÇOS
Especialidade de Churrasco
RUA 1.ª DE DEZEMBRO, 105
Telef. 369495

COZINHA ALENTEJANA
AV. DO AEROPORTO, 66
Telef. 727071
SERVIÇO DE RESTAURANTE
Servem-se lanches, de casamento
e banquetes
ENCERRA AS 2.ª-FEIRAS

Restaurante CUBANA
Av. Miguel Bombarda, n.º 14
Telefone 773280
COZINHA PORTUGUESA
Amanhã
Bacalhau à Cubana
Sábado
Caldeirada à Cubana

BÓLIDE
(COZINHA REQUINTADA)
AMANHÃ
BACALHAU ASSADO NO
FORNO A BÓLIDE
ARROZ DE FRANGO
A TRIPEIRINHA
TODOS OS DIAS ESPECIALI-
DADES EXCLUSIVAS DA CASA
FRANGO NA POCARA
BACALHAU A ZÉ DO PIPO
AÇORDA DE GAMBAS
2 ANOS CONSECUTIVOS
PREMIADOS PELO S. N. I.
Av. de Roma, 7-A — Telef. 763522

**RESTAURANTE
CASTANHEIRA**
DECLARADO MONUMENTO NACIONAL
Est. da Torre - Lumiar - Tel. 790168

**1.º DE DEZEMBRO
FERIADO NACIONAL**
AS 13.30 H. e 20.30 H.
EXECUÇÃO DO HINO DA
RESTAURAÇÃO PELA ORQUES-
TRA SOB A DIRECÇÃO DE
AGOSTINHO CAYNETA
**ALMOÇOS E JANTARES
DANÇANTES**
(Maiores de 15 anos)

**SNACK TÍPICO
FRAGATA**
ÓPTIMO AMBIENTE
Rua Cais de Santarém, 4, 6-A
Amanhã
BACALHAU NA CANOA
Servem-se jantares
Reserva de mesas pelo tel. 87 10 62
Parque p/ automóveis

**PRAIA DE SANTA CRUZ
MAR-LINDO**
RESTAURANTE COM LINDA
VISTA PARA O MAR
APOSENTOS CONFORTÁVEIS
O MELHOR PARA BANQUETES,
NOS SEUS ÓPTIMOS SA-
LÕES OU EM QUALQUER LO-
CAL ONDE SE PRETENDA
**UMA ORGANIZAÇÃO DA PAS-
TELARIA HAVANESA
DE TORRES VEDRAS**

PARA PROTEGER A VELHICE
HYPERSEX
COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO
Esgotamentos, cansaço cerebral, astenias da idade senil, etc.
Propaganda (grátis) da FAL — Apartado 2 142 — LISBOA

SALVADOS
Vendem-se TAUNUS-COUPÉ
12-M (1964). Trata Companhia
de Seguros
«ALLIANÇA MADEIRENSE»
Tel. 44564/44493

A questão rodésiana

(Continuação da 1.ª página)

sessão de emergência do Parlamento.

DISPOSIÇÕES APROVADAS PELOS COMUNS

LONDRES, 25 — (R.) — A Câmara dos Comuns aprovou, às primeiras horas de hoje, sanções económicas e outras disposições de emergência tomadas pelo primeiro-ministro Harold Wilson para enfrentar a crise rodésiana. Membros do Parlamento aprovaram sem votação oito disposições ao todo.

Uma das disposições dá ao Governo britânico poderes para emendar a Constituição de 1961, da Rodésia, e para anular quaisquer actos do primeiro-ministro dissidente, Ian Smith.

KAUNDA AINDA NÃO RECEBEU RESPOSTA INGLESA

LUSAKA, 25 — (F. P.) — A situação poderá gerar terceira guerra mundial e «só» a Grã-Bretanha está apta a impedir semelhante desfecho — declarou o presidente Kaunda, numa conferência de imprensa.

Acrecentou que ainda não teve resposta ao pedido de tropas britânicas para guardarem a barragem de Kariba, e que estuda ou-

tras propostas de auxílio militar. Disse ainda o presidente da Zâmbia que os países africanos, membros ou não da Commonwealth, como outras nações não africanas, ofereceram tropas para serem utilizadas na Rodésia.

«A Zâmbia e o resto do Mundo — concluiu — não compreendem a razão por que a Grã-Bretanha espera mais tempo para entrar em acção.»

UMA GREVE PARALISOU O TRÁFEGO FERROVIÁRIO ZÂMBIA-RODÉSIA

LUSAKA, 25 — (R.) — O tráfego ferroviário entre a Zâmbia e a Rodésia ficou hoje paralisado em consequência de uma greve de maquinistas brancos em Livingstone, no Sul da Zâmbia, após incidentes raciais ocorridos naquela cidade.

O caminho de ferro da Rodésia, com ligação com a Zâmbia, é de importância vital para este país.

Esta linha escoia o cobre da Zâmbia através da Rodésia para os portos do território português de Moçambique e transporta também o grosso das importações da Zâmbia.

Ministério do Ultramar

O subsecretário de Estado da Administração Ultramarina recebeu, esta tarde, algumas das meninas que fazem parte do grupo de crianças do Patriarcado de Lisboa, que seguem no domingo para Roma, a fim de oferecerem ao Papa os quatro Evangelhos ilustrados por crianças portuguesas. Esteve presente à audiência a madre Chantal, directora do colégio de que aquelas são alunas.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

GOLPE DE ESTADO NO CONGO

Gizenga foi libertado e garante-se a segurança do ex-presidente Kasavubu

LEOPOLDVILLE, 25 — (R.) — Kasavubu continuará na sua residência oficial, e a sua segurança pessoal está a ser assegurada, afirmou o general Mobutu.

Não foi preso nenhum dos membros do Governo anterior e foi hoje libertado Antoine Gizenga, dirigente nacionalista das esquerdas que se encontrava com residência fixa desde há 14 meses.

Segundo disseram hoje observadores, o golpe de Estado militar pôs fim a uma possível luta para a presidência entre Kasavubu e Tchombé.

OLENGA, SOUMIALOT E OUTROS NÃO PODERÃO REGRESSAR A LEOPOLDVILLE

Embora tivesse anunciado que os presos políticos seriam libertados, o general afirmou que não perdoaria, contudo, aos chefes de revoltas

tidos por assassinos, nem autorizaria o regresso a Leopoldville aos chefes rebeldes Christophe Gbenye, Nicholas Olenga, Gaston Soumialot e outros. O novo presidente acrescentou, também, que não haveria solução política para a revolta. Seria combatida até ser completamente derrotada pelas armas.

Além disso, os membros do Governo cessante seriam também consultados sobre a organização da nova administração.

Não há notícias de desordens em todo o Congo.

TCHOMBÉ APLAUDIU O GOLPE DE ESTADO, MAS...

Entretanto, um comunicado aplaudindo o golpe de Estado, assinado por Tchombé, foi hoje posto a circular em Bruxelas pelo partido da Convenção Nacional Gongolesa.

Contudo a reacção inicial de contentamento mostrada por Tchombé ao ter conhecimento do golpe de Estado recebeu um duche frio, ao saber que o general Mobutu tencionava permanecer na presidência durante cinco anos.

O general Mobutu disse que o ex-presidente Kasavubu poderia, se quisesse, ficar um membro vitalício do Parlamento ou membro da Câmara dos representantes, para a qual foi eleito na Primavera passada.

DESMENTIDO DA ACTRIZ

JEANNE MOREAU

ATENAS, 25 — (F. P.) — «Se pensasse em casar-me, seria a primeira a anunciar tal decisão» — declarou Jeanne Moreau, desmentindo categoricamente a notícia do seu próximo casamento com o actor grego Theodore Roubanis. E acrescentou: «Para mim, Roubanis não é mais do que qualquer dos outros actores que participam comigo na filmagem de «O marinheiro de Gibraltar».

Chegou esta tarde

a equipa do Sporting

Vinda de avião, de Barcelona, chegou, esta tarde, a Lisboa, a equipa do Sporting, que era aguardada no aeroporto pelos dirigentes federativos Melo de Carvalho e Gomes da Silva e o dirigente associativo Silva Santos.

Os dirigentes e jogadores «leões» eram aguardados por pessoas de família e adeptos do clube, havendo a convicção entre a comitiva de que a turma verde-branca vencerá o terceiro jogo. A opinião geral era a de que houve um quarto de hora de desnoite bem aproveitado pelos espanhóis, mas a esperança mantinha-se para o desafio de desempate.

Aterragem de emergência no aeroporto da Portela

Quando voava sobre Portugal, cerca das 13 horas, um «Boeing 707» da TWA, por ter sofrido uma avaria, principiou a largar combustível a fim de poder aterrar, o mais rapidamente possível, no aeroporto da Portela. Declarara-se incêndio numa das turbinas.

O aparelho levantara voo de Madrid e destinava-se a Nova York.

Durante mais de noventa minutos, o «Boeing» foi largando combustível. Como é natural, estabeleceu-se a bordo um certo pânico. O comandante do aparelho, no entanto, afirmou aos passageiros que conseguiria aterrar sem perigo.

Na verdade, às 14 e 30, o «Boeing» aterrava numa das pistas da Portela de Sacavém. Cerca de vinte viaturas (Sapadores Bombeiros e Bombeiros Voluntários) aproximaram-se imediatamente do aparelho e obstruíram a que a vida dos passageiros corresse perigo.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco ou moderado, predominando de Leste.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Praia da Rocha, 14,6; mínima: Guarda, -3,1.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 8; Faro, 12; Lisboa, 7; Penhas Douradas, 0; Portalegre, 3; Porto, 3.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na água do mar, 14; na atmosfera, 9.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento moderado predominando de Leste; períodos de chuva fraca, em especial a sul do sistema montanhoso Lousã-Estrela; possibilidade de queda de neve nas terras altas; pequena subida de temperatura.

SOL Nascer às 7 e 31
Ocaso às 17 e 17

FASES DA LUA

Dia 1 Dia 8 Dia 15 Dia 22

MARÉS

PREIA-MAR — Dia 25 — As 4 e 22 (4,1 m); 16 e 48 (3,9 m).
Dia 26 — As 5 e 02 (4 m); 17 e 31 (3,7 m). Dia 27 — As 5 e 41 (3,8 m); 18 e 02 (3,5 m).
BAIXA-MAR — Dia 25 — As 10 e 08 (1 m); 22 e 16 (1,1 m).
Dia 26 — As 10 e 42 (1,1 m); 22 e 53 (1,3 m). Dia 27 — As 11 e 17 (1,3 m); 23 e 26 (1,5 m).

LARBELO

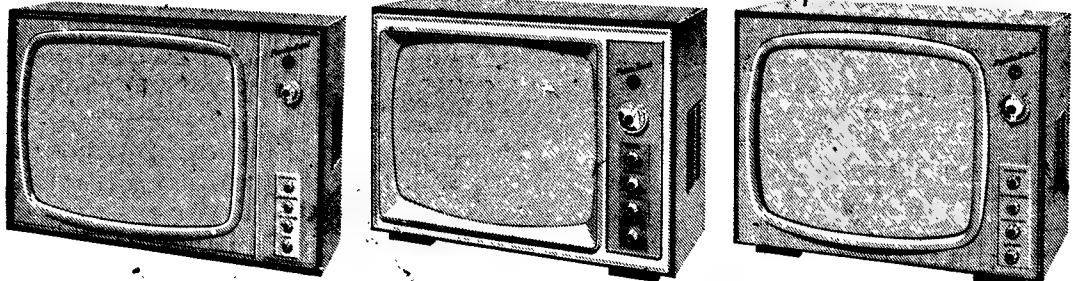
195, RUA DA PRATA, 197 LISBOA

APRESENTA OS ARTIGOS DA CONCEITUADA MARCA ITALIANA MEPPA

BULES, LEITEIRAS, ACUCAREIROS E CAFETEIRAS. LINDÍSSIMOS MODELOS DE TALHERES COM GARANTIA DE AÇO 18/8. MODELOS PRÓPRIOS PARA HOTÉIS, RESTAURANTES E PASTELARIAS

LARBELO ESPERA A SUA VISITA

ELES DESPERTAM A ATENÇÃO!
modernos/elegantes/práticos



novos modelos

PONTO AZUL

o ponto máximo em televisão

ROBERT BOSCH (PORTUGAL) LDA. LISBOA-PORTO

Assistência Técnica em todo o país

Vida literária e artística

25 DE NOVEMBRO
1965
SUPLEMENTO
SEMANAL
Diário de Lisboa
N.º 382

No 120.º aniversário do nascimento de Eça

Em 25 de Novembro de 1845 nasceu obscuramente, numa casa modesta da Praça do Almada, na Póvoa de Varzim, José Maria de Eça de Queiroz. Nascido de um amor romântico e contrariado, só tardiamente legitimado e reconduzido à companhia dos pais, o futuro escritor de génio teve uma infância triste e melindrosa. Talvez por esse condicionalismo de origem, como assinala Viana Moog, mas muito mais, decerto, por vocação de uma profunda inteligência associada a uma viva sensibilidade, Eça de Queiroz alimentou perenemente na sua vida e na sua obra uma emocionada «simpatia pelos simples e pelos humildes». A modestíssima costureira Ana Joaquina, de Vila do Conde, que o amamentou e cuidou nos primeiros tempos, deixou-lhe enraizada essa solidariedade com o povo desamparado que ainda, no final da vida, lhe inspirava as páginas maravilhosas do «São Cristóvão». Sobre a imensa glória que o consagrou como escritor, é particularmente oportuno salientar essa faceta da sua autêntica grandeza no 120.º aniversário do nascimento de Eça de Queiroz.

Um acontecimento literário de perdurável interesse vai ficar assinalar este aniversário em outras celebrações: a publicação, promovida pela editorial Livros do Brasil, do livro de Heitor Lyra «O Brasil na vida de Eça de Queiroz». A obra vai ser posta à venda em dia próximo e nela o antigo embaixador do Brasil em Portugal, que entre nós permaneceu por gosto pessoal, reúne um vasto e eloquente documentário sobre os mais diversos aspectos das relações do escritor com brasileiros e com o Brasil. A edição tem ainda o interesse, que não é dos menores, de trazer a público alguns inéditos, constituindo para inúmeros leitores mais um saboroso atractivo.

Porque não se fez ainda a atribuição do Prémio Ricardo Malheiros de 1965?

De longa tradição — e não sabemos se de determinação regulamentar — que o Prémio Ricardo Malheiros, da Academia das Ciências de Lisboa, seja atribuído anualmente por altura de Maio ou Junho, quando muito tarde, em Julho. Neste ano, por motivos que se ignoram, o Prémio não foi ainda atribuído nem veio a público qualquer informação que justifique a demora. Não só os concorrentes, que devem ter sido numerosos, como os meios literários no seu mais largo âmbito estranham o silêncio que se mantém em torno do Prémio e fazem-nos chegar o eco dessa estranheza.

Sendo tão limitados, entre nós, os incentivos à criação literária e tão raros os galardões que assinalam perante o público os seus mais positivos valores, o Prémio Ricardo Malheiros teria nas actuais circunstâncias, apesar da sua módica importância material, uma projecção mais relevante: Todas as razões justificam, por conseguinte, a pergunta que deixamos aqui expressa em nome de muitos interessados: — Porque não foi ainda atribuído, em 1965, o Prémio Ricardo Malheiros?



Eduardo Prado, o maior amigo brasileiro de Eça de Queiroz

Da breve introdução de Heitor Lyra ao seu magistral trabalho transcrevemos este elucidativo passo:

«Nas páginas deste livro o leitor, se está familiarizado com a vida e a obra de Eça de Queiroz, não vai certamente encontrar muita coisa nova: uma ou outra citação, um ou outro documento inédito, dentre os quais cabe desde logo destacar o drama burlesco em verso, intitulado Inês de Castro (alida, inacabado), escrito por Eça, a mulher, a cunhada Benedita e o poeta brasileiro Olavo Bilac, numa noite de Inverno, em 1890, em Paris. Fora disso, ou das cartas, por exemplo, escritas a D. Emilia d'Eça de Queiroz pelos amigos brasileiros do marido, antes e depois da morte do escritor.»

UM LIVRO DE HEITOR LYRA: «O BRASIL NA VIDA DE EÇA DE QUEIROZ»

tor, igualmente inéditas, tudo o mais que se contém neste livro, ou está na obra do romancista ou pode ser lido nos numerosos trabalhos escritos a seu respeito — livros, folhetos, artigos de jornais e de revistas, e que se contam hoje por mais de um milhar. Assim que o único mérito desta obra está em se ter reunido nela tudo ou quase tudo que se relaciona com o Brasil e os Brasileiros, na vida e na obra de Eça de Queiroz.»

Entre as ilustrações que acompanham o texto figuram as reproduções de dois desenhos do próprio Eça de Queiroz, que se encontravam também inéditos, alusivos ao citado drama «Inês de Castro». Na introdução à obra, além dos agradecimentos a descendentes do escritor que lhe deram assinalada colaboração, relembra Heitor Lyra as ajudas valiosas que lhe foram prestadas pelo jornalista e escritor, também brasileiro, Alexandre Eulálio, queirozianista fervoroso e sempre atento observador da vida literária portuguesa. E presta homenagem a dois diplomatas brasileiros já falecidos, Domicílio da Gama e Magalhães de Azeredo, com quem trabalhou em missões no estrangeiro e que haviam sido frequentadores da casa de Eça de

(Continuação da página central deste suplemento)



Casa da Avenida du Roule, n.º 38, em Neuilly, Paris, onde Eça de Queiroz residiu os seus últimos anos de vida, de 1893 a 1900. As duas janelas do segundo andar, à direita, são do quarto onde o escritor faleceu

A missão do livro na irradiação externa da cultura portuguesa

— Entrevista reveladora com o dr. Luís Borges de Castro

Os problemas editoriais em Portugal e os da difusão do livro português no mundo, designadamente no Ultramar e no Brasil, estão hoje em acrescida actuali-

dade e são matéria de alusões, de critérios divergentes, de insatisfações expressas, que há toda a conveniência nacional em esclarecer. Referências ultimamente expressas, neste mesmo Suplemento, à situação do livro português no Brasil, vieram reunir-se a todos

Existe ainda o Japão de Wenceslau de Moraes?

por ARMANDO MARTINS JANEIRO

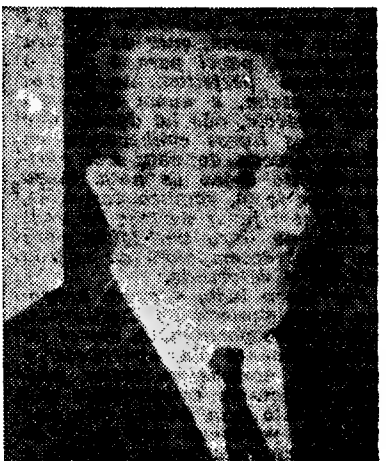
EXISTE ainda o Japão de Wenceslau de Moraes? Venho procurar esse Japão em Tokushima, a pequena cidade da ilha de Shikoku. Tokushima é o coração da obra de Moraes, é a terra do bon-odori, a terra dos seus amores tristes, e do seu isolamento. Foram quatro dias de peregrinação a Tokushima de Moraes. A cidade está muito diferente daquela que conheci, há dez anos. Destruída pelos bombardeamentos, Tokushima havia reconstruído muito menos durante a primeira década depois da guerra do que durante estes últimos dez

anos. A avenida principal, Shimmachi Bashi, que há dez anos era um largo campo deserto onde o vento levantava constantemente ondas de poe-

ra, é hoje uma bela avenida com relvas e palmeiras, ladeada de modernos edifícios. Até em numero de monumentos aumentou. Moraes, que foi o primeiro, já não está sozinho. Fica hoje no meio de dois filhos ilustres de Tokushima, um político, o senador Ota, e um geógrafo explorador da ilha Saghalin, Ian Okamoto.

Por toda a parte belos edifi-

(Continua na página central deste suplemento)



DR. BORGES DE CASTRO

os demais aspectos de interesse geral como motivo para um de-

(Continua na página seguinte)

A missão do livro na expansão da cultura portuguesa

[Continuação da página anterior]

poimento que se nos afigura indispensável: o dos primeiros visados no debate das questões do livro, que são os editores. Para isso procurámos o presidente do Grémio Nacional dos Editores e Livros, dr. Luís Borges de Castro, cuja acção profissional e pessoal no domínio em causa tem sido notoriamente conduzida com dinamismo, inteligência e boa vontade incontestáveis.

Recebeu-nos o dr. Borges de Castro com a cordialidade de sempre e, logo de início, apresentando o nosso propósito, quis dirigir expressamente ao «Diário e Lisboa» algumas palavras que nos foi grato ouvir:

— É sempre com o maior prazer que eu falo ao conceituado jornal que é o «Diário de Lisboa». Quando um órgão de imprensa, qualquer que ele seja, acolhe com carinho e seriedade o que com seriedade se entende serem problemas de importância, não pode deixar de merecer-me o maior respeito. Este é o caso deste jornal, e por isso, a minha satisfação em fazê-lo intérprete de algumas modestas considerações.

— Como encaram os editores, nas presentes circunstâncias, a situação das suas actividades e a projecção do livro?

— De facto nos dias de hoje e para nós portugueses, é esse um problema que pode ser objecto de conjecturas da mais diversa ordem mas que, em virtude de ainda não ter encontrado aquela solução que está ao nosso alcance, e disto eu estou certo, tanto nos preocupa e, vamos lá, tanto nos prejudica. Eu sei, como editor de há algumas dezenas de anos, e como presidente do G. N. E. L., e, nesta qualidade, repositório de tanta confiança — quanto carinho, quanto espírito de renúncia e quanta vontade de servir são necessários para se ser editor. E, por isso, eu sei ainda quanta desilusão, quantos desgostos e momentos de desânimo nós não sofremos. Mas, sobretudo como presidente do Grémio, eu sou também o depositário de muitas alegrias e de muitas esperanças... Esperanças de editores, de livreiros e quantas mesmo de escritores, e até do próprio público. Assim será quando um editor espera editar a «obra da sua vida», o livreiro divulgá-la, o escritor escrevê-la e o público lê-la.

E são todas estas esperanças que afinal nós temos, e é esta vontade de vencer que de nós se apossa e é esta ambição de ser útil — que às vezes só disfarça orgulho profissional — eu sei que elevam e valorizam a por vezes modesta mas sempre nobre condição de editor. E o editor verdadeiramente, o intérprete do querer do público perante o escritor e o primeiro veículo deste para o público. Ele e o livreiro constituem uma peça inalterável, um fiel, no processo do desenvolvimento cultural de um povo e no movimento de expansão de uma cultura. E tudo isto em função do Livro.

— Tem a indústria editorial no nosso País mantido o ritmo de desenvolvimento que será de desejar?

— No nosso País a indústria editorial, não tenho dúvidas em o dizer, não atingiu ainda o ponto de desenvolvimento que todos nós ansiamos e que, muito particularmente, os seus profissionais vêem ao seu alcance. Obstáculos de vária ordem têm impedido o livro português de ser, já hoje, um divulgador inalterado quer da cultura em geral, quer da cultura portuguesa, papel para o qual o antevermos perfeitamente apto. Mesmo assim, e numa dimensão mais modesta, não há dúvida que os nossos livros conheceram na última década de anos um enriquecimento digno de nota. Claro que este facto, comprovado aliás, só vem em favor da tese da total aptidão do livro português para um cabal desempenho da missão que lhe é reservada.

Por outro lado, e agora refiro-me especialmente ao Continente, a população portuguesa, mercê do estabelecimento de oportunas e louváveis normas no sector educativo, adquiriu ultimamente um maior gosto pela leitura que, por sua vez, provocou um surto de aparecimento de novos editores e

livreiros, profissionalmente bastante capazes, e que veio ajudar a determinar o já aludido enriquecimento dos livros portugueses.

A respeito do valor profissional dos actuais editores, ouso dizer-lhe — e faço-o com a vaidade própria de quem tem a honra de presidir a tão prestimosa como operosa classe — que os livros portugueses são hoje tão bons quanto os melhores que se produzem em qualquer outra parte do mundo, o que se torna bem patente na simples observação de qualquer montra de livraria. Ainda há bem poucos dias tive o prazer de ouvir o dr. Lundt, ilustre e categorizado presidente da prestigiosa União Internacional de Editores, referir este facto de forma bem clara e objectiva.

Quanto ao desenvolvimento da actividade que represento, posso dizer-lhe, a título meramente exemplificativo que no nosso País e no último decénio, o número de editores aumentou em cerca de 35% e o de livreiros 40%, isto mau grado todas as dificuldades, e a natural (e estimulante) concorrência que lhe fazem os nossos meios de divulgação cultural, cada vez mais difundidos. Como vê não podemos deixar de reconhecer um engrandecimento, tradutor de progresso, ainda que em termos um tanto distanciados do que seria de desejar e, sobretudo, do que está dentro das nossas já demonstradas possibilidades.

— E quanto à difusão externa do livro português?

— O assunto tem sido muito debatido, como se sabe. É da mais alta importância nacional o papel que os livros portugueses devem desempenhar fora das nossas fronteiras metropolitanas — pois só assim preenchem plenamente a sua função, como principais difusores da cultura portuguesa no mundo. Deste ponto de vista, não há dúvida que cabe referir uma necessária distinção entre a enorme massa de portugueses que hoje se encontra dispersa por todos os continentes e o público de nacionais de outros países que se interessa pela nossa civilização e pela nossa cultura. São, penso, problemas que de forma alguma podem deixar de ser objecto da consideração de quem, de longe ou perto, por estas ou aquelas razões, intervém ou deve intervir no problema nacional da divulgação da nossa cultura.

Os casos que atrás mencionei terão certamente que ser conduzidos por formas de actuação distintas, atinentes a resultados imediatos diversos, dado que correspondem a solicitações diferentes, o que, nem por isso, e em última análise deixa de corresponder ao que deverá ser a nossa primeira e última intenção — a dispersão do conhecimento da nossa cultura. Se atendermos, objectiva e capazmente, esta «necessidade de fazer» e, mais que isso, «obrigação de fazer», daí só nos poderá advir a vantagem de ganharmos alguns admiradores da nossa civilização e, de mais que isso, não perdermos o interesse daqueles portugueses que a distancia separa de nós, pelos assuntos que ao nosso país referem.

Para estes, sobretudo, temos uma obrigação que não merece de maneira alguma o nosso encolher de ombros. Desde há muito o venho dizendo, pois desde sempre se sabe que isto é verdade. O Grémio a que presido não se tem furtado a esforços para que todos estes problemas encontrem a melhor solução.

— E a situação do livro português no Brasil?

— Nesse capítulo, há um ponto que quero acentuar enérgicamente: temos procurado por todas as formas ao nosso alcance resolver o problema das dificuldades que os nossos livros têm sentido ultimamente no Brasil. Não lográmos demover ainda, e no seu todo, os obstáculos existentes. Porém, estou convencido de que o assunto está sendo encaminhado no sentido de se solucionar, pelo menos em alguns aspectos, este complexo problema. Pelo nosso lado ainda há algum tempo o sr. ministro dos Negócios Estrangeiros mostrou bem o seu interesse em encontrar solução.

Pelo que toca ao Brasil, não posso deixar de confessar que estou à frente dos organismos de

classe congêneres do nosso, na-quele país, distintos colegas que, por seu turno, pretendem encaminhar o problema da melhor maneira. Se se proceder em conformidade com sugestões já apresentadas, com todas estas boas vontades, o livro português que não é desconhecido no Brasil, e temos provas disso, chegará mais fácil e frequentemente às mãos dos nossos patrícios e dos nossos irmãos brasileiros, como todos desejamos. A liberdade da circulação do livro entre Portugal e o Brasil é assim um problema, porque ainda o é e cada vez mais, que deverá e poderá ser resolvido.

Quero informá-lo que, pelos elementos de que agora dispomos, é bastante provável que Portugal e o Brasil façam intercâmbio de Feiras do Livro no Rio de Janeiro e em Lisboa, no próximo ano. Os editores portugueses e os seus colegas brasileiros estão nisso interessados e o ilustre Adido Cultural do Brasil, em Portugal, prof. Odilo Costa, Filho, com quem temos mantido estreito contacto,

está sinceramente empenhado em concretizar esta obra de alta projecção para as nossas culturas.

— E no que respeita à colocação do livro metropolitano no Ultramar?

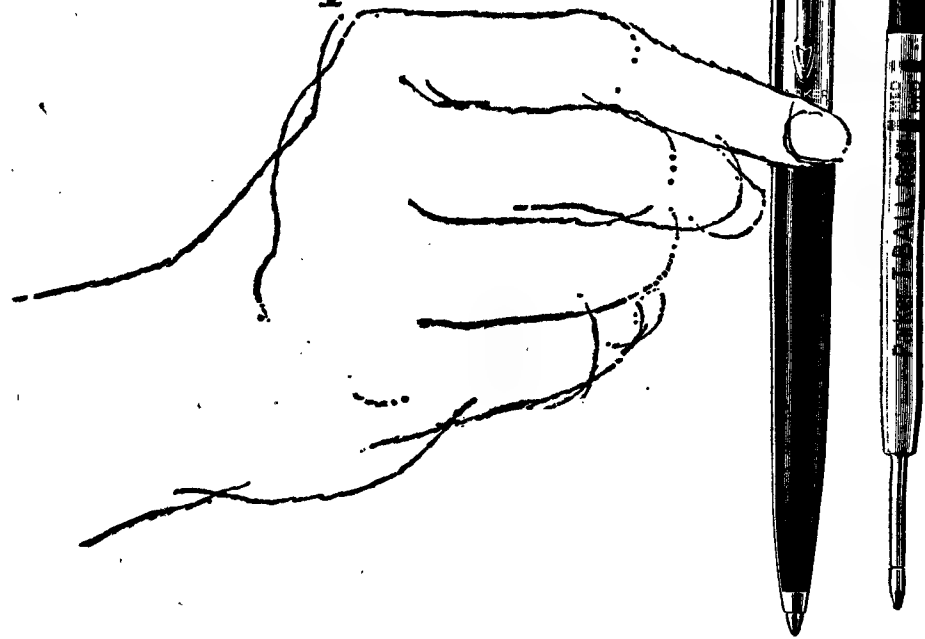
— Há, realmente, algo de novo a assinalar nesse domínio. Com excelente compreensão das suas inegáveis vantagens e poderosas e amplas repercussões na vida cultural da Nação, pensa-se levar a efeito no Ultramar português algumas manifestações dedicadas ao Livro. O sr. ministro do Ultramar e os respectivos serviços — nomeadamente a Direcção-Geral do Ensino no Ultramar — mostram-se vivamente interessados na concretização de tal pensamento, o que vem confirmar o iniludível interesse que tal realização comporta como contributo para uma perfeita integração cultural portuguesa. Feiras, festivais, exposições, etc., não sei ainda o que será. Sei, isso sim, que o Grémio Nacional dos Editores e Livros continua, como lhe compete —

embora ponderados os seus fracos recursos — na disposição firme de apoiar todas as oportunidades que tenham o livro e a cultura portuguesa por principal objectivo. Não se deseja perder nenhuma oportunidade e, a persistirem algumas dificuldades, impõe-se que, a tempo, elas sejam removidas.

Urge que assim se faça. Há erros de consequências irreparáveis — esses não queremos que sejam adjudicados à nossa cultura, nem a eventual falta de livros que a transportam e são seu fiel repositório.

O sr. dr. Luís Borges de Castro, reflectindo os pontos de vista e esperanças da classe que representa, deixou nesta entrevista apreciáveis motivos de confiança na acção que está em curso ao serviço da expansão do livro português. Por eles nos congratulamos, com todos os que se interessam, seja qual for o seu sector de actividades, pela irradiação da nossa cultura e dos nossos valores literários.

diz-me
com quem andas
dir-te-ei quem és



esferográfica **Parker**



Na mão responsável do técnico, PARKER é uma ferramenta. Uma ferramenta precisa, pronta, robusta. Nos esboços rápidos que esclarecem ordens sucintas, nos cálculos que justificam decisões, PARKER é a ferramenta versátil que materializa conceitos abstractos que o cérebro criou.

tBall

Joller: 60\$00

outras esferográficas: de 90\$00 a 500\$00



PARKER — FABRICANTES DAS CANETAS MAIS DESEJADAS DO MUNDO

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL:
VIALGA, REPRESENTAÇÕES, S.A.R.L.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 90-7.
TELEF.: 73 32 54 E 73 42 09 - LISBOA-1

«Santos Pecadores» - romance de Joaquim Lagoeiro



JOAQUIM LAGOEIRO

Quando da publicação de outros livros de Joaquim Lagoeiro — e são já sete os seus romances publicados — assinalou-se neste Suplemento, como qualidades mais evidenciadas do escritor, o verismo exacto, a facilidade de composição, a fluência e limpidez do seu estilo. Eram esses, decerto, os valores primaciais do longo romance «Mosca na Vidraça», que parece ter assinalado, em larga construção ficcionista, o renovo estilístico do autor. Com «Santos Pecadores», no entanto, é uma viragem mais acentuada que se desvenda na carreira de romancista de Joaquim Lagoeiro. Diga-se, desde já, que é um excelente livro, com todos os motivos bastantes para prender a atenção viva do leitor nas suas expressões romanescas, em conflito de situações e em desenho nítido de personagens. Mas é, sobretudo, uma realização de estilo que lhe confere lugar de especial relevo na nossa literatura de ficção e abre a Joaquim Lagoeiro uma rumo criador de largos horizontes.

Para traçar um quadro dramático de experiência vivida, narrado na primeira pessoa por um «espectador» que também se afirma como personagem de singular expressividade, apurou o romancista uma arte de contar que se representa, antes de mais nada, na forma de largos horizontes.

«No trilho da saudade» de Christina Bérens Freire

Tem já uma obra lírica bem definida e expressiva a poetisa Christina Bérens Freire, que há pouco publicou o volume de sonetos «No trilho da saudade». Quando apresentou, há dois anos, o livro similar «E o tempo vai passando», assinalou-se neste suplemento que a autora tem criado uma obra poética harmoniosa, cultivando o soneto como enquadramento formal para uma inspiração que se desdobra em múltiplos sentidos: o do descritivo, o da observação emocionada da natureza, o da fixação de estados interioristas, o da meditação moral. Não trazendo inovações flagrantes na forma e na temática, a obra de Christina Bérens Freire mantém a validade literária pelo sentimento vivo que a alimenta e pelos belos ritmos em que se exprime.

Assim o demonstram, mais uma vez, os sonetos de «No trilho da saudade», versando na forma clássica mas com vibração sentimental comunicativa os estados de alma que lhe traduzem a emoção e o sentido da vida. Prossegue assim a autora um rumo de criação lírica, sem submissão a correntes ou influências alheias que possam alterar, dando de si o que pode dar na sinceridade das expressões próprias. O livro «No trilho da saudade» é um testemunho pessoal de sensibilidade e de vocação literária a que não pode negar-se impressão aprego. Transcreve-se, a seguir, um dos sonetos do livro agora publicado por Christina Bérens Freire.

Não, eu não sou poeta! Mas é certo
[to] Que sinto o que eles sentem: a
[tortura] De querer mais e mais! Chegar
[mais perto] Do que é sublime e grande em for-
[mosura]

A realidade desse sonho incerto
Me faria feliz! Doce ventura...
Seria o Mundo, assim, um Céu
[aberto] Para sempre liberto de amargura!

Sonhar!... A vida que beleza tem
Sem fantasia que nos leve além
Do que é mesquinho e vil! Assim
[medito:]

— Oh! sonhos infundáveis de poe-
[ta] —
O que é o Mundo para lá da meta
Tendo no coração o Infinito!...

ma límpida, envolvente, macia, que flui com naturalidade e cadência exemplares e conduz seduzidamente o leitor desde princípio a fim da narrativa. A pureza formal conseguida por Joaquim Lagoeiro neste livro é um acontecimento literário que cumpre salientar, nesta época de apressadas improvisações e desalinhos que se pretende tantas vezes apresentar como voluntários mas que resultam, afinal, de incapacidades. «Santos Pecadores» é, acima de tudo, uma bela realização de arte de escrever. O interesse da narrativa, a invenção romanesca (talvez prejudicada, em alguns passos do final do livro, por certos efeitos melodramáticos menos felizes), a sugestão moral e até social que ressalta do sentido mais fundo da vivência das personagens, constituem valores incontestáveis em «Santos Pecadores» — mas é o da realização formal que, acima de tudo, impressiona.

A personalidade literária de Joaquim Lagoeiro sai notavelmente afirmada deste livro. Com ele demarca e aponta um caminho que vale a pena ser continuado.

S.

«Alfacinhas» — Lisboetas do Passado e do Presente» de ALBERTO SOUZA

Com a publicação do 12.º fascículo, está concluída a obra «Alfacinhas — os Lisboetas do Passado e do Presente» de Alberto Souza, que o filho do autor, Fernando Souza, tomou a iniciativa de editar, positivamente, e de acordo com o plano traçado pelo saudoso artista.

O livro, em que colaboram alguns nomes prestigiosos das nossas letras, que se encontram ligados, de qualquer modo, à vida da nossa capital, é um trabalho digno da memória do grande mestre da aguarela portuguesa.

O último fascículo da obra insere uma crónica, cheia de beleza evocativa, da autoria de Urbano Tavares Rodrigues, que se ocupou de «Ruas, casas e lojas» e compreende uma série de reproduções primorosas de desenhos e aguarelas de Alberto Souza, bem como doutros autores, que completam oportunamente a preciosa iconografia lisboeta de que este livro vem a constituir um valioso repositório.



É de acentuar, com palavras de franco elogio, não só o cuidado que o editor pôs na apresentação gráfica da obra, mas também na regularidade da publicação, para a qual apareceram igualmente, já, as respectivas capas para a encadernação que merecem os fascículos.

ESCAPARATE

(De 15 a 22 de Novembro de 1965)

Autores portugueses

Título — «Ensaaios».
Autor — Miller Guerra.
Editora — Livraria Moraes.
Coleção — O Tempo e o Mo-
do, 32.
Número de páginas — 252.
Preço — 30\$00.

Título — «Didáctica da Língua Portuguesa».
Autor — Manuel Inácio Pestana.
Editora — Atlântida.
Número de páginas — 239.
Preço — 40\$00.

Título — «Capelas Imperfeitas».
Autor — António Barahona da Fonseca.
Editora — Cronos.
Número de páginas — 87.
Preço — 20\$00.

Título — «Caminho de Culpa» — 5.ª Edição.
Autor — Joaquim Paço d'Arcos.
Editora — Guimarães.
Número de páginas — 318.
Preço — 35\$00.

Autores estrangeiros

Título — «O Macaco e a Essência».
Autor — Aldous Huxley.
Tradutor — Figueiredo Soares.
Editora — Livros do Brasil.
Coleção — Miniatura, 164.
Número de páginas — 157.
Preço — 15\$00.

Título — «O Caso dos Macacos Lendários».
Autor — Eries Stanley Gardner.
Tradutor — Fernanda Pinto Rodrigues.
Editora — Livros do Brasil.
Coleção — Vampiro, 222.
Número de páginas — 238.
Preço — 15\$00.

Título — «Casa Indefesa».
Autor — Heinrich Böll.
Tradutor — Jorge Rosa.
Autor — Heinrich Böll.
Editora — Livros do Brasil.
Coleção — Dois Mundos, 89.
Número de páginas — 340.
Preço — 45\$00.

TROVAS DE CRISFAL — O número de páginas é de 143, e não como, por lapso, se disse.

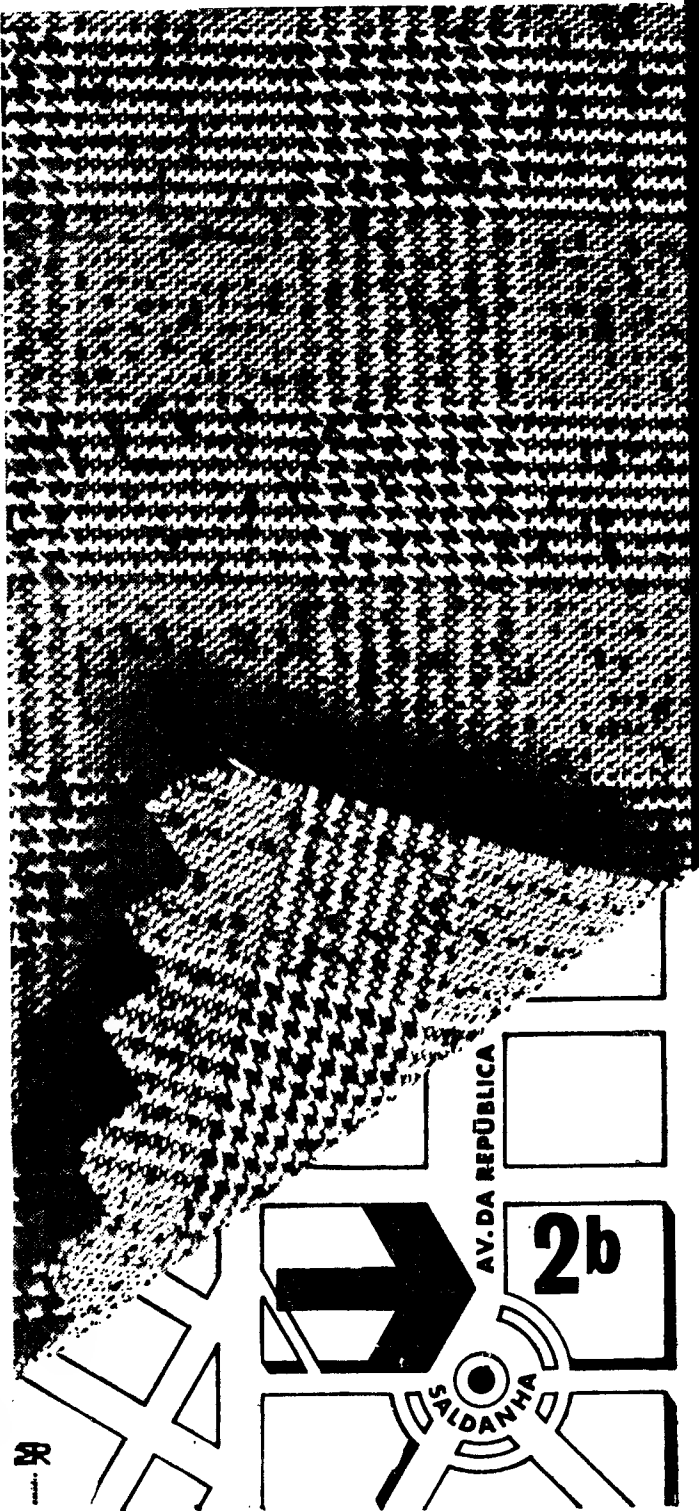
«As melhores histórias para a juventude»

É uma iniciativa meritória da Editorial Minotauro a publicação desta antologia de narrativas para crianças e adolescentes, ilustradas por alunos das escolas. Nos fascículos 7.º e 8.º conclui-se a «Oração e Vigília de Camões», de Ludwig Tieck, integra-se na totalidade a narrativa «O Cerco de Lisboa», de Fernão Lopes, e inicia-se «A última Aula», de Alphonse Daudet. Todos os fascículos incluem ilustrações alusivas em policromia.

Pinheiros

MAIS UMA NOVA CASA
NA AV. DA REPÚBLICA, N.º 2-B
(AO SALDANHA)

PRESTÍGIO DE 125 ANOS DE EXISTÊNCIA



Wenceslau de Moraes

(Continuação da 1.ª página deste suplemento)

cios, milhares de pequenos bares e restaurantes que, iluminados, dão, à noite, à cidade aquele ambiente feérico e irreal das cidades nipônicas.

Se foi tanta a minha surpresa ao ver as grandes modificações de Tokushima em dez anos, qual seria o espanto de Moraes se a visitasse depois de quase quarenta? Existiria, porém, a Tokushima de Moraes? Fui visitar os templos onde Moraes costumava ir entreter os seus dias e cultivar o contacto com o povo japonês, para sentir e aprender a compreender a sua alma. Primeiro, vou à rua de Moraes, Iga-cho, a rua das Castanhas. Moraes não poderia reconhecê-la hoje. No seu tempo, Iga-cho era uma rua insignificante, monótona, uma rua de aldeia, de onde «sobe logo a serra, em redondezas graciosas, todas verdes, todas vestidas de arvoredo — pinheiros e carvalhos — destacando-se do azul do firmamento por uma longa linha de contornos ondulantes, suavemente acidentados. Com frequência, os corvos e os milhafres atravessam o espaço, em voos calmos, muito altos; e, em Agosto, belas borboletas e tira-olhos, de cores várias, povoam o ar, em profusão, voltejando, doidejando, namorando-se. Ouve-se tantar ao desafio os grilhões dos vizinhos. Nada mais. Tudo isto se funde num pequenino quadro de serenidade campesina, de paz das colinas, a vir sugerir-nos doces enternecimentos pela terra, pela obra silenciosa e incessante da criação, mãe do universo e mãe de nós todos».

Era nessa paisagem serena e verde, que Moraes gostava de embeber o seu olhar.

Perto de Naruto, fui mais fundo, às raízes do velho Japão, na pequena aldeia de Oshiro. A aldeia é um aglomerado de casas baixas de madeira escura, modestas e fechadas sobre si mesmas. A serenidade e a poesia íntima do antigo Japão. Numa velha casa de madeira, pequena e pobre, trabalhava um artífice que faz bonecos para o teatro de bonecos tradicional, o *bunraku*. Mestre Oe, é o maior artista de bonecos em todo o Japão; além dele só existem mais dois cultores desta arte, das mais antigas do Dai Nippon. Consegue fazer apenas um boneco por mês, por encomenda do teatro de Osaka — o único teatro de bonecos que, em todo o país, trabalha permanentemente. Os bonecos de Mestre Oe são maravilhas de arte. Talhados na madeira, os mais perfeitos, só na cabeça, têm cinco movimen-

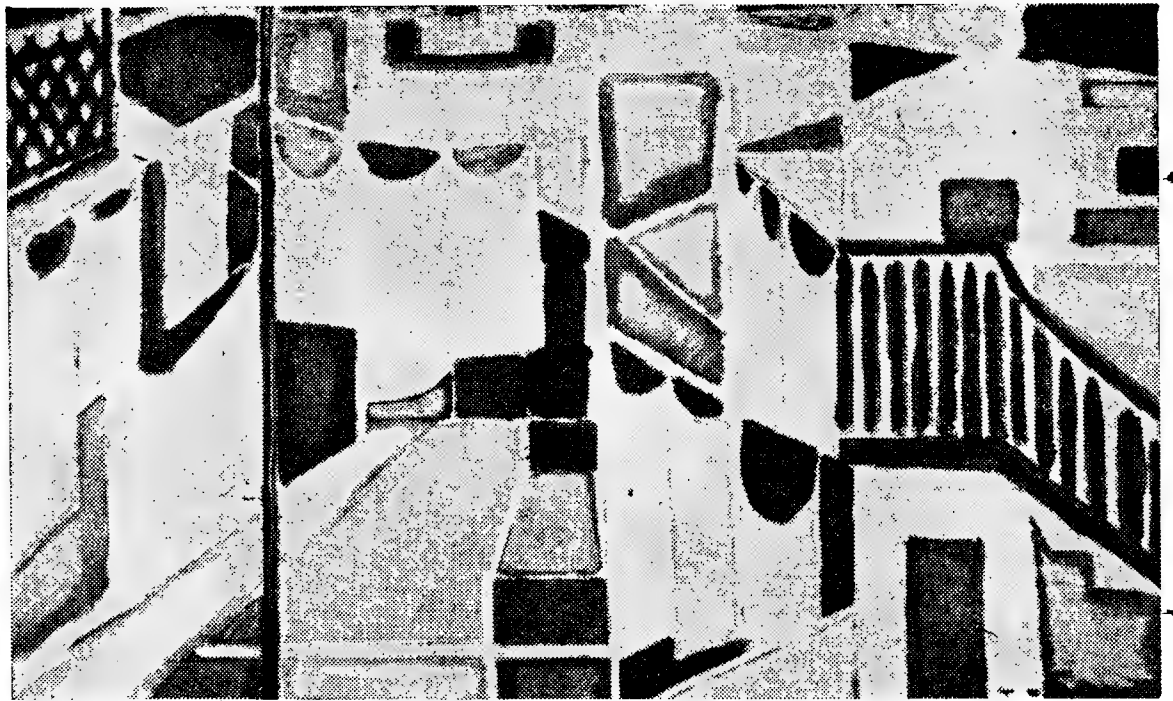
tos — a boca, as sobrancelhas e os olhos (estes com três movimentos: abrir, fechar, olhar à esquerda e à direita). Os dedos das mãos e dos pés são articulados e podem fazer gestos de acariciar, bater, acenar, marchar, saltar, etc. Os bonecos são pintados, têm cabelos, saem daqui vestidos conforme o sexo e condição social da figura que representam. Os destinados ao teatro de Osaka medem um terço de uma pessoa normal; os encomendados pelo teatro de Tokushima, menos sofisticados, são de tamanho natural, alguns até maiores que um homem. Sai cada boneco por uns oito contos.

Mais que os bonecos, porém, impressionou-me o seu criador. Mestre Oe é um homem pequeno e magro, de rosto fino, olhos de uma pureza que ilumina. No seu sorriso simples e com bondade transparece o sonho em que vive, a graça da beleza e da arte que tem ocupado todos os dias dos seus trinta e cinco anos de trabalho. Não dá de forma alguma a impressão de que habita o passado, mas de um homem candido que vive num mundo intemporal e iluminado, onde as coisas habituais se não impõem. Na sua casa pobre, as poucas, simples ferramentas, as dezenas de cabeças de fantoches, sugerem, à primeira vista, um anacronismo. Mas quando depois pensamos que tudo que fez grande o Japão, foi a pobreza e a simplicidade, o amor das coisas sem valor — o amor das flores, da pedras, da casa sem móveis nem adornos, da comida sóbria, da limpeza, da vida estóica — quando mergulhamos nos velhos conceitos nipônicos de indiferença perante a riqueza (num Oriente que adora o luxo e o fausto), de culto pelo estilo e do refinamento e de aplicação do gosto estético às actividades mais simples e comuns, sentimo-nos aqui reconfortados, purificados, como quem se aproxima da frescura de uma fonte de água pura.

Surpreendeu-me a maneira como Mestre Oe se referia aos seus bonecos. Quando falava do guerreiro de ar sanhudo que tinha na mão, dizia sempre — «o senhor samurai». Que exemplar humildade do artista perante as obras da sua criação! Que respeito, que veneração por aquilo que, criado, toma a sua individualidade própria, independente e quantas vezes maior do que o seu criador! E ao mesmo tempo que orgulho da sua própria obra, do seu génio, das mãos que operam o milagre da criação!

Vão desaparecendo do mundo moderno os artífices cultivadores das artes e ofícios tradicionais, que datam das primeiras balbucies humanas da beleza, das primeiras manifestações da alma humana e dos seus anseios para erguer-se ao céu, insatisfeita com a bruteza da terra. São estes os últimos herdeiros do sonho inteiro do homem para criar vida com o calor e o desejo das suas mãos ansiosas. Quando o progresso e o conforto houverem suprimido esses filhos directos dos deuses, a Humanidade terá concluído definitivamente uma fase da sua evolução, atingido mais alto nível de desenvolvimento material, mas terá também perdido aquela ilusão e sonho de criar sem os quais a vida é certamente mais triste e pobre. Se o homem um dia deixar completamente de trabalhar por suas mãos os metais e de modelar o barro, isso quer dizer que cortou todos os laços que o ligavam à sua velha mãe, a Terra, e que o caminho que vai trilhar será novo e virgem, tal, podendo reservar-lhe prodígios, como tremendas catástrofes.

ARMANDO MARTINS JANEIRO



«O pátio», de Carlos Botelho, reproduzido na capa do novo livro

A PINTURA DE CARLOS BOTELHO DOCUMENTADA NUM LIVRO INAUGURAL DE NOVA COLECÇÃO

Para abrir a sua nova colecção de «Artistas Portugueses do Século XX», escolheu a Editorial Notícias a figura e a obra de Carlos Botelho. A escolha foi, sem dúvida, acertada, dado que Botelho é bem um dos nomes mais re-

presentativos da arte portuguesa do nosso tempo, com a originalidade do seu pujante talento e a riqueza transbordante do seu admirável sentido pictórico.

O pequeno volume em que a Empresa Nacional de Publicidade

lança oportunamente esta colecção com que pretende contribuir para a vulgarização da obra dos nossos principais valores artísticos constitui justa contribuição para o melhor conhecimento de um pintor que, seja qual for a expressão do seu trabalho, é sempre intérprete admirável do carácter da bela cidade de Lisboa e do seu povo.

O livro, que abre com um estudo crítico de António Quadros, em que sintetiza com agudeza e compreensão a pintura de Carlos Botelho, é completado por numerosas reproduções de quadros do artista, documentando cuidadosamente as várias fases da sua triunfal carreira.

O centenário do nascimento de Romain Rolland

Vai celebrar-se em 1966 o primeiro centenário do nascimento de Romain Rolland, escritor e homem de acção, que teve grande relevo na vida literária e cívica, não só da França como de todo o mundo culto, e exerceu profundas influências nas gerações surgidas entre as duas guerras mundiais. O Governo francês vai promover a celebração oficial do centenário e o ministro para os Assuntos Culturais, André Malraux deu já conhecimento público de alguns actos que o vão assinalar.

Na segunda quinzena de Janeiro próximo, terá lugar na *Comédie Française* um sarau literário, em que serão incluídas a representação da peça de Romain Rolland «Le Jeu de l'Amour et de la Mort» e a leitura de outros textos do escritor. Em 2 de Março realiza-se uma cerimónia solene de homenagem no grande anfiteatro da Sorbonne, consoante o programa uma sessão musical em que será ilustrada ao piano a «Vida de Beethoven», de Romain Rolland. Em data ainda não fixada, será promovido um vasto colóquio nacional, que reunirá no «Centro Romain Rolland», de Vézelay, os mais categorizados especialistas da obra do escritor.

Além dessas manifestações, que dependem directamente do Ministério de Estado para os Assuntos Culturais, projectam-se, ainda, uma grande exposição documental da vida e obra de Romain Rolland, uma série extensa de programas a emitir pela Radiodifusão Francesa na semana que decorrerá de 16 a 22 de Janeiro; um colóquio internacional de que não foram ainda divulgados os elementos informativos de organização e participações; e um concerto público de encerramento, em 8 de Novembro do ano próximo.

Será oportuno relembrar que Romain Rolland teve em Portugal, igualmente, uma irradiação profunda e vasta, e que haveria interesse em que os admiradores fiéis da personalidade e da obra do escritor se congregassem para promover no nosso País uma evocação condigna.

«Jornal de Letras»

Recebemos a edição de Outubro passado do «Jornal de Letras», do Rio de Janeiro, que insere, como sempre, textos do maior interesse. Fausto Cunha subscreve um alarmado artigo: «Quem poderá salvar a biblioteca nacional?». Elysió Condé faz uma sentida evocação de Brito Broca a cuja obra literária a sua terra natal, Guaratinguetá, consagra uma «semana» comemorativa do estudo cujo relato minucioso é feito.



ROMAIN ROLLAND

Projecção da cultura portuguesa no Brasil

O professor Silvio Elia, da Universidade Católica do Rio de Janeiro e do Colégio D. Pedro II, ensaísta e crítico de grande prestígio, publicou no jornal «Correio da Manhã», daquela cidade, em 29 de Agosto passado, um artigo intitulado «Crítica Universitária», em que consagra destacadamente a personalidade intelectual e a obra do professor e escritor português dr. Jacinto do Prado Coelho. Para além do testemunho de apreço literário assim individualizado, esse trabalho de Silvio Elia reflecte um interesse pela cultura portuguesa, nas suas mais altas realizações e figuras, que cumpre assinalar gratamente.

O estudo do ilustre professor e escritor brasileiro termina com as seguintes e expressivas palavras: «Trata-se, positivamente, de um crítico universitário que o Brasil precisa conhecer melhor, não só para admirá-lo, mas também para enriquecer-se. Esse último estudo a que me refiro, dedicado a Fernando Pessoa, é imprezível na cultura de qualquer autêntico humanista, português ou brasileiro. Prado Coelho, para concluir, é desses professores que, pelo seu valor intelectual, rigor de método, clareza de inteligência, probidade científica, se elevam naturalmente à categoria de mestres, isto é, de guias espirituais duma geração, capazes de formar discípulos e de fazer progredir o labor intelectual dum povo».

A barreira que, em alguns aspectos, tem distanciado os intelectuais brasileiros e portugueses — a começar pela difícil expansão do livro — encontra neste testemunho uma excepção que registamos com especial satisfação.

Novidades Literárias

TERRA MORENA

Algarve do Sonho e da Realidade por

CESAR DOS SANTOS

O Algarve de Ontem, Hoje e de Amanhã.

A venda em todas as livrarias.

Tiragem normal c/ 550 págs.

70\$00

Tiragem de luxo, especialmente dedicada aos bibliófilos (limitada a cem exemplares rubricados pelo Autor e c/ numerosas reproduções fotográficas em extra-texto)

c/ 550 págs., 200\$00

Os pedidos devem ser dirigidos a

INICIO

Av. Almirante Reis, 23-4.º, E.

LISBOA

GIOVANA

(Histórias Aniquiladas)

Novelas

de TOMAZ RIBAS

268 páginas — 35\$00

A fortuna do senhor Meller

por CATHERINE ROY

RESUMO — No dia seguinte a um jantar em que foi convidado do rico senhor Meller, juntamente com Isabelle, sobrinha deste, Gilberto Fargeau, negociante de quadros, e o dr. Robert, médico assistente do dono da casa, o inspector Dumont é chamado por causa de uma agressão de que foi vítima Meller, internado em estado muito grave na casa de saúde do dr. Robert. Isabelle, que casou contra a vontade do tio, é deserdada por este.

13 — Dumont volta a casa de Meller. Pretende continuar o inquérito. Chama Ferdinand ao salão e interroga-o demoradamente. Mas Ferdinand não pode dar-lhe indicações por aí além. «Há dois anos que estou ao serviço do sr. Meller», diz ele, «desde quando ele regressou a França, creio. O meu patrão vivia antes disso na Venezuela. Tinha feito algumas relações aqui, mas não lhe conheço verdadeiros amigos. A pessoa com quem ele se dá mais é a senhora Fargeau, que lhe arranja quadros valiosos. É a sua paixão!» «E a sobrinha, Isabelle Tarne? Vêem-se muitas vezes?», pergunta o inspector. «Nem por isso», responde Ferdinand, «é a única pessoa de família que lhe resta!»



Copyright opera mundi

14 — A conversa é interrompida por um toque de campainha na porta de entrada. Ferdinand precipita-se. É Isabelle. «Querida, falo com o meu tio», diz ela. «O sr. Meller está?» Ferdinand conta a Isabelle a agressão de que o tio foi vítima. «É horrível!», exclama Isabelle, «quem poderia ter feito isso?» Estão no patamar da entrada e Dumont ouve tudo pela janelinha do salão. Isabelle parece fora de si. «Tenho de ir já à casa de saúde», diz ela. Depois muda de ideias: «Ferdinand, devo ter-me esquecido de uma boquilha na sala de fumo, na noite do jantar... Não, não se incomode, eu mesma a vou procurar!» Ferdinand deixa-a passar e ela caminha ao longo do corredor, em direcção à sala de fumo. Dumont sai do salão e segue-a silenciosamente...



15 — Isabelle fecha a porta da sala de fumo e precipita-se para a secretária. Abre-a rapidamente. Puxa uma gaveta e retira um papel, que depois esconde num bolso do vestido. Endireita-se, volta-se para sair da sala. Dumont barra-lhe o caminho. «É capaz de mostrar-me esse papel que tirou da secretária do seu tio?», diz em tom imperativo. Isabelle olha-o com terror, mas tenta fazer o seu jogo: «O quê? Mas que papel? Não tirei nada da secretária... Eu... eu tinha-me esquecido da boquilha uma destas noites... e pensei que o meu tio talvez a tivesse posto na secretária...» «E sabia exactamente em que gaveta estava?», replicou Dumont com ironia. «Vamos, minha senhora, não me obrigue a tomar-lhe esse papel à força!» Aflita, Isabelle estende a Dumont o testamento de Meller, o testamento que a deserdou...



MÓVEIS EM QUALQUER ESTILO — COLCHOARIAS — ROUPEIROS — SOFAS-CAMAS — CANDEIROS — CONCERTOS — DECORAÇÕES — ESTOFOS

Av. Almirante Reis, 94-A e 94-B — T. 734210 — LISBOA

AVISO

Hermínio Lopes, ex-técnico da Olivetti Portuguesa, especializado nas máq. de somar e calcular «Olivetti», além de outras marcas, comunica que passa a dar a sua colaboração à firma «OliRoy», onde se encontra à disposição dos Ex.ºs Cliente e Amigos, a quem agradece a preferência.

R. Augusta, 193-3.º-Dto. — Telef. 30225

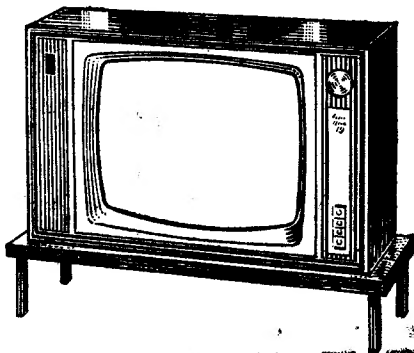


16 — No mesmo momento volta a ouvir-se a campainha da porta. Dumont pensa que será o seu amigo dr. Robert, a quem pediu que viesse a casa do velho Meller. «Vá para sua casa», diz ele a Isabelle, que soluça encostada a uma poltrona. «Não tenho tempo para me ocupar de si...» Dirige-se ao encontro do médico e leva-o para a sala de fumo. «O dr. faz favor sentar-se nesta poltrona e põe-se na posição em que estava Meller quando o encontrou», diz ele. Robert faz como Dumont pediu. O inspector observa-o atentamente. Mas de repente o médico levanta-se, com todo o vagar, e encaminha-se para o quadro de Utrillo pendurado na parede: «É estranho», diz ele. «A luz muda tudo! Antontem á noite jurava que este quadro era falso, mas hoje reparo que me enganei! Este Utrillo mostra de facto um pincel de mestre... Sei do que estou a falar. Meller vai largar-se a ri quando eu lhe apresentar as minhas desculpas...» Aproxima-se um pouco mais do quadro: «Dumont», diz ele, «dou-lhe a minha palavra de honra que não enlouqueci. Aposto o que você quiser, mas este quadro não é o mesmo que vi antontem, no mesmo lugar onde agora está!»

(Continua)

Grande Campanha Familiar!

COLABORAMOS NO SEU NATAL OFERECENDO A PRESTAÇÃO DO MÊS DE DEZEMBRO



equipado com moderno comando automático que mantém constantes o brilho e contraste da imagem

TOP RANK

O TELEVISOR QUE DA REALIDADE A IMAGEM

PREÇOS BAIXOS E AS FAMOSAS FACILIDADES DA

Bardo

AV. DA LIBERDADE, 131 | AV. ALMIRANTE REIS, 124 B | RUA DE S. BENTO, 53A/57

ASTON MARTIN DB-4

IMPECÁVEL ESTADO GERAL

VENDE-SE

GARAGEM VICTÓRIA

3 — RUA NOVA DE S. MAMEDE — 9



DUCRETET THOMSON

TELEVISORES — RADIOS — GIRA DISCOS

REPRESENT: FIO AV. DA LIBERDADE, 141-L — LISBOA — TEL. 820108

HORÁRIOS DOS COMBOIOS TRANVIAS PORTO-AVEIRO

SUPRESSÃO DE TRAJECTOS ENTRE PORTO (CAMPAÑHA) E PORTO (SAO BENTO)

Comunica-nos a C. P. que desde 22 do corrente o comboio n.º 902 passa a ter a sua origem em Porto (Campanhã), com partida às 6-19 horas e chegada a Espinho às 7-00 h, e os comboios n.ºs 903, 905 e 911 passarão a ter o seu término na mesma estação, partindo o primeiro de Espinho às 6-10 h e o segundo e o terceiro de Ovar às 6-40 h e 7-50 h, com chegadas a Porto (Campanhã) às 6-49 h, 7-44 h e 8-53 h, respectivamente.

MÁQUINAS DE LAVAR

FANTASTICA CAMPANHA DE NATAL, COM DESCONTOS QUE VÃO ATÉ 30 %

Assistência Técnica e garantia absoluta

16 ANOS DE EXPERIÊNCIA NA VENDA

DE ELECTRODOMÉSTICOS

Visite-nos e ficará cliente

CASA M. L. FERREIRA

R. D. ESTEFÂNIA, 48-1.º ANDAR

(Junto ao Largo)

CASACOS CAMURÇA E CABEDAL

Preços de Fábrica

Fazem-se transformações em todo o Vestuário de Cabedal e Antilope

Exclusivos VAMAR

R. BARÃO DE SABROSA, 78. r/c.

(à Rua Morais Soares)

ESQUENTADORES

FANTASTICA CAMPANHA DE NATAL, COM DESCONTOS QUE VÃO ATÉ 30 %

Assistência Técnica e garantia absoluta

16 ANOS DE EXPERIÊNCIA NA VENDA

DE ELECTRODOMÉSTICOS

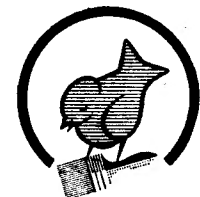
Visite-nos e ficará cliente

CASA M. L. FERREIRA

R. D. ESTEFÂNIA, 48-1.º ANDAR

(Junto ao Largo)

AQUI HÁ PARDAL!



PARDAL

A GRANDE MARCA PORTUGUESA DE PINCELARIA

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos

VALENTIMOS DE CARVALHO

Comércio e Indústria, S. A. R. L.

95, Rua Nova do Almada, 99

LISBOA

TELEVISORES

FANTASTICA CAMPANHA DE NATAL, COM DESCONTOS QUE VÃO ATÉ 30 %

Montagem de Antenas

Assistência Técnica e garantia absoluta

16 ANOS DE EXPERIÊNCIA NA VENDA

DE ELECTRODOMÉSTICOS

Visite-nos e ficará cliente

CASA M. L. FERREIRA

R. D. ESTEFÂNIA, 48-1.º ANDAR

(Junto ao Largo)

Jardim-Escola de Esqui em pleno Harz

Logo que os primeiros flocos de neve começam a salpicar as extensas montanhas da Alemanha, entusiastas vindos de todo o mundo preparam-se para o seu desporto favorito. Naturalmente que, satisfazendo o desejo dos seus hóspedes, as várias estâncias de Inverno, desde os Alpes, Floresta Negra até ao Harz, vão aperfeiçoando de ano para ano as suas instalações hoteleiras e desportivas. No entanto, os desportistas de «palmo e meio» não são esquecidos; também eles podem gozar os prazeres das «férias nevadas». Braunlage, famosa estância de desportos de Inverno no Harz, tem agora um Jardim-Escola de Esqui, pronto a receber os seus pequenos hóspedes.

SABIA QUE...

As folhas da borracha, quando em infusão, na dose de 30 gramas por litro de água, usam-se como astringente para combater as inflamações, principalmente da boca, e em forma de banhos locais para o tratamento dos fluxos brancos!

EFEMÉRIDES

Novembro

- 1497 — Dia 25 — Vasco da Gama fundeia na baía de Sam Brás.
- 1510 — Dia 25 — Afonso de Albuquerque toma Goa.

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 25 de Novembro de 1935 publicava:

«RIO DE JANEIRO, 25. — Confirmando as notícias desta madrugada que anunciam ter estalado um movimento revolucionário comunista no Rio Grande do Norte, as autoridades informam que os comunistas se apoderaram da cidade do Natal, capital daquele Estado.

Foram adoptadas as maiores precauções militares a fim de evitar que o movimento alastre a outros Estados. Na capital federal o sossego é absoluto.

O chefe do movimento comunista é o general Luís Carlos Prestes, que foi um dos chefes da Revolução de 1924. Ainda que Prestes seja o chefe dos comunistas brasileiros, crê-se que lhe será impossível implantar no Brasil o regime comunista, pelo que procurará estabelecer um regime socialista moderado.»

CUIDADO

com as intoxicações

Muitas intoxicações motivadas por conservas em mau estado, dão-se talvez porque as pessoas não têm o devido cuidado. Quando as latas se encontram amachucadas, convém ver bem, pois o seu conteúdo pode ter fermentado e, portanto, não se encontrar capaz para consumo.

Para saber se o conteúdo de uma lata de conserva está em bom estado, coloque os polegares sobre a tampa e comprima-a com força. Se a concavidade produzida sob o efeito da pressão dos dedos se mantém, então o conteúdo da lata encontra-se em bom estado. Se, pelo contrário, decorrido algum tempo a concavidade desapareceu, é porque há fermentação no seu interior.

A PRESTAÇÕES

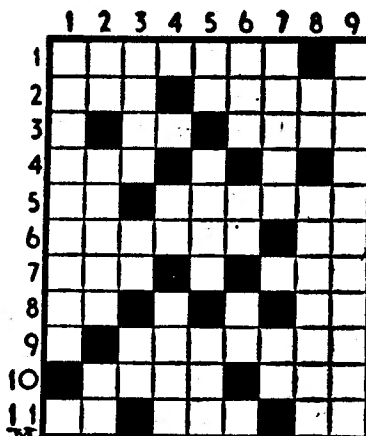
FATOS E GABARDINES
C/ e S/ FIADOR
Av. Almirante Reis, 98-B



— Mas ele já devia ter chegado aí... Salu no primeiro autocarro...

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 3937



HORIZONTAIS: 1 — Quadro, 2 — Pequeno poema da Idade Média,

PALAVRAS CRUZADAS

narrativo ou lírico. Formada de elementos de diversa natureza. 3 — Além. Dêem crédito. 4 — Rei lendário de Tróia, fundador de Ilion. 5 — Porco. Luta. 6 — Instrução. Símbolo químico do alumínio. 7 — Actua. Julga. 8 — Lobruga. Concede. 9 — Imaginai. 10 — Interjeição que designa consentimento. Alguns. 11 — Preposição. Argola de cesto. A st.

VERTICAIS: 1 — Demandava em juízo. 2 — Dirigia-se. Distant. Pronome reflexo. 3 — Um dos maiores rios da África (6500 km). Igreja episcopal. Medida inglesa de doze polegadas. 4 — Nome de letra grega. Observe. 5 — Qualquer. Riqueza. Em as. 6 — Cordilheira de Marrocos. O lado do vento (termo náutico). Pertences. 7 — Abrigue. Símbolo químico do ouro. 8 — A ti. Terrenos onde se cultivam flores e

plantas. 9 — Caminhasse sem firmeza nas pernas.

Resoluiu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

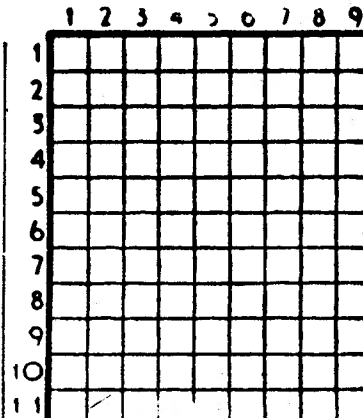
Solução do problema n.º 3936

HORIZONTAIS: 1 — Negus. Ab. 2 — Arame. Cru. 3 — Sós. Molar. 4 — Cair. 5 — Olear. 6 — A. PEN. SAR. 7 — Trarei. Im. 8 — Ai. Toou. 9 — Lota. Nica. 10 — Se. Ia. Em. 11 — MORREU.

VERTICAIS: 1 — Nas. Fatal. 2 — Eros. Rios. 3 — Gás. Opa. Tem. 4 — UM. Alerta. 5 — Sem. Eneo. Ir. 6 — Ocasionar. 7 — Clara. Ui. 8 — Arai. Ri. Céu. 9 — BURRO. Moam. (Provérbio: A PENSAR MORREU UM BURRO).

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 7782



HORIZONTAIS: 1 — Progenitores. Pequena enseada entre rochedos. 2 — Parte do Indostão, na costa do Decão, e banhada pelo golfo ou mar de Omana. 3 — Terceiro. Troça. 4 — Época. 5 — Determinaram. 6 — Leva á toa, a reboque. Larvas das feridas dos animais. 7 — Depósito de ossos. 8 — Rio da Suíça. 9 — Artigo definido. Passada. 10 — Refreio. 11 — De cobre. Metal precioso de cor amarela.

VERTICAIS: 1 — Rio de Itália. Ave pernalt. Oportunidade. 2 — Concha de balança. Ente. 3 — Prefixo de negação. Freguesia do concelho de Guimarães. Base. 4 — Val para fora. Cabelos brancos. Elró. 5 — Rio de Portugal. Tramei. 6 — Tomba. Artéria. Patrão. 7 — Prefixo que designa afastamento. Entrada dum porto. Alternativa. 8 — Pátria. Romance de Eça de Queirós. 9 — Cantiga. Ribeira do distrito de Portalegre. Isolado.

Solução do problema n.º 7781

HORIZONTAIS: 1 — Arga. Como. 2 — Be. Rui. Ad. 3 — Soko. 4 — Mol. 5 — Liga. Adir. 6 — Ana. Ano. 7 — Rala. Anel. 8 — Mal. 9 — Taipa. 10 — Ar. Voe. Au. 11 — Leça. Sabá.

VERTICAIS: 1 — Aba. Lar. Val. 2 — Re. Sinai. Re. 3 — Cal. 4 — Aroma. Amava. 5 — Ulo. Aio. 6 — Clita. Alpes. 7 — Dan. 8 — Má. Sines. Ab. 9 — Ode. Rol. Tua.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social e de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

FACTOS REAIS

«Os grandes erros judiciários»



13 — Esta história quase inacreditável foi contada há anos por vários jornais, em seguida a certas revelações feitas num congresso de cardiologia em Nova York. Refere-se a um homem que, condenado á morte e executado, sobreviveu á cadeira-eléctrica. Este homem estava inocente do crime de que o acusavam.

14 — Corria o Outono de 1952 quando o garagista Charles Jenkins, de Chicago, foi encontrado assassinado no seu escritório. O inquérito estabeleceu rapidamente que Jenkins tivera, pouco antes do crime, uma viva discussão com um dos empregados, Harry Brown.



Este foi capturado, interrogado, e apesar da sua negativa reconhecido culpado, condenado á morte e executado.

15 — É aqui que começa a extraordinária aventura do morto-vivo. O advogado de Brown, chamado Clark, estava profundamente convencido da inocência do seu cliente. Ouvira falar de certas experiências de reanimação, efectuadas com inteiro êxito em animais electrocutados, na própria cidade de Chicago. Concebeu então a ideia de «ressuscitar» Brown após a execução. Para tanto pôs-se em contacto com um amigo, inventor de um aparelho capaz de substi-



tuir-se, durante um certo lapso de tempo, ao coração e aos pulmões de um ser vivo. Clark entusiasmou-se de tal forma pela sua iniciativa que transpôs todos os obstáculos. Improvisou uma sala de operações a alguns metros da prisão, obteve autorização para transportar o corpo logo após a execução, etc... É claro que a operação devia fazer-se clandestinamente. O próprio Brown ignorava tudo.

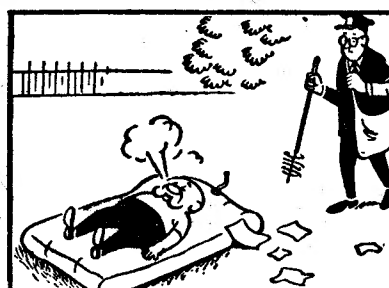
16 — No dia da execução, Brown sentou-se na cadeira fatídica protestando uma vez mais a sua inocência. Decorridos instantes, vários empregados de uma agência funerária levavam para fora da



prisão o caixão onde fora depositado o «cadáver». Mais oito minutos e Brown estava deitado na mesa de operações. A experiência foi um êxito. Brown, reanimado, entrou em convalescença. Clark arranhou-lhe o emprego noutra cidade e ele começou uma nova existência. Meses depois suicidava-se um traficante de drogas numa célula da prisão de Chicago, deixando uma confissão onde se acusava de um certo numero de factos, entre os quais o assassinato do garagista Jenkins. Brown podia regressar á comunidade dos homens livres e obter a sua reabilitação.

(Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



«Aventuras da Razão»

— poemas

de Eurico da Costa

Treze anos passados sobre a publicação de «Sete Poemas da Solenidade e um Requiem» (Edição Arvore, 1952), reaparece Carlos Eurico da Costa como poeta num livro que vai solicitar, sem dúvida, vivas atenções. Intitula-se «Aventuras da Razão» e foi incluído pela Livraria Moraes Editora na excelente e prestigiosa coleção *Círculo de Poesia*, que assim reata, também, uma trajetória consagrada de revelação dos nossos valores literários modernos.

Tendo vivido intensamente, há anos, a experiência do surrealismo, ao lado de Mário Cesariny e do malogrado António Maria Lisboa, percorreu Carlos Eurico da Costa neste intervalo longo um caminho que no livro de poemas agora publicado demarca uma intensa evolução. A imagística surrealizante aflora ainda com frequência nas páginas de «Aventuras da Razão» — mas agora depurada de transposições herméticas e de exorbitâncias intencionais, vivamente clarificada e com poder alusivo que atrai mais fortemente a comunicação do leitor. E, entretanto, imprimiu Carlos Eurico da Costa uma carga de humanização mais directa e compartilhável à sua poesia que leva a descobrir nela, sem artifícios, uma expressão de presença na vida e de frescura criadora que é testemunho dessa «maturidade lúcida» a que reporta um dos poemas do livro. Traz o autor, firmemente, uma linguagem nova e, ao mesmo tempo, vem alinhar com ela na continuidade da nossa lírica moderna. As inquietações que traduz, o retorno aos temas do amor e do companheirismo, a representação poeticamente integrada de ambientes naturais, asseguram à nova criação de Eurico da Costa uma diversidade na unidade que traduz a riqueza virtual da sua poesia e a largueza possível dos rumos que a vão continuar. Com esta notícia breve, que não exclui futura crítica ao livro, procura-se acentuar, apenas, que um belo e aliciante livro de poesia acaba de vir a público — e que o autor promete com ele uma continuidade estimuladora.

Transcreve-se, a seguir, um expressivo poema de «Aventuras da Razão».

Flor de nardo
De rara transparência
Na tua boca nasce
O odor das madrugadas
Dos teus olhos escorre um segredo
De vida desencantada

Rara doce e distante
Acaricio-te sangrando de desatino
Febrilmente atento
A teu sono entrecortado de lágrimas

Uma guitarra velha
Ulcerada de gritos amor e desventura
Uma nave inundada pela tormenta
— Este é o meu coração
Pulsando como um sol
Agora que vieste
Envolta na glória
Da tua solidão.

CARLOS EURICO DA COSTA

«DIÁRIO DUM SOLDADO ALEMÃO»

Integrado na colecção «Labirinto», a Editorial Aster lançou no mercado o «Diário dum soldado Alemão». Esse soldado é Wilhelm Prüller, nome inteiramente desconhecido até 1963 e cujo diário de campanha foi editado em Londres. Ele próprio entregara para esse efeito o manuscrito, em 1959.

Bem identificado com o espírito do soldado alemão — e das S.S. —, Prüller é no entanto natural da Áustria. O seu drama pessoal começou por ser o drama da sua pátria. Depois, a guerra de 1939-45 apanhou-o na sua engrenagem fatal — e ele foi testemunha da tragédia da Europa. Na sua ingenuidade fê nazi, na sua repugnância pela violência, no gosto do quotidiano, na singeleza da sua entrega ao dever, e sobretudo no amor conjugal que o fez escrever o diário como um longa carta à mulher distante — Prüller foi sempre humano. Por isso os editores ingleses escreveram com justiça: «O Diário dum soldado Alemão», é a outra face do mundo que produziu o «Diário de Anne Frank».



CARLOS EURICO DA COSTA

Dois estudos literários

de G. Oliveira Santos

Assinalado como investigador e historiador crítico pelo trabalho «O Caso dos Távoras», G. Oliveira Santos volta agora ao interesse do público literário com dois livros que atestam a continuidade do esforço do estudioso. Um deles, intitulado «Trovas de Crisfal», inclui a reprodução em fac-símile da primeira edição do debatido poema, cuja autoria tem constituído quebra-cabeças tradicional para os historiadores da literatura. Oliveira Santos enquadra a obra num amplo estudo, análise de variantes e notas que no conjunto, representam elucidativo inventário do velho problema. Sem trazer a chave do enigma, o autor faculta estimuladores elementos para novas e documentadas investigações.

Num outro volume, «Há 100 anos — Algumas cartas inéditas de António Feliciano de Castilho», reúne o dr. Oliveira Santos uma interessante colectânea de correspondência de Castilho com seu avô, João Rodrigues de Oliveira Santos, incluindo expressivos aspectos da vida literária e social portuguesa e brasileira em meados do século XIX. O breve ensaio que abre o volume é valioso testemunho da cultura literária do autor. Ambas as edições são apresentadas pela Livraria Portugal, de Lisboa.

IRENE LISBOA

(Continuação da página central deste suplemento)

Concordo por inteiro. E junto ainda este apuro de experiência pessoal: para mim — e acreditem que sou problema a fundo — o toque da solidão verdadeira não a confere a angústia ou o desespero (as manifestações mais grosseiras da solidão), mas o anseio de fraternidade e a luta para apagar e vencer o espaço e o tempo que separam os seres que se procuram no ódio e repelem no amor.

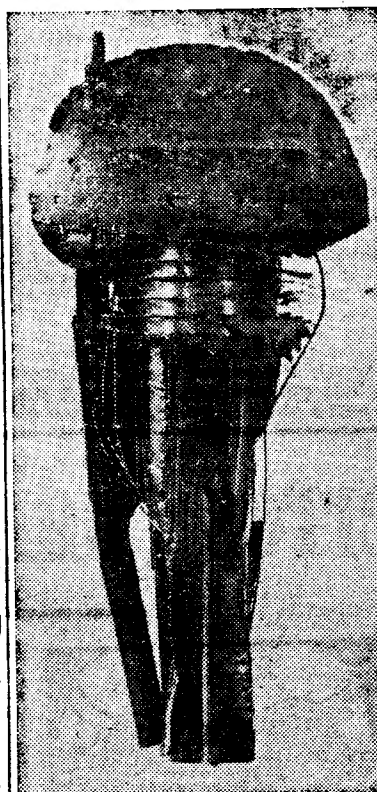
E é por isso que, tanto em Irene Lisboa como em Fernando Lopes Graça (este, por exemplo, no seu profundo Canto de Amor e de Morte), vemos de súbito erguerem-se do poço dois braços sangrentos em busca de outras mãos para apertar...

Mateo Manaure

— um pintor venezuelano

Conhece-se alguma coisa, entre nós, da pintura brasileira; fala-se muito das novas correntes das artes plásticas na América do Norte; uma exposição itinerante australiana anda a percorrer a Europa, acolhida como fonte de interessantes revelações. O que se sabe e o que se diz, porém, dos antigos ou dos novos valores da pintura hispano-americana? Muito pouco, quase nada. Nesse vasto núcleo de países latinos, todavia, existem correntes artísticas valiosas e fecundas, criadores de garra original e de intensa frescura na expressão plástica do seu mundo. Seja exemplo este Mateo Manaure, que é um notável pintor da Venezuela e de quem nos chega notícia referenciada e gráfica a propósito de uma exposição que teve largo eco.

Como Armando Barrios ou Cristina Merchán, tem Mateo Manaure criado uma obra de firme personalidade e de valores plásticos positivos, dando testemunho de nostalgias em que a infância ocupa destacado lugar. Cada quadro do pintor, como escreveu um crítico, é uma soma de experiências para partir de novo em busca de elementos que enriquecem a sua arte. Na diversidade aparente, traduz o artista uma vigorosa unidade de estilo que reconduz todas as obras à fonte originária do seu temperamento fina-



«MICROMEAS» intitulou Artur Varela esta sua escultura em ferro que na exposição recentemente efectuada no Fodor Museum, em Amsterdam, obteve o primeiro prémio. Artur Varela, jovem escultor que não passou ainda a casa dos vinte, mal saído da Escola Superior de Belas Artes seguiu para Paris e, depois para a Academia 63, em Haarlem, onde tem trabalhado e onde expôs já individualmente com bastante êxito. O artista encontra-se presentemente em Lisboa, tendo anunciado regressar em breve ao seu atelier de Haarlem.



Sueño de Alquimia, quadro de Mateo Manaure recentemente exposto

mente sensível. O prestígio conquistado por Manaure na Venezuela está a irradiar em outros países. Não seria de interesse que este e outros artistas representa-

tivos da América Latina viessem até nós, de vez em quando, com a sua mensagem estimuladora, em exposições que justificariam o interesse de largo público?

«OUTRO NOME»

— poema de Gastão Cruz

Num caminho de juventude que seguramente se renova, aberto às inspirações que o tempo lhe sugere, Gastão Cruz, nosso prezado colaborador e significativo poeta da geração que ascende à maturidade, acaba de publicar um livro que vai ter longo eco. Com o título «Outro Nome» designou o autor um extenso poema em dez canções, onde a inspiração temática e a forma se conjugam com vigorosa originalidade. Tendo nascido para a vida literária com o grupo «Poesia 61», Gastão Cruz não tardou a definir em «Hematoma», depois em «A Doença», um rumo acentuadamente pessoal, de pesquisa e de realização poética, que o vai conduzindo à descoberta das suas próprias possibilidades.

«Outro Nome» é um poema de aparente dificuldade que não demora a desvendar-se em nítidas expressões de uma presença no mundo, de emoção e vivência perante a natureza e dentro dela, de alusivo testemunho à experiência jovem que o tempo vai carregando de sentido. É um carácter muito especial se afirma nesta nova lírica: o retorno voluntário e simbólico a formas clássicas, deliberadamente camonianas, que en-



GASTÃO CRUZ

volem uma modernidade conseguida por vocação própria e sem artifício. Sob muitos aspectos traz este poema longo de Gastão Cruz a revelação de um gosto e de uma arte da poesia que são expressivamente invulgaes entre tantas tentativas que vão surgindo no género.

O livro inclui-se na Colecção Poesia e Verdade, de Guimarães Editores, com a elegância gráfica que a caracteriza na já extensa série publicada.

Transcreve-se, a seguir, a Canção Nona do poema «Outro Nome»:

Ardor da escuridão descomedida
das arelas imensas de Setembro
a lua suave escura já ardida
nas alheias espumas do sossego.
Só as nuvens de areias esgotadas
só o ardor dos ares luminosos
não já da claridade mas da morte
dos brilhos vãos da formosura na
escuridão dos banhos mergulhada
e submersa e da luz firme dos ares
ardentemente presa e desviada

Já não da larga fonte na inquieta
formosura dos banhos procurada
do amor ou da vida ou da sinistra
ou triste luz dos banhos do passado

Tememos o sossego o duro pó
das vidas acabadas
o silêncio do Tejo que conduz

a poeira da morte e não a lava
das águas o clarão da surda morte
de Portugal a limpidez mortal
de saído o rio Tejo arrefecidos
em longínqua espessura ardidos corpos
a cratera tranquila aonde a vida
a confusa claríssima tristeza
a apagada e vil austera luz
ardente se movera
canção se destruiu cada dia
cada golpe de pó que a luz desferia

GASTÃO CRUZ

Um estudo sobre a vida e obra de Shakespeare

Além da 5.ª edição (18.ª milhar) do romance de Fernando Namora «O Trigo e o Joio», a que o cinema veio agora trazer mais uma significativa consagração pública, e da 8.ª edição, revista, da «História da Literatura Portuguesa» de António José Saraiva, a editorial Publicações Europa-América incluiu nos seus últimos lançamentos o volume «Shakespeare», de Peter Alexander, em tradução de Ernesto Leal. Em mais de duas centenas e meia de páginas densamente documentadas reuniu o autor a informação ampla e actualizada sobre os múltiplos problemas que a vida e a obra de Shakespeare suscitam e que tem dado matéria a intermináveis debates. Ficam os leitores habilitados, com este metódico estudo, a situar a obra do dramaturgo no enquadramento da época em que foi gerada e da sua projecção viva ao longo dos séculos e a reconhecer o seu significado na evolução da arte e da cultura.

O volume integra-se na Colecção Saber, que Publicações Europa-América tem prosseguido com meritória continuidade e critério.

EMPRÉSTIMO SOBRE AUTOMÓVEIS

MAXIMO SIGILO

NO PRAZO DE 1 HORA

TELEFONE 328491



santos fernando

AS UVAS ESTÃO MADURAS

Um riso pensado onde se permite a lágrima

lawrence durrell

henry miller

CORRESPONDÊNCIA

A correspondência ilimitada de dois escritores de génio

editora ulisseia